

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Helena

Machado de Assis

Ilustrações:  
Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Helena

Machado de Assis

# Helena

## Machado de Assis

### **Ilustrações**

Eduardo Schloesser  
Iran Elson

### **Editor**

Malthus de Queiroz

### **Leitura, Adaptação e Comentários**

Rodolfo Santiago

### **Direção de arte**

Elto Koltz

### **Diagramação**

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



**Direitos reservados à**

**Editora Prazer de Ler Ltda.**

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2014

Impresso no Brasil

S235h Santiago, Rodolfo

Helena / Machado de Assis ; adaptação, leitura e  
comentários ; Rodolfo Santiago ilustrações: Eduardo  
Schloesser, Iran Elson. – Recife : Prazer de Ler, 2014.  
208p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO BRASILEIRA – I. Assis, Machado de,  
1839-1908. II. Schloesser, Eduardo, 1962-. III. Elson,  
Iran. IV Título. V. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 14-430

CDU 869.0(81)-3

CDD B869.3

ISBN: 978-85-8168-295-2

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Helena





SILVERMASTER

## Capítulo I

O conselheiro Vale morreu às 7 horas da noite de 25 de abril de 1859. Morreu de hemorragia cerebral fulminante, pouco depois de cochilar no início da tarde, — segundo costumava dizer, — e quando se preparava para jogar a partida de cartas na casa de um desembargador, seu amigo. O Dr. Camargo, chamado de pressa, nem chegou a tempo de empregar os recursos da ciência; o Padre Melchior não pôde lhe dar as consolações da religião: a morte havia sido instantânea.

No dia seguinte foi o enterro, e foi um dos mais concorridos que os moradores do Andaraí já viram. Cerca de duzentas pessoas acompanharam o finado até à última morada, estando representadas entre elas as primeiras classes da sociedade. O conselheiro, posto não fosse de nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, costumes, educação e tradições de família. Seu pai havia sido juiz no tempo colonial, e figura de certa influência na sociedade do último vice-rei. Pelo lado materno, vinha de uma das mais distintas famílias paulistas. Ele próprio teve dois empregos, se saindo com habilidade e decência, o que lhe garantiu a carta de conselho e a admiração dos homens públicos. Sem dificuldades por conta da política da época, não estava ligado a nenhum dos dois partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o levar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais **ideias** políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dois domínios podem se confundir. Se nenhuma saudade partidária lhe deu a última pá de terra, mulher houve, e não só uma, que viu ir se enterrar com ele a melhor página da sua mocidade.

A família do conselheiro era formada de duas pessoas: um filho, o Dr. Estácio, e uma irmã, D. Úrsula. Esta **cinquenta** e poucos anos; era solteira; viveu sempre com o irmão, cuja casa organizava desde o falecimento da cunhada. Estácio tinha vinte e sete anos, e era formado em matemática. O conselheiro havia tentado encarreirá-lo na política, depois na diplomacia; mas nenhum desses projetos teve início.

O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, logo que regressou do enterro, foi se encontrar com Estácio, que estava no gabinete particular do finado, em companhia de D. Úrsula. Também a dor tem suas vaidades; tia e sobrinho queriam **nutri-la** com a presença dos objetos pessoais do morto, no lugar de suas atividades cotidianas. Duas tristes luzes iluminavam aquela pequena sala. Alguns momentos correram de profundo silêncio entre os três. O primeiro que o rompeu, foi o médico.

— Seu pai deixou testamento?

— Não sei, respondeu Estácio.

Camargo mordeu a ponta do bigode, duas ou três vezes, ato que era comum quando fazia alguma reflexão.

— É preciso procurá-lo, continuou ele. Quer que o ajude?

Estácio apertou sua mão afetuosamente.

— A morte de meu pai, disse o moço, não alterou nada as nossas relações. Fica a confiança anterior, do mesmo modo que a amizade, já confirmada e antiga.

A gaveta estava fechada; Estácio deu a chave ao médico; este abriu o móvel sem nenhuma comoção exterior. Interiormente estava abalado. O que se lhe podia notar nos olhos era uma viva curiosidade, expressão em que, aliás, nenhum dos outros reparou. Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril. Quando achou o testamento, houve em seus olhos um breve lampejo, a que sucedeu a serenidade habitual.

— É isso? Perguntou Estácio.

Camargo não respondeu logo; olhou para o papel, como se quisesse adivinhar o conteúdo. O silêncio foi muito demorado para não causar impressão no moço, que aliás nada disse, porque acreditava que era efeito da comoção natural do amigo em tão dolorosa situação.

— Sabem o que estará aqui dentro? Disse enfim Camargo. Talvez uma falta ou um grande excesso.

Nem Estácio, nem D. Úrsula, pediram ao médico a explicação sobre as palavras. A curiosidade, porém, era natural, e o médico pôde lê-la nos olhos de ambos. Não lhes disse nada; entregou o testamento a Estácio, ergueu-se e deu alguns passos na sala, mergulhado em suas próprias reflexões, ora arranjando

maquinalmente um livro da estante, ora metendo a ponta do bigode entre os dentes, com a vista baixa, alheio completamente ao lugar e às pessoas.

Estácio rompeu o silêncio:

— Mas que falta ou que excesso é esse? Perguntou ao médico.

Camargo parou diante do moço.

— Não posso dizer nada, respondeu ele. Seria inconveniente, antes de saber os últimos desejos de seu pai.

D. Úrsula foi menos discreta que o sobrinho; após longa pausa, pediu ao médico a explicação de suas palavras.

— Seu irmão, disse este, era boa alma; tive tempo de o conhecer de perto e de apreciar suas qualidades, que eram excelentes. Era seu amigo; sei que o era meu. Nada alterou a longa amizade que nos unia, nem a confiança que depositávamos um no outro. Não quis, pois, que o último ato de sua vida fosse um erro.

— Um erro! Exclamou D. Úrsula.

— Talvez um erro! suspirou Camargo.

— Mas, doutor, insistiu D. Úrsula, por que motivo não acalma nosso espírito?

Estou certa de que não se trata de um ato que manche a imagem de meu irmão; naturalmente a algum erro no modo de entender, alguma coisa, que eu ignoro o que seja. Por que não fala claramente?

O médico viu que D. Úrsula tinha razão; e que, a não dizer mais nada, melhor seria ficar calado. Tentou desfazer a impressão de estranheza que havia deixado no ânimo dos dois; mas da hesitação com que falava, concluiu Estácio que ele não podia ir além do que havia dito.

— Não precisamos de explicação nenhuma, interveio o filho do conselheiro; amanhã saberemos tudo.

Nessa ocasião entrou o Padre Melchior. O médico saiu às 10 horas, ficando de voltar no dia seguinte, logo cedo. Estácio, recolhendo-se ao quarto, murmurava consigo:

“Que erro será esse? E que necessidade tinha ele de lançar este enigma em meu coração?”

A resposta, se pudesse ouvi-la, era dada nessa mesma ocasião pelo próprio Dr. Camargo, ao entrar no carro que o esperava à porta:

“Fiz bem em preparar-lhes o espírito, pensou ele; o golpe, se o houver, há ser mais fácil de sofrer.”

O médico ia só; além disso, era noite, como sabemos. Ninguém pôde ver-lhe a expressão do rosto, que era fechada e meditativa. Analisou o passado e vasculhou o futuro; mas de tudo o que reviu e analisou, nada foi dito a ouvidos estranhos.

As relações do Dr. Camargo com a família do conselheiro eram estreitas e antigas, como havia dito Estácio. O médico e o conselheiro tinham a mesma idade: **cinquenta** e quatro anos. Conheceram-se logo depois de tomado o grau, e nunca mais se separaram desde esse tempo.

Camargo era pouco simpático de primeira vista. Tinha as expressões duras e frias, os olhos analisadores e espertos, de uma esperteza incômoda para quem olhava para eles, o que o não fazia atraente. Falava pouco e seco. Seus sentimentos não transpareciam. Tinha todos os visíveis sinais de um grande egoísta; contudo, posto que a morte do conselheiro não lhe arrancasse uma lágrima ou uma palavra de tristeza, é certo que a sentiu muito. Além disso, amava sobre todas as coisas e pessoas uma criatura linda, — a linda Eugênia, como lhe chamava, — sua filha única e a flor de seus olhos; mas amava-a de um amor calado e escondido. Era difícil saber se Camargo professava algumas opiniões políticas ou nutria sentimentos religiosos. Das primeiras, se as tinha, nunca demonstrou; e no meio das lutas dos anos anteriores, conservara-se indiferente e neutro. Quanto aos sentimentos religiosos, a tentar **percebê-los** pelas ações, ninguém os possuía mais puros. Era pontual no cumprimento dos deveres de bom católico. Mas só pontual; interiormente, era incrédulo.

Quando Camargo chegou a casa, no Rio Comprido, achou sua mulher, — D. Tomásia, — meio adormecida numa cadeira de balanço e Eugênia ao piano, tocando um trecho de Bellini.

Eugênia tocava com habilidade; e Camargo gostava de a ouvir. Naquela ocasião, porém, disse ele, parecia pouco con-

veniente que a moça se entregasse a uma distração qualquer. Eugênia obedeceu, de má vontade. O pai, que estava ao pé do piano, pegou-lhe nas mãos, logo que ela se levantou, e a olhou com olhos amorosos e profundos, como ela nunca viu.

— Não fiquei triste pelo que me disse, papai, observou a moça. Tocava para me distrair. D. Úrsula como está? Ficou tão aflita! Mamãe queria demorar-se mais tempo; mas eu confesso que não podia ver a tristeza daquela casa.

— Mas a tristeza é necessária à vida, acudiu D. Tomásia, que abriu os olhos logo à entrada do marido. As dores dos outros fazem lembrar as próprias, e são um controle para a alegria, cuja quantidade pode gerar o orgulho.

Camargo analisou esta filosofia, que lhe pareceu muito severa, com algumas **ideias** mais acomodadas e risonhas.

— Deixemos a cada tempo seus próprios costumes, concluiu ele, e não antecipemos a da reflexão, que é tornar infelizes os que ainda não pararam de sentir a pureza.

Eugênia não compreendeu o que os dois haviam dito. Voltou os olhos para o piano, com uma expressão de saudade. Com a mão esquerda, assim mesmo de pé, extraiu vagamente três ou quatro notas das teclas. Camargo tornou a fitá-la com ternura; a face sombria pareceu se iluminar de uma irradiação interior. A moça sentiu-se nos braços dele; deixou-se ir. Mas a expansão era tão nova, que ela ficou assustada e perguntou com voz trêmula:

— Aconteceu lá alguma coisa?

— Absolutamente nada, respondeu Camargo, dando-lhe um beijo na testa.

Era o primeiro beijo, ao menos o primeiro de que a moça tinha memória. A carícia encheu-a de orgulho filial; mas impressionou-a mais. Eugênia não acreditou no que o pai lhe dissera. Viu-o ir sentar-se ao pé de D. Tomásia e conversarem em voz baixa. Aproximando-se, não interrompeu a conversa, que eles continuaram no mesmo tom, e versava sobre assuntos puramente domésticos. Percebeu-o; contudo, não ficou **tranquila**. Na manhã seguinte escreveu um bilhete, que foi logo caminho de Andaraí. A resposta, que lhe chegou às mãos no momento em

que provava um vestido novo, teve a gentileza de esperar que ela terminasse a o que fazia. Lida finalmente, dissipou todos os receios do dia anterior.

## Capítulo II

No dia seguinte, foi aberto o testamento com todas as formalidades legais. O conselheiro nomeava testamentários Estácio, o Dr. Camargo e o Padre Melchior. As disposições gerais nada tinham de mais: eram legados simples ou beneficentes, lembranças a amigos, dotes a afilhados, missas por sua alma e pela de seus parentes.

Uma disposição havia, porém, verdadeiramente importante. O conselheiro declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, com D. Ângela da Soledade. Esta menina estava sendo educada em um colégio de Botafogo. Era declarada herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens, e devia ir viver com a família, a quem o conselheiro instantemente pedia que a tratasse com estima e carinho, como se de seu matrimônio fosse.

A leitura desta disposição causou natural espanto à irmã e ao filho do finado. D. Úrsula nunca soube de tal filha. Quanto a Estácio, ignorava menos que a tia. Havia ouvido uma vez falar em uma filha de seu pai; mas tão vagamente que não podia esperar aquela disposição testamentária.

O espanto deu impressões diferentes a cada um. D. Úrsula reprovou de todo o ato do conselheiro. Parecia-lhe que, a despeito dos impulsos naturais e licenças jurídicas, o reconhecimento de Helena era um ato de afronta e um péssimo exemplo. A nova filha era, no seu entender, uma intrusa, sem nenhum direito ao amor dos parentes; quando muito, concordaria em que se lhe devia dar o quinhão da herança e deixá-la de lado.

Recebê-la, porém, no seio da família e de seus afetos, legitimá-la aos olhos da sociedade, como ela estava aos da lei, D. Úrsula não compreendia, nem lhe parecia que alguém pudesse entendê-lo. A aspereza destes sentimentos tornou-se ainda maior quando lhe ocorreu a origem possível de Helena. Nada sabia da mãe, além do nome; mas essa mulher quem era?

Em que atalho sombrio da vida o conselheiro havia encontrado essa moça? Helena seria filha de um encontro passageiro, ou nasceria de algum afeto desaprovado embora, mas verdadeiro e único? A estas interrogações não podia responder D. Úrsula; bastava, porém, que lhe surgissem no espírito, para lançar nele o tédio e a irritação.

D. Úrsula era severa a respeito de costumes. A vida do conselheiro, marcada de aventuras amorosas, estava longe de ser uma página de catecismo; mas o ato final bem podia ser a reparação de atitudes amargas. Isso D. Úrsula não viu.

Para ela, o principal era a entrada de uma pessoa estranha na família. A impressão de Estácio foi muito outra. Ele percebeu a má vontade com que a tia recebeu a notícia do reconhecimento de Helena, e não podia negar a si mesmo que semelhante fato criava para a família uma nova situação. Contudo, qualquer que ela fosse, uma vez que seu pai assim o ordenava, levado por sentimentos de justiça ou impulsos da natureza, ele a aceitava tal qual, sem pesar em nada. A questão pesou menos que tudo no espírito do moço; não pesou nada. A ocasião era dolorosa demais para dar entrada a considerações de ordem inferior, e a elevação dos sentimentos de Estácio não lhe permitia inspirar-se delas. Quanto à camada social a que pertencia a mãe de Helena, não se preocupou muito com isso, certo de que eles saberiam levantar a filha até à classe a que ela ia subir.

No meio das reflexões produzidas pela disposição testamentária do conselheiro, ocorreu a Estácio a conversa que havia tido com o Dr. Camargo. Provavelmente era aquele o ponto a que o médico tinha feito alusão. Interrogado acerca de suas palavras, Camargo hesitou um pouco; mas insistindo o filho do conselheiro:

— Aconteceu o que eu previa, um erro, disse ele. Não houve falha, mas excesso. O reconhecimento dessa filha é um excesso de ternura, muito bonito, mas pouco prático. Um legado era suficiente; nada mais. A simples justiça.

— A simples justiça é a vontade de meu pai, respondeu Estácio.

— Seu pai foi generoso, disse Camargo; resta saber se podia sê-lo à custa dos direitos dos outros.

— Os meus? Não os alego.

— Se os alegasse seria pouco digno da memória dele. O que está feito, está feito. Uma vez reconhecida, essa menina deve achar nesta casa família e afetos de família. Acredito que ela saberá corresponder com verdadeira dedicação...

— Você a conhece? Inquiriu Estácio, cravando no médico uns olhos impacientes de curiosidade.

— Eu a vi três ou quatro vezes, disse este no fim de alguns segundos; mas era muito criança. Seu pai falava-me dela como de pessoa extremamente afetuosa e digna de ser amada e admirada. Talvez fossem olhos de pai.

Estácio desejou ainda saber alguma coisa acerca da mãe de Helena, mas se sentiu mal de entrar em novas indagações, e tentou levar a conversa para outro assunto. Camargo, entretanto, insistiu:

— O conselheiro falou-me algumas vezes no projeto de reconhecer Helena; procurei fazê-lo desistir, mas sabe como era teimoso, adicionando neste caso o natural impulso de amor paterno. O nosso ponto de vista era diferente. Não acho que sou homem mau; contudo, entendo que a sensibilidade não pode passar por cima do que pertence à razão.

Camargo disse estas palavras no tom seco e sentencioso que lhe saía. A velha amizade dele e do finado era conhecida de todos; a intenção com que falava podia ser hostil à família? Estácio refletiu algum tempo no conceito que acabava de ouvir do médico, curta reflexão que por nenhum modo lhe abalou a opinião já clara e dita. Seus olhos, grandes e serenos, como o espírito que os movia, pararam bondosamente no interlocutor.

— Não quero saber, disse ele, se há excesso na disposição testamentária de meu pai. Se o há, é legítimo, justificável pelo menos; ele sabia ser pai; seu amor dividia-se inteiro. Receberei essa irmã, como se tivesse sido criada comigo. Minha mãe faria com certeza a mesma coisa.

Camargo não insistiu. Se era válido desencorajar o moço daqueles sentimentos, que aproveitava já agora discutir e condenar teoricamente a resolução do conselheiro? Melhor era executá-la lealmente, sem hesitação nem pesar. Isso mesmo declarou ele a Estácio, que o abraçou amigavelmente. O médico recebeu o abraço sem constrangimento, mas sem fervor.

Estácio havia ficado satisfeito consigo mesmo. Seu caráter vinha mais diretamente da mãe que do pai. O conselheiro, se lhe descontarmos a única paixão forte que realmente teve, a das mulheres, não lhe acharemos nenhuma outra feição aparente. A fidelidade aos amigos era antes resultado do costume que da consistência dos afetos. A vida correu-lhe sem crises nem contrastes; nunca achou ocasião de experimentar a própria raiva. Se a achasse, mostraria que tinha pouca.

A mãe de Estácio era diferente; possuía em alto grau a paixão, a ternura, a vontade, uma grande elevação de sentimentos, com seus toques de orgulho, daquele orgulho que é apenas irradiação da consciência. Vinculada a um homem que, sem barreiras do afeto que lhe tinha, entregava o coração a amores adventícios e passageiros, teve a força de vontade necessária para dominar a paixão e encerrar em si mesma todo o ressentimento. As mulheres que são apenas mulheres, choram, zangam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio. Aquela padecia, é certo, mas a elevação de sua alma não lhe permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado. Ao mesmo tempo, como a ternura era elemento essencial de sua organização, concentrou-a toda naquele único filho, em quem parecia perceber como herdeiro de suas robustas qualidades.

Estácio recebeu de sua mãe uma boa parte destas. Não sendo grande talento, deveu ao amor pelo conhecimento a figura notável que foi entre seus companheiros de estudos. Entregou-se à ciência com ardor e convicção. Não gostava de política; era indiferente ao barulho exterior. Educado à maneira antiga e com severidade e discrição, passou da adolescência à juventude sem conhecer as corrupções de espírito nem as influências negativas da ociosidade; viveu a vida de família, na idade em que outros, seus companheiros, viviam a das ruas e perdiam em coisas ínfimas a pureza das primeiras sensações. Daí veio que, aos dezoito anos, conservava ele tal ou qual timidez infantil, que só perdeu completamente mais tarde. Mas, se perdeu a timidez, ficara-lhe certa seriedade não incompatível com os poucos anos e muito própria de caráter como o dele. Na política seria talvez meio ca-

minho andado para subir aos cargos públicos; na sociedade, fazia com que lhe tivessem respeito, o que o levantava a seus próprios olhos. Convém dizer que não era essa gravidade aquela coisa enfadonha, pesada e chata, que os moralistas dizem ser quase sempre um sintoma de espírito fraco; era uma seriedade jovial e familiar, igualmente distante da simplicidade e do tédio, uma compostura do corpo e do espírito, temperada pela força dos sentimentos e pela graça das maneiras, como um tronco firme e reto enfeitado com folhagens e flores. Juntava às outras qualidades morais uma sensibilidade, não feminina e doentia, mas sóbria e forte; áspero consigo, sabia ser terno e mavioso com os outros.

Tal era o filho do conselheiro; e se alguma coisa há ainda que acrescentar, é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe em que havia nascido. Elegante e polido, obedecia à lei do comportamento pessoal, ainda nas menores partes dela. Ninguém entrava mais corretamente numa sala; ninguém saía mais oportunamente. Ignorava a ciência das coisas pequenas, mas conhecia o segredo de tecer um cumprimento.

Na situação criada pelo testamento do conselheiro, Estácio aceitou a causa da irmã, a quem já via, sem a conhecer, com olhos diferentes dos de Camargo e D. Úrsula. Esta comunicou ao sobrinho todas as impressões que lhe deixara o ato do irmão. Estácio procurou dissipar cada uma; repetiu as reflexões opostas ao médico; mostrou que, ao fim de tudo, tratava-se de cumprir a última vontade de um morto.

— Bem sei que não há agora outro remédio mais que aceitar essa menina e obedecer às determinações solenes de meu irmão, disse D. Úrsula, quando Estácio acabou de falar. Mas só isso; dividir com ela os meus afetos não sei se posso nem devo fazer.

— Contudo, ela é do nosso mesmo sangue.

D. Úrsula ergueu os ombros como repelindo semelhante igualdade. Estácio insistiu em trazê-la a sentimentos mais bondosos. Invocou, além da vontade, a retidão do espírito de seu pai, que não havia dispor uma coisa contrária à boa fama da família.

— Além disso, essa menina nenhuma culpa tem de sua

origem, e visto que meu pai a reconheceu, convém que não se ache aqui como rejeitada. Que ganharíamos com isso? Nada mais do que perturbar a paz da nossa vida interior. Vivamos na mesma comunhão de afetos; e vejamos em Helena uma parte da alma de meu pai, que nos fica para não diminuir nosso patrimônio comum.

Nada respondeu a irmã do conselheiro. Estácio percebeu que não vencera os sentimentos da tia, nem era possível conseguir isso por meio de palavras. Confiou ao tempo essa tarefa. D. Úrsula ficou triste e só. Aparecendo Camargo daí a pouco, ela lhe disse todo o seu modo de sentir, que o médico interiormente aprovava.

— Conheceu a mãe dela? Perguntou a irmã do conselheiro.

— Conheci.

— Que espécie de mulher era?

— Fascinante.

— Não é isso; pergunto-lhe se era mulher de ordem inferior, ou...

— Não sei; no tempo em que a vi, não tinha classe e podia pertencer a todas; além do mais, não a vi de perto.

— Doutor, disse D. Úrsula, depois de hesitar algum tempo; que me aconselha que faça?

— Que a ame, se ela o merecer, e se puder.

— Oh! Confesso-lhe que isso há de custar muito! E será que merecerá? Alguma coisa me diz ao coração que essa menina vem complicar a nossa vida; além disso, não posso esquecer que meu sobrinho, herdeiro...

— Seu sobrinho aceita as coisas filosoficamente e até com satisfação. Não compreendo a satisfação, mas concordo que nada mais há do que cumprir textualmente a vontade do conselheiro. Não se discutem sentimentos; ama-se ou **aborrece-se**, conforme o coração quer. O que lhe digo é que a trate com bondade; e caso sinta em si algum afeto, não o sufoque; **deixe-se** ir com ele. Já agora não se pode voltar atrás. Infelizmente!

Helena estava a concluir os estudos; semanas depois determinou a família que ela viesse para a casa. D. Úrsula recusou a princípio ir buscá-la; o sobrinho convenceu-a disso, e a boa

senhora aceitou a incumbência depois de alguma hesitação. Em casa foram-lhe preparados os aposentos; e marcou-se uma tarde de segunda-feira para a moça ser trazida a Andaraí. D. Úrsula entrou no carro, logo depois de jantar. Estácio foi nesse dia jantar com o Dr. Camargo, no Rio Comprido. Voltou tarde. Ao entrar na chácara, deu com os olhos nas janelas do quarto destinado a Helena; estavam abertas; havia alguém dentro. Pela primeira vez sentiu Estácio a estranheza da situação criada pela presença daquela meia-irmã e perguntou a si próprio se não era a tia quem tinha razão. Repeliu pouco depois esse sentimento; a memória do pai restituiu-lhe a bondade anterior. Ao mesmo tempo, a **ideia** de ter uma irmã sorria-lhe ao coração como promessa de aventuras novas e desconhecidas.

Entre sua mãe e as demais mulheres, faltava-lhe essa criatura intermediária, que ele já amava sem conhecer, e que seria a natural confidente de seus desalentos e esperanças. Estácio contemplou longo tempo as janelas; nem o vulto de Helena apareceu ali, nem ele viu passar a sombra da habitante nova.

## Capítulo III

Na manhã seguinte, Estácio levantou-se tarde e foi direito à sala de jantar, onde encontrou D. Úrsula, pacientemente sentada na sua poltrona, ao pé de uma janela, a ler um livro do *Saint-Clair das Ilhas*, envolvida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra; boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e longo, como outros de seu tempo. Com ele as mulheres passavam as horas compridas do inverno, com ele se encheu muita noite **tranquila**, com ele se desafogou o coração de muita lágrima que caiu.

— Veio? Perguntou Estácio.

— Veio, respondeu a boa senhora, fechando o livro. O almoço está esfriando, continuou ela, dirigindo-se à empregada que ali estava de pé, junto da mesa; já foram chamar. . . Senhorita Helena?

— Senhorita Helena disse que já vem.

— Há dez minutos, observou D. Úrsula ao sobrinho.



— Naturalmente não demora, respondeu este. Que tal?

D. Úrsula estava pouco habilitada a responder ao sobrinho. Quase não havia visto o rosto de Helena; e esta, logo que ali chegou, recolheu-se ao aposento que lhe deram, dizendo ter necessidade de descanso. O que D. Úrsula pôde achar foi somente que a sobrinha era moça feita.

Ouviu-se descer a escada um passo rápido, e não demorou que Helena aparecesse à porta da sala de jantar. Estácio estava então encostado à janela que ficava em frente da porta e dava para a extensa varanda, donde se viam os fundos da chácara. Olhou para a tia como esperando que ela os apresentasse um ao outro. Helena parou ao vê-lo.

— Menina, disse D. Úrsula com o tom mais doce que tinha na voz, este é meu sobrinho Estácio, seu irmão.

— Ah! Disse Helena, sorrindo e caminhando para ele.

Estácio dera igualmente alguns passos.

— Espero merecer sua afeição, disse ela depois de curta pausa. Peço desculpa da demora; estavam à minha espera, creio eu.

— Íamos para a mesa agora mesmo, interrompeu D. Úrsula, como protestando contra a **ideia** de que ela os fizesse esperar.

Estácio procurou corrigir a rudez da tia.

— Tínhamos ouvido o seu passo na escada, disse ele. Vamos sentar, que o almoço esfria.

D. Úrsula já estava sentada à cabeceira da mesa; Helena ficou à direita, na cadeira que Estácio lhe indicou; este tomou lugar do lado oposto. O almoço correu silencioso e desconsolado; raros monossílabos, alguns gestos de concordância ou recusa, tal foi o desenrolar da conversa entre os três parentes. A situação não era cômoda nem comum. Helena, mesmo que procurasse ficar segura de si, não conseguia vencer de todo o natural acanhamento da ocasião. Mas, se o não vencia de todo, podiam ver-se através dele certos sinais de educação fina. Estácio examinou aos poucos a figura da irmã.

Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, sem magreza extrema, estatura um pouco acima de mediana, jeito elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor;

naquela ocasião havia uns longes cor-de-rosa, a princípio mais vermelhos, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto pareciam ser traçadas pela religião. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos levantassem as pupilas ao céu, seria um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só coisa pareceu menos interessante ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno.

Acabado o almoço, trocadas algumas palavras, poucas e soltas, Helena retirou-se ao seu quarto, onde durante três dias passou quase todas as horas, a ler meia dúzia de livros que havia trazido consigo, a escrever cartas, a olhar impressionada para o ar, ou encostada ao peitoril de uma das janelas. Alguma vez desceu a jantar, com os olhos vermelhos e a face pesarosa, apenas com um sorriso pálido e fugitivo nos lábios. Uma criança, subitamente transferida ao colégio, não esquece mais tristemente as primeiras saudades da casa de seus pais. Mas a asa do tempo leva tudo; e ao cabo de três dias, já a fisionomia de Helena trazia menos sombrio aspecto. O olhar perdeu a expressão que primeiro lhe achou o irmão, para tornar-se o que era naturalmente repousado. A palavra saía-lhe mais fácil, seguida e numerosa; a familiaridade tomou o lugar do acanhamento.

No quarto dia, acabado o almoço, Estácio encetou uma conversa geral, que não passou de um simples *duo*, porque D. Úrsula contava os fios da toalha ou brincava com as pontas do lenço que trazia ao pescoço. Como falassem da casa, Estácio disse à irmã:

— Esta casa é tão sua como nossa; faça de conta que nascemos debaixo do mesmo teto. Minha tia lhe dirá o sentimento que nos anima a seu respeito.

Helena agradeceu com um olhar longo e profundo. E dizendo que a casa e a chácara lhe pareciam bonitas e bem dispostas, pediu a D. Úrsula que fosse lhe mostrar mais calmamente.

A tia fechou o rosto e secamente respondeu:

— Agora não, menina; tenho por hábito descansar e ler.

— Pois eu lerei para a senhora ouvir, disse a moça com graça; não é bom cansar os seus olhos; e, além disso, é justo que me acostume a servi-la. Não acha? Continuou ela **voltando-se** para Estácio.

— É nossa tia, respondeu o moço.

— Oh! Ainda não é minha tia! Interrompeu Helena. Será quando me conhecer completamente. Por enquanto somos estranhas uma à outra; mas nenhuma de nós é má.

Estas palavras foram ditas em tom de graciosa submissão. A voz com que ela as disse, era clara, doce, melodiosa; melhor do que isso, tinha um misterioso encanto, a que a própria D. Úrsula não pôde resistir.

— Pois deixe que a convivência faça falar o coração, respondeu a irmã do conselheiro em tom brando. Não aceito o oferecimento da leitura, porque não entendo bem o que os outros me **leem**; tenho os olhos mais inteligentes que os ouvidos. Entretanto, se quer ver a casa e a chácara, seu irmão pode conduzi-la.

Estácio declarou-se pronto para acompanhar a irmã. Helena, entretanto, recusou.

Irmão embora, era a primeira vez que o via, e, ao que parece, a primeira que podia achar-se a sós com um homem que não seu pai. D. Úrsula, talvez porque preferisse ficar só algum tempo, disse-lhe secamente que fosse. Helena acompanhou o irmão. Percorreram parte da casa, ouvindo a moça as explicações que lhe dava Estácio e perguntando tudo com zelo e curiosidade de dona da casa. Quando chegaram à porta do gabinete do conselheiro, Estácio parou.

— Vamos entrar num lugar triste para mim, disse ele.

— Que é?

— O gabinete de meu pai.

— Oh! deixe ver!

Entraram os dois. Tudo estava do mesmo modo que no dia em que o conselheiro falecera. Estácio deu algumas indicações relativas ao tipo da vida doméstica de seu pai; mostrou-lhe a ca-

Helena

deira em que ele costumava ler, de tarde e de manhã; os retratos de família, a mesa, as estantes; falou de quanto podia interessá-la. Sobre a mesa, perto da janela, estava ainda o último livro que o conselheiro havia lido: eram as *Máximas* do Marquês de Maricá.

Helena pegou nele e beijou a página aberta. Uma lágrima brotou-lhe dos olhos, quente de todo o calor de uma alma apaixonada e sensível; brotou, deslizou-se e foi cair no papel.

— Coitado! Murmurou ela.

Depois sentou-se na mesma cadeira em que o conselheiro costumava dormir alguns minutos depois de jantar, e olhou para fora. O dia começava a aquecer. O arvoredado dos morros da frente estava coberto de flores-da-quaresma, com suas pétalas roxas e tristemente belas. O espetáculo ia com a situação de ambos. Estácio deixou-se levar ao sabor de suas recordações da meninice. De envolta com elas veio pousar-lhe ao lado a figura de sua mãe; tornou a vê-la, tal qual se lhe fora dos braços, uma crua noite de outubro, quando ele tinha dezoito anos de idade. A boa senhora havia morrido quase moça, — ainda bela, pelo menos, — daquela beleza sem outono, cuja primavera tem duas estações.

Helena ergueu-se.

— Gostava dele? Perguntou ela.

— Quem não gostaria dele?

— Tem razão. Era uma alma grande e nobre; eu adorava-o. Reconheceu-me; deu-me família e futuro; levantou-me aos olhos de todos e aos meus próprios. O resto depende de mim, do juízo que eu tiver, ou talvez da sorte.

Esta última palavra saiu-lhe do coração como um suspiro. Depois de alguns segundos de silêncio, Helena enfiou o braço no do irmão e desceram à chácara. Fosse influência do lugar ou simples mobilidade de espírito, Helena tornou-se logo outra pessoa do que se parecia no gabinete do pai. Jovial, graciosa e travessa, perdeu aquela seriedade quieta e senhora de si com que havia aparecido na sala de jantar; fez-se feliz e viva, como as andorinhas que antes, e ainda agora, esvoaçavam por meio das árvores e por cima da grama. A mudança causou certo espanto ao moço; mas ele a explicou de si para si, e em todo o caso não o impressionou mal.

Helena pareceu-lhe naquela ocasião, mais do que antes, o complemento da família. O que ali faltava era justamente a alegria, a graça, a travessura, um elemento que temperasse a seriedade da casa e lhe desse todas as feições necessárias ao lar doméstico. Helena era esse elemento complementar.

O passeio durou cerca de meia hora. D. Úrsula viu-os chegar, ao final desse tempo, familiares e amigos, como se houvessem sido criados juntos. As sobranceiras grisalhas da boa senhora contraíram-se, e o lábio inferior recebeu uma dentada de despeito.

— Titia... disse Estácio jovialmente; minha irmã conhece já a casa toda e suas dependências. Resta somente que lhe mostremos o coração.

D. Úrsula sorriu, um sorriso amarelo e acanhado, que apagou nos olhos da moça a alegria que os tornava mais lindos. Mas foi breve a má impressão; Helena caminhou para a tia, e pegando-lhe nas mãos, perguntou com toda a doçura da voz:

— Não quer me mostrar o seu?

— Não vale a pena! Respondeu D. Úrsula com afetada segurança; coração de velha é casa arruinada.

— Pois as casas velhas consertam-se, disse Helena sorrindo.

D. Úrsula sorriu também; desta vez porém, com expressão melhor. Ao mesmo tempo, olhou-a; e era a primeira vez que o fazia. O olhar, a princípio indiferente, manifestou logo depois a impressão que lhe causava a beleza da moça. D. Úrsula retirou os olhos; porventura receou que o influxo das graças de Helena lhe mudassem o coração, e ela queria ficar independente e inconciliável.

## Capítulo IV

As primeiras semanas correram sem nenhum sucesso notável, mas ainda assim interessantes. Era, por assim dizer, um tempo de espera, de dúvida, de observação recíproca, um tatear de impressões, em que de uma e de outra parte procuravam conhecer o terreno e tomar posição. O próprio Estácio, independentemente da primeira impressão, recolhera-se a prudente reserva, de que o arrancou aos pouco o procedimento de Helena.

Helena tinha as qualidades próprias a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, as suas características por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a todo tipo de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. Helena lidava com livros ou com alfinetes, com bailes ou com serviços de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, séria com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.

Além das qualidades naturais, Helena possuía algumas maneiras de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos femininos. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia educar os deseducados, atrair os indiferentes e domar os hostis.

Pouco havia ganho no espírito de D. Úrsula; mas a repulsa desta já não era tão viva como nos primeiros dias. Estácio cedeu de todo, e era fácil; seu coração tendia para ela, mais que nenhum outro. Não cedeu, porém, sem alguma hesitação e dúvida.

A flexibilidade do espírito da irmã pareceu-lhe a princípio mais calculada que espontânea. Mas foi impressão que passou. Dos próprios escravos não obteve Helena desde logo a simpatia e boa vontade; esses pautavam os sentimentos pelos de D. Úrsula. Escravos de uma família, viam com desafeto e ciúme a parenta nova, ali trazida por um ato de generosidade. Mas também a esses venceu o tempo. Um só de tantos pareceu vê-la desde princípio com olhos amigos; era um rapaz de 16 anos, chamado Vicente, cria da casa e particularmente estimado do conselheiro. Talvez esta última circunstância o ligou desde logo à filha do seu senhor. Despida de interesse, porque a esperança da liberdade, se a podia haver, era precária e remota, a afeição de Vicente não era menos viva e sincera; faltando-lhe os sentimentos próprios do afeto, — a familiaridade e o contato, — condenado a viver da contemplação e da memória, a não beijar sequer a mão que o abençoava, limitado e distanciado pelos costumes, pelo respeito e pelos instintos, Vicente foi, não obstante, um fiel servidor de Helena, seu advogado convicto nos julgamentos da senzala.

As pessoas da intimidade da casa acolheram Helena com a mesma hesitação de D. Úrsula. Helena sentiu a polidez fria e moderada. Longe de abater-se ou afrontar os sentimentos sociais, explicava-os e tratava de os torcer em seu favor, — tarefa em que se esmerou superando os obstáculos na família; o resto viria de si mesmo.

Uma pessoa, entre os familiares da casa, não os acompanhou no procedimento reservado e frio; foi o Padre-mestre Melchior. Melchior era capelão na casa do conselheiro, que havia mandado construir alguns anos antes uma capelinha na chácara, onde muita gente da vizinhança ouvia missa aos domingos. Tinha sessenta anos o padre; era homem de estatura mediana, magro, calvo, brancos os poucos cabelos, e uns olhos não menos sagazes que mansos. De compostura quieta e grave, sério sem formalismo, sociável sem mundanidade, tolerante sem fraqueza, era o verdadeiro varão apostólico, homem de sua Igreja e de seu Deus, íntegro na fé, constante na esperança, ardente na caridade. Havia conhecido a família do conselheiro algum tempo depois do casamento dele. Descobriu a causa da tristeza que minou os últimos anos da mãe de Estácio; respeitou a tristeza, mas atacou

diretamente a origem. O conselheiro era homem geralmente razoável, salvo nas coisas do amor; ouviu o padre, prometeu o que este lhe exigia, mas foi promessa feita na areia; o primeiro vento do coração apagou a escritura. Entretanto, o conselheiro ouvia-o sinceramente em todas as ocasiões graves, e o voto de Melchior pesava em seu espírito. Morando na vizinhança daquela família, tinha ali o padre todo o seu mundo. Se as obrigações eclesiásticas não o chamavam a outro lugar, não se arredava de Andaraí, sítio de repouso após trabalhosa mocidade.

Das outras pessoas que frequentavam a casa e residiam no mesmo bairro de Andaraí, mencionaremos ainda o Dr. Matos, sua mulher, o Coronel Macedo e dois filhos. O Dr. Matos era um velho advogado que, em compensação da ciência do direito, que não sabia, possuía entendimentos muito aproveitáveis de meteorologia e botânica, da arte de comer, do jogo de cartas, do gamão e da política. Era impossível a ninguém queixar-se do calor ou do frio, sem ouvir dele a causa e a natureza de um e outro, e logo a divisão das estações, a diferença dos climas, influência destes, as chuvas, os ventos, a neve, as vazantes dos rios e suas enchentes, as marés e a pororoca. Ele falava com igual abundância das qualidades terapêuticas de uma erva, do nome científico de uma flor, da estrutura de certo vegetal e suas peculiaridades. Alheio às paixões da política, se abria a boca em tal assunto era para criticar igualmente de liberais e conservadores, — os quais todos lhe pareciam abaixo do país. O jogo e a comida achavam-no menos cético; e nada lhe avivava tanto a fisionomia como um bom gamão depois de um bom jantar. Estas prendas faziam do Dr. Matos um conviva interessante nas noites que o não eram. Posto soubesse efetivamente alguma coisa dos assuntos que lhe eram mais prezados, não ganhou a atenção que merecia, professando a botânica ou a meteorologia, mas aplicando as regras do direito, que ignorou até à morte.

A esposa do Dr. Matos havia sido uma das belezas do primeiro reinado. Era uma rosa envelhecida, mas conservava o aroma da juventude. Algum tempo se disse que o conselheiro tinha ficado aos pés da mulher do advogado, sem que ela evitasse; mas só era verdade a primeira parte do boato. Nem

os princípios morais, nem o temperamento de D. Leonor lhe consentiam outra coisa que não fosse afastar o conselheiro sem o prejudicar. A arte com que o fez, iludiu os maldosos; daí o sussuro, já agora esquecido e morto. A reputação dos homens amorosos parece-se muito com os juros do dinheiro: alcançado certo capital, ele próprio se multiplica e some. O conselheiro desfrutou essa vantagem, de maneira que, se no outro mundo lhe levassem à conta dos pecados todos os que lhe atribuíam na terra, receberia dobrado castigo do que mereceu.

O Coronel Macedo tinha a particularidade de não ser coronel. Era major. Alguns amigos, levados de um espírito de justiça, começaram a dar-lhe o título de coronel, que a princípio recusou, mas que afinal foi levado a aceitar, não podendo gastar a vida inteira a protestar contra ele. Macedo tinha visto e vivido muito; e, sobre as bases da experiência, possuía imaginação viva, fértil e agradável. Era bom companheiro, extrovertido e comunicativo, pensando sério quando era preciso. Tinha dois filhos, um rapaz de vinte anos, que estudava em São Paulo, e uma moça de vinte e três, mais prendada que bonita.

Nos primeiros dias de agosto a situação de Helena podia dizer-se consolidada. D.Úrsula não havia cedido completamente, mas a convivência ia produzindo seus frutos. Camargo era o único irreconciliável; sentia-se, através de suas maneiras cerimoniais, uma aversão profunda, prestes a converter-se em hostilidade, se fosse preciso. As demais pessoas, não só domadas, mas até enfeitadas, estavam de bem com a filha do conselheiro. Helena havia se tornado o acontecimento do bairro; seus ditos e gestos eram o assunto da vizinhança e o prazer dos familiares da casa. Por uma natural curiosidade, cada um procurava em suas origens um fio biográfico da moça; mas do inventário retrospectivo ninguém tirava elementos que pudessem construir a verdade ou uma só parcela que fosse. A origem da moça continuava misteriosa; vantagem grande, porque o obscuro favorecia a lenda, e cada qual podia atribuir o nascimento de Helena a um amor ilustre ou apaixonado, — hipóteses admissíveis, e em todo o caso agradáveis a ambas as partes.

## Capítulo V

Por esse tempo Estácio resolveu dar um passo decisivo. Ligado por amor à filha de Camargo, desde antes da morte do conselheiro, pensava sempre em pedi-la ao pai, deixando a resolução para quando fosse propício o tempo. A condição não era fácil, porque o sentimento que ele nutria em relação a Eugênia tinha alternativas de falta de ânimo e fervor. A causa disso pode crer-se estava também em seu coração; mas principalmente residia nela. Num dos primeiros dias de agosto, Estácio decidiu solicitar a Eugênia autorização para fazer oficialmente o pedido. Assim disposto, dirigiu-se à casa de Camargo.

Mal o avistou de longe, desceu Eugênia à porta do jardim. O chapéu de palha, de abas largas, que lhe protegia o rosto dos raios do sol, — eram três horas da tarde, — tornava mais bela a figura da moça. Eugênia era uma das mais brilhantes estrelas entre as menores do céu fluminense. Agora mesmo, se o leitor lhe descobrir o rosto em um camarote de teatro, ou se a vir entrar em alguma sala de festa, compreenderá, — através de um quarto de século, — que os contemporâneos de sua mocidade lhe tivessem admirado, sem evitar, as graças que então apareciam com o frescor e a pureza das primeiras horas.

Era de pequena estatura; tinha os cabelos castanho escuro, e os olhos grandes e azuis, dois pedacinhos do céu, abertos em rosto branco e corado; o corpo, levemente refeito, era naturalmente elegante; mas se a dona sabia vestir-se com luxo, e até com arte, não possuía o dom de alcançar os máximos efeitos com os meios mais simples.

Estácio contemplou-a apaixonado sem ousar dizer palavra; a primeira que lhe ia sair dos lábios, era justamente o pedido que o levava ali. Mas Eugênia o deteve, mostrando o anel que a madrinha, fazendeira de Cantagalo, lhe havia mandado no dia anterior. Era uma opala magnífica, a tal ponto que Eugênia dividia os olhos entre o namorado e ela. Esta simultaneidade esfriou o mancebo. Entraram ambos em casa, onde D. Tomásia os esperava. A mãe de Eugênia sabia combinar os modos com os desejos de seu coração; não seria obstáculo aos dois namorados; infelizmente, a presença



de duas visitas veio destruir o cálculo dos três. Estácio espreitava uma ocasião de pedir a Eugênia a autorização que desejava; até ao jantar não se lhe deparou nenhuma.

Desceram todos ao jardim. D. Tomásia entreteve uma das visitas; Camargo foi mostrar à outra a sua coleção de flores. Estácio e Eugênia afastaram-se cautelosamente dos dois grupos, a pretexto de não sei que flor aberta na manhã daquele dia. A flor existia;

Eugênia colheu-a e deu a Estácio.

— Não vá perdê-la; há de entregá-la a Helena da minha parte. Diga-lhe que estou com muitas saudades.

Estácio colocou a flor na botoeira.

— Vai cair! Disse Eugênia. Quer que pregue um alfinete? Estácio não teve tempo de responder, porque a filha de Camargo, tirando um alfinete do cinto, prendeu o pé da flor, gastando muito mais tempo do que o exigia a operação. A moça não era míope; todavia aproximou de tal modo a cabeça ao peito do mancebo, que este teve ímpetos de lhe beijar os cabelos, e seria a primeira vez que seus lábios lhe tocariam.

— Pronto! Disse ela. Diga a Helena que é a flor mais bonita do nosso jardim. Sabe que eu gosto muito de sua irmã?

— Acredito.

— Suponho que é minha amiga; e é com certeza. Oh! Eu preciso muito de uma amiga verdadeira!

— Sim?

— Muito! Tenho tantas que não prestam para nada, e só me dão desgostos, como Cecília... Se soubesse o que ela me fez!

— Que foi?

Eugênia contou uma história, que omito em suas particularidades por não interessar ao nosso caso, bastando saber que a razão capital da divergência entre as duas amigas foi uma opinião de Cecília acerca da escolha de um chapéu.

Estácio não escutou a história com a atenção que a moça desejava; limitou-se a ouvir a voz de Eugênia, que era na verdade angélica. Alguma coisa porém lhe ficou; e quando ela se queixou:

— O que me parece, observou o sobrinho de D. Úrsula, é que não valia a pena brigar por tão pouca coisa...

— Pouca coisa! Exclamou Eugênia. Parece-lhe pouco chamar-me caprichosa e de mau gosto?

— Fez mal, se o disse, em todo o caso...

Estácio fez uma pausa e continuou a andar. Eugênia esperou que ele continuasse o que ia dizer; mas o silêncio **prolongou-se** mais do que era natural.

— Em todo o caso? Repetiu a moça erguendo para ele os olhos claros e curiosos.

— Eugênia, disse Estácio, quer saber a verdadeira razão do mau sucesso de suas amizades? É o fato de se deixar levar mais pelas aparências que pela realidade; é porque dá menos valor às qualidades sólidas do coração do que às bobagens da vida. Suas amizades são das que duram uma música, ou, quando muito, a moda de um chapéu; podem satisfazer o capricho de um dia, mas são estéreis para as necessidades do coração.

— Jesus! Exclamou Eugênia, estacando o passo; um sermão por tão pouca coisa! Se tivesse algum pedaço de latim, era o mesmo que estar ouvindo o Padre Melchior.

Estácio não respondeu; contentou-se com erguer os ombros, e os dois continuaram a andar silenciosamente, acanhados e descontentes um do outro. A diferença é que o enfado de Eugênia se manifestava por um movimento nervoso de impaciência e despeito.

— Se o ofendi, perdoe-me, disse ela, com um leve tom de ironia.

— Oh! Exclamou ele apertando-lhe a mão, como quem só esperava um pretexto para reatar a conversa interrompida.

— Talvez ofendesse, continuou a moça; eu sei dizer as coisas como elas me vêm à boca, e parece que não são as mais acertadas.

— Não digo que o sejam sempre, replicou Estácio sorrindo. Agora, pelo menos, foi um pouco precipitada em zombar do que eu lhe dizia, que era justo e de boa intenção. Francamente, é para lastimar uma amizade, ganha entre duas quadrilhas e perdida por causa de um chapéu? Não vale a pena desperdiçar afetos, Eugênia; sentirá mais tarde que essa moeda do coração não se deve nunca reduzir a trocos miúdos nem despender em bobagens.

Eugênia ouviu calada as palavras do moço; não as entendeu muito. Sabia-lhes a significação; não lhes viu porém nexos nem sentidos; sobretudo, não lhes sentiu a aplicação. O que a irritou mais foi o tom pedagogo de Estácio; estouvada e voluntariosa, não admitia que ninguém lhe falasse sem submissão ou a re-preendesse por atos seus, que ela julgava legítimos e naturais. A insistência do moço foi o ponto de partida a um desses conflitos, não raros entre amantes, e comuns entre aqueles dois. Os de Eugênia não eram simples silêncios; seu espírito rebelde e livre não adormecia nesses momentos de enfado; pelo contrário, irritava-se e traduzia a irritação por meio de pirraças e acessos de mau humor. Estácio viu murmurar, crescer e desabar a tempestade. A moça articulava algumas frases soltas, batia no chão com o pezinho mimoso, que por acaso esmagou uma pobre erva, alheia às divergências morais daquelas duas criaturas. Ora parava e desandava o caminho; mas logo se dirigia para o moço, com as pálpebras trêmulas de cólera, e um jeito nos lábios; comprazia-se em torcer a ponta da manga ou morder a ponta do dedo. Estácio, afeito a essas explosões, não lhes sabia remédio próprio: tanto o silêncio como a resposta eram ali matérias inflamáveis. Contudo, o silêncio era o menor dos dois perigos. Estácio limitava-se a ouvir calado, olhando com fingimento para a filha de Camargo, cujo rosto parecia mais belo quando a raiva o coloria. Uma terceira pessoa era a única esperança de pacificação; Estácio alongou o olhar pelo jardim em busca desse *deus ex machina*<sup>1</sup>. Apareceu ele enfim sob a forma de um Carlos Barreto, — estudante de medicina, que cultivava simultaneamente a patologia e a comédia, mas prometia ser melhor Esculápio <sup>2</sup>que Aristófanes<sup>3</sup>. Mal os viu de longe, apertou o passo para o grupo.

— Vem gente, Eugênia, disse Estácio; não demos espetáculos e... perdoe-me.

Eugênia ergueu os ombros, procurou com os olhos o intruso que daí a pouco lhes estendia a mão.

---

<sup>1</sup> Deus que vem da máquina;

<sup>2</sup> Deus da medicina;

<sup>3</sup> Maior representante da comédia grega.

O céu não ficou logo claro; mas o vento ficou mais leve, e era de esperar que o sol se desfizesse enfim das nuvens. Carlos Barreto deu a Eugênia a agradável notícia de que trouxera a seu pai um convite para o baile que daria no sábado próximo uma de suas parentas. A perspectiva do baile foi uma brisa saudável que dispersou o resto das nuvens.

Eugenia sorriu. *J'ai ri; me voilà désarmée*, como na comédia de Piron. Vinte minutos depois, não havia em Eugênia vestígio da cena do jardim. Mas a **ideia** do casamento estava adiada.

O efeito foi amargo e doce para Estácio. Estimando ver dissipada a cólera, doía-lhe que a causa fosse, não a própria virtude do amor, mas um motivo comparativamente fútil. A resolução de consultar sobre o pedido de casamento se foi como de outras vezes.

Saiu dali à noite, antes do chá, aborrecido e azedo. Esse estado não durou muito; dez minutos depois de deixar a casa de Camargo, sentiu alguma coisa semelhante ao toque de um remorso. O amor de Estácio tinha a particularidade de crescer e afirmar-se na ausência e diminuir logo que estava ao pé da moça. De longe, via-a através da névoa luminosa da imaginação; ao pé era difícil que Eugênia conservasse os dotes que ele lhe emprestava. Daí, um dissentimento provável e um remorso certo. Agora que a deixava, ia ele irritado contra si mesmo; achava-se ridículo e cruel; chegava a adorar toda a graciosa futilidade de Eugênia; concedia alguma coisa à idade, à educação, aos costumes, à ignorância da vida. Nesse estado de espírito entrou em casa, onde o esperava um incidente novo.

## Capítulo VI

Chegando à casa, achou Estácio remédio ao mau humor. Era uma carta de Luís Mendonça, que dois anos antes havia partido para a Europa, de onde agora regressava. Escrevia-lhe de Pernambuco, anunciando-lhe que dentro de poucas semanas estaria no Rio de Janeiro.

Mendonça foi o seu melhor companheiro de aula. Havia entre eles certas diferenças de gênio. O de Mendonça era mais extrovertido e ativo. Quando este partiu para a Europa, quis que o antigo colega o acompanhasse, e o próprio conselheiro opinara nesse sentido. Estácio recusou pelo receio de que, sendo diferente o espírito de um e outro, a viagem tivesse de obrigar ao sacrifício de hábitos e preferências de um deles.

A notícia da volta de Mendonça encheu de contentamento o sobrinho de D. Úrsula. D. Úrsula estava então na sala de costura, relendo algumas páginas do seu *Saint-Clair*, encostada a uma mesa. Do outro lado, ficava Helena, a fazer uma costura de *crochet*.

— Titia, disse ele, dou-lhe uma novidade agradável para mim.

— Que é?

— O Mendonça chegou a Pernambuco; está aqui dentro de pouco tempo.

— O Mendonça?

— Luís Mendonça.

— O que foi para a Europa, sei. Há quanto tempo?

— Dois anos.

— Dois anos! Parece que foi ontem.

— Não leio a carta que me escreveu por ser muito longa. Diz-me que devo ir também à Europa, quanto antes. Querem ir?

— Eu? Disse D. Úrsula, marcando a página do livro com os óculos de prata que até então conservara sobre o nariz. Não são coisas para gente velha. Daqui para a cova.

— A cova! Exclamou Helena. Está ainda tão forte! Quem sabe se não me há de enterrar primeiro?

— Menina! Exclamou D. Úrsula em tom de repreensão. Helena

sorriu de alegria e agradecimento; era a primeira palavra de verdadeira simpatia que ouvia a D. Úrsula. Bem o compreendeu esta; e talvez a mortificou aquela espontaneidade do coração. Mas era tarde. Não podia recolher a palavra, não podia sequer explicá-la.

— Como está vindo o teu amigo? Perguntou ela ao sobrinho. Era bom rapaz antes de ir; um pouco tonto, apenas.

— Vem do mesmo jeito, respondeu Estácio; ou ainda melhor. Melhor é certo, porque dois anos mais modificam o homem.

Estácio fez aqui um elogio ao amigo, intercalado com observações da tia, e ouvido silenciosamente pela irmã. Vieram chamar para o chá. D. Úrsula largou definitivamente o seu romance, e Helena guardou o *crochet* na cestinha de costura.

— Pensa que gastei toda a tarde em fazer *crochet*? perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.

— Não?

— Não, senhor; fiz um furto.

— Um furto!

— Fui procurar um livro na sua estante.

— E que livro foi?

— Um romance.

— *Paulo e Virgínia*?

— *Manon Lescaut*.

— Oh! exclamou Estácio. Esse livro...

— Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.

— Não é livro para moças solteiras.

— Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo o caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria... e confesso que tive um desejo...

— Imagino! Interrompeu D. Úrsula.

— O desejo de aprender a montar a cavalo, concluiu Helena.

Estácio olhou espantado para a irmã. Aquela mistura de geometria e equitação não lhe pareceu suficientemente clara e explicável. Helena soltou uma risadinha alegre de menina que aplaude a sua própria travessura.

— Eu lhe explico, disse ela; abri o livro, todo cheio de

riscos que não entendi. Ouvi porém um barulho de cavalos e cheguei à janela. Eram três cavaleiros, dois homens e uma senhora. Oh! Com que elegância montava a senhora! Imaginem uma moça de vinte e cinco anos, alta, esbelta, um busto de fada, apertado no corpinho de amazona, e a longa cauda do vestido caída a um lado. O cavalo era fioso; mas a mão e o chicotinho da cavaleira quebravam-lhe os ímpetos. Tive pena, confesso, de não saber montar a cavalo.

— Quer aprender comigo?

— Titia consente?

D. Úrsula levantou os ombros com o ar mais indiferente que pôde achar no seu repertório. Helena não esperou mais.

— Escolha você o dia.

— Amanhã?

— Amanhã.

Estácio costumava dar uns passeios a cavalo quase todas as manhãs. O do dia seguinte foi dispensado; começariam as lições de Helena. Antes disso, porém, escreveu Estácio à filha de Camargo uma carta cheia de ternura e afeto. Pedia-lhe desculpa do que se passara na véspera; jurava-lhe amor eterno; coisas todas que lhe dissera mais de uma vez, com o mesmo estilo, se não com as mesmas palavras. A carta dissipou-lhe a última sombra de remorso. Antes que ela chegasse ao seu destino, reconciliara-se ele consigo mesmo. O portador saiu para o Rio Comprido, e ele desceu ao terreiro que ficava nos fundos da casa, ao pé do qual estava situada a cavalariça. Naquele lado da casa corria a varanda antiga, onde a família costumava às vezes tomar café ou conversar nas noites de luar, que ali entrava pelas largas janelas. Do meio da varanda descia uma escada de pedra que ia ao terreiro.

Já ali estava Helena. D. Úrsula havia lhe emprestado um vestido de amazona, com que algumas vezes havia montado, antes da morte do irmão. O vestido ficava mal nela; era folgado demais para o talhe magro da moça. Mas a elegância natural fazia esquecer o acessório das roupas.

— Pronta! Exclamou Helena apenas viu o irmão aparecer no alto da escada.

— Oh! Isso não vai assim! Respondeu Estácio. Não ache que conseguirá montar já hoje como a moça que ontem viu passar na estrada. Vença primeiramente o medo.

— Não sei o que é medo, interrompeu ela com ingenuidade.

— Sim? Não sabia que era valente. Pois eu sei o que ele é.

— O medo? O medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito se desfaz; basta a simples reflexão. Quando era pequena educaram-me com almas do outro mundo. Até a idade de dez anos era incapaz de entrar numa sala escura. Um dia perguntei a mim mesma se era possível que uma pessoa morta voltasse à terra. Fazer a pergunta e dar-lhe resposta era a mesma coisa. Lavei o meu espírito dessa tolice, e hoje era capaz de entrar, de noite, num cemitério... E daí talvez não: os corpos que ali dormem têm direito de não ouvir mais um só rumor de vida.

Estácio havia chegado ao último degrau da escada. As últimas palavras ouviu-as ele com os olhos fitos na irmã e encostado ao poial de pedra.

— Quem lhe ensinou essas **ideias**? Perguntou ele.

— Não são **ideias**, são sentimentos. Não se aprendem; trazem-se no coração. Senhor especialista em geometria, continuou balançando caprichosamente o chicote, — veja se transcreve em algum livro estas figuras de minha invenção, e comece cavalgar comigo.

Com um movimento rápido prendeu a saia do vestido, e caminhou para diante. Estácio acompanhou-a, a passo lento, como solicitado por dois sentimentos diferentes: a afeição que o prendia à irmã, e a estranha impressão que ela lhe fazia sentir. Quando chegou à porta da cavalaria, viu aparelhados dois animais, o cavalo de seus passeios da manhã, e a égua que a tia cavalgava uma ou outra vez.

— Que é isso? Disse ele. Por ora vamos a algumas indicações somente, aqui no terreiro.

— Justamente! Respondeu a moça.

Um escravo, que ali estava, trouxe um tamborete. Estácio aproximou-se de Helena, que afagava com a mão branca e fina as crinas da égua.

Helena

— Como se chama? Perguntou ela.

— *Moema*.

— *Moema!* Ora espere... é um nome indígena, não é?

Estácio fez um sinal afirmativo. Helena tinha um pé sobre o tamborete; repetiu ainda o nome da égua, como quem refletia sobre ele, sem que o irmão percebesse que não era aquilo mais do que um disfarce. De repente, quando ele menos esperava, Helena deu um salto, e sentou-se no selim. A égua encurvou o colo, como vaidosa do peso. Estácio olhou para a irmã, admirado da agilidade e correção do movimento, e sem saber ainda o que pensar daquilo.

Helena inclinou-se para ele.

— Fui bem? Perguntou sorrindo.

— Não podia ir melhor; mas o que me admira...

As patas de *Moema* interromperam a reflexão do moço. A cavaleira balançou o chicotinho, e o animal saiu a trote largo pelo terreiro fora. Estácio, no primeiro momento, deu um passo e estendeu a mão como para tomar a rédea ao animal; mas a segurança da moça logo lhe deixou ver que ela não fazia ali os primeiros ensaios. Ficou parado, de longe, a admirar-lhe a elegância e a destreza. No fim de vinte passos, Helena torceu a rédea e regressou ao ponto donde saíra.

— Que tal? Disse ela logo que estacou. Terei jeito para a equitação?

— Criança!

— Que é isso? Já aprendeu? interveio D. Úrsula, do alto da varanda, onde acabava de chegar.

— Estava caçoando conosco, disse Estácio. Vê como sabe montar?

— Ela sabe tudo, murmurou D. Úrsula entre dentes.

Estácio montou no cavalo. Consultou o relógio; eram sete horas e meia.

— Permite que o acompanhe? Perguntou Helena.

— Com uma condição, disse ele; é que tem que ter juízo. Não quero brincadeiras; a égua é aparentemente mansa, mas não deve brincar com ela. Já vejo que você é capaz de muitas coisas mais.

— Prometo ir pacificamente.

Helena cumprimentou a tia com um gesto gracioso, deu de rédea ao animal e seguiu ao lado do irmão. Passado o portão, seguiram os dois para o lado de cima, a passo lento. O sol estava encoberto e a manhã fresca. Helena cavalgava perfeitamente; de quando em quando a égua, instigada por ela, adiantava-se alguns passos ao cavalo; Estácio repreendia a irmã, a seu pesar, porque ao mesmo tempo que temia alguma imprudência, gostava de lhe ver o branco do busto e a firme serenidade com que ela conduzia o animal.

— Não me dirá você, perguntou ele, por que motivo, sabendo montar, pedia-me ontem lições?

— A razão é clara, disse ela; foi uma simples travessura, um capricho... ou antes um cálculo.

— Um cálculo?

— Profundo, hediondo, diabólico, continuou a moça sorrindo. Eu queria passear algumas vezes a cavalo; não era possível sair só, e nesse caso...

— Bastava pedir-me que a acompanhasse.

— Não bastava. Havia um meio de lhe dar mais gosto em sair comigo; era fingir que não sabia montar. A **ideia** momentânea de sua superioridade neste assunto era bastante para lhe inspirar uma dedicação decidida...

Estácio sorriu do cálculo; logo depois ficou sério, e perguntou em tom seco:

— Já lhe negamos algum prazer que desejasse?

Helena estremeceu e ficou igualmente séria.

— Não! murmurou; minha dívida não tem limites.

Esta palavra saiu-lhe do coração. As pálpebras caíram-lhe e um véu de tristeza lhe apagou o rosto. Estácio arrependeu-se do que dissera. Compreendeu a irmã; viu que, por mais inocentes que suas palavras fossem, podiam ser tomadas à má parte, e, em tal caso, o menos que se lhe podia dar era a descortesia. Estácio aparentava ser o mais polido dos homens.

Inclinou-se para ela e rompeu o silêncio.

— Você ficou triste, disse Estácio; mas eu desculpo-a.

— Desculpa-me? Perguntou a moça erguendo para o irmão os belos olhos úmidos.

— Desculpo a injúria que me fez, achando que estava sendo grosseiro.

Apertaram-se as mãos, e o passeio continuou nas melhores disposições do mundo.

Helena deu livre curso à imaginação e ao pensamento; suas falas exprimiam, ora a sensibilidade apaixonada, ora a reflexão da experiência prematura, e iam direitas à alma do irmão, que se comprazia em ver nela a mulher como ele queria que fosse, uma graça pensadora, uma seriedade amável. De quando em quando faziam parar os animais para contemplar o caminho percorrido, ou falar acerca de um acidente do terreno. Uma vez, aconteceu que iam falando das vantagens da riqueza.

— Valem muito os bens da fortuna, dizia Estácio; eles dão a maior felicidade da terra, que é a independência absoluta. Nunca experimentei a necessidade; mas imagino que o pior que há nela não é a privação de alguns apetites ou desejos, de sua natureza transitórios, mas sim essa escravidão moral que submete o homem aos outros homens. A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. Vê aquele preto que ali está? Para fazer o mesmo trajeto que nós, terá de gastar, a pé, mais uma hora ou quase.

O preto de quem Estácio havia falado, estava sentado no capim, descascando uma laranja, enquanto a primeira das duas mulas que conduzia, olhava filosoficamente para ele. O preto não atendia aos dois cavaleiros que se aproximavam. Ia cortando a fruta e deitando os pedaços de casca ao focinho do animal, que fazia apenas um movimento de cabeça, com o que parecia alegrá-lo infinitamente. Era homem de cerca de quarenta anos; ao parecer, escravo. As roupas eram sujas; o chapéu que lhe cobria a cabeça, tinha já uma cor envelhecida. No entanto, o rosto exprimia a plenitude da satisfação; em todo o caso, a serenidade do espírito.

Helena voltou os olhos ao quadro que o irmão lhe mostrara. Ao passarem por ele, o preto tirou respeitosamente o chapéu e continuou na mesma posição e ocupação que dantes.

— Tem razão, disse Helena; aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples

questão de ponto de vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa aprazível ou útil. Para aquele preto o mais aprazível é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade.

Estácio soltou uma risada.

— Você devia ter nascido...

— Homem?

— Homem e advogado. Sabe defender com habilidade as causas mais melindrosas. Nem estou longe de crer que o próprio cativo lhe parecerá uma bem-aventurança, se eu disser que é o pior estado do homem.

— Sim? Retorquiu Helena sorrindo; estou quase a fazer-lhe a vontade. Não faço; prefiro admirar a cabeça de *Moema*. Veja, veja como se vai andando. Esta não maldiz o cativo; pelo contrário, parece que lhe dá glória. Pudera! Se não a tivéssemos cativa, receberia ela o gosto de me sustentar e conduzir? Mas não é só isso, é também impaciência.

— De quê?

— Impaciência de correr por essa estrada da Tijuca fora, e beber o vento da manhã, espreguiçando os músculos, e sentindo-se alguma coisa senhora e livre. Mas o que quer você, minha pobre égua? Continuou a moça indicando a cabeça até às orelhas do animal; vai aqui ao pé de nós um homem muito mau e medroso, que é ao mesmo tempo meu irmão e meu inimigo.

— Helena! Interrompeu Estácio; você é muito capaz de disparar a correr.

— E se fosse?

— Eu deixava-a ir, e nunca a traria em meus passeios. Você monta bem; mas não desejo que faça traquinagens. Nós somos responsáveis, não só por sua felicidade, mas também por sua vida.

Helena refletiu um instante.

— Quer dizer, perguntou ela, que se eu fosse vítima de um desastre, não faltaria quem o entendesse como culpa de minha família?

Helena

— Justo.

— Singular gente! Não há de ser tanto assim... Pois se eu me lembrasse — é uma suposição — se eu me lembrasse de deixar a vida por aborrecimento ou capricho, seria você acusado de me haver dado o veneno? Não há melhor modo de me fazer evitar a morte.

— Vamos deixar essa conversa de lado, e voltemos para casa, interrompeu Estácio.

— Já!

— Raras vezes passo daqui; e não pense você que é perto.

— Parece-me que ainda agora saímos de casa. Vamos uns cinco minutos adiante?

Sim?

Estácio consultou o relógio.

— Cinco minutos justos, disse ele.

— Até aquela casa que ali está com uma bandeira azul.

Havia, claramente, cerca de quatro minutos adiante, à esquerda da estrada, uma casa de aparência insignificante, sobre cujo telhado flutuava uma bandeira azul presa a uma vara.

Estácio conhecia a casa, mas era a primeira vez que via a bandeira. Helena pediu-lhe a explicação daquilo.

— Vá lá saber, disse o irmão rindo.

Helena deu de rédea à égua e adiantou-se alguns passos. Estácio apertou o animal e alcançou-a.

— Não vá fazer tolices! Disse ele em tom de branda repreensão. Aquilo é fantasia do morador, ou algum sinal de pássaros, ou qualquer outra coisa que não vale a pena de uma travessura. Vamos contemplar antes a manhã, que está deliciosa.

Helena não atendeu à proposta do irmão e foi andando, a passo lento, na direção da casa. A casa era velha, abrindo por uma porta para o alpendre antigo que lhe corria na frente. As colunas deste estavam já lascadas em muitas partes, aparecendo, aqui e ali, a estrutura de tijolo. A porta estava meio aberta. Havia absoluta solidão, aparente ao menos. Quando eles passaram pela frente, a porta abriu-se, mas se alguém espreitava por ela, ficou sumido na sombra, porque ninguém de fora o viu.

Cerca de cinco metros adiante, Estácio resolveu definitivamente regressar, e Helena não opôs objeção nenhuma. Torceram a rédea aos animais e desceram.

— Não poderei falar com a bandeira? Perguntou a moça. Deixe-me ao menos dizer-lhe adeus.

Tinha já tirado da bolsa o seu fino lenço de seda; **agitou-o** na direção da casa. Quis o acaso que a bandeira, até então quieta, se movesse ao sopro de um vento que passou.

— Vê como ela me respondeu? Não se pode ser mais cortês! Exclamou Helena, rindo.

Estácio riu também da lembrança da irmã, e ambos desceram, a passo lento, como haviam subido. Helena vinha séria e pensativa. Os olhos, cravados nas orelhas de *Moema*, não pareciam ver sequer o caminho que o animal seguia. Estácio, para arrancá-la ao silêncio, fez-lhe uma observação acerca de um incidente do caminho. Helena respondeu distraidamente.

— Que tem você? Perguntou ele.

— Nada, disse ela; ia. . . ia escutando uma canção. Não ouvi?

Ouvia-se, efetivamente, a algumas braças adiante, uma cantiga da roça, meio alegre, meio triste. O cantor apareceu, logo que os cavaleiros dobraram a curva que a estrada fazia naquele lugar. Era o preto, que pouco antes tinham visto sentado no chão.

— Que lhe dizia eu? Observou a irmã de Estácio. Ali vai o infeliz de agora há pouco. Uma laranja chupada no capim e três ou quatro quadras, é o bastante para lhe encurtar o caminho. Creia que vai feliz, sem precisar comprar o tempo. Nós poderíamos dizer o mesmo?

— Por que não?

A moça recolheu-se ao silêncio.

— Helena, isso que você acaba de dizer... Vamos, estamos sós; confesse alguma tristeza que tenha.

— Nenhuma, respondeu a moça. Peço-lhe, entretanto, uma coisa.

— Diga.

— Peço-lhe que me comunique todas as más impressões que tiver a meu respeito. Explicarei umas, procurarei esclarecer

Helena

outras, emendando-me. Sobretudo, peço-lhe que escreva em seu espírito esta verdade: é que sou uma pobre alma lançada num turbilhão.

Estácio ia pedir explicação mais desenvolvida daquelas últimas palavras; mas Helena, como se esperasse a pergunta, brandira o chicote, e passou a égua a correr. Estácio fez o mesmo ao cavalo; daí a alguns minutos entravam na chácara, ele aturdido e curioso, ela com a face vermelha e a bater-lhe violentamente o coração.

## Capítulo VII

Desceram do cavalo os dois no terreiro e dirigiram-se para a escada que ia dar na varanda. Pisando o primeiro degrau, disse Estácio:

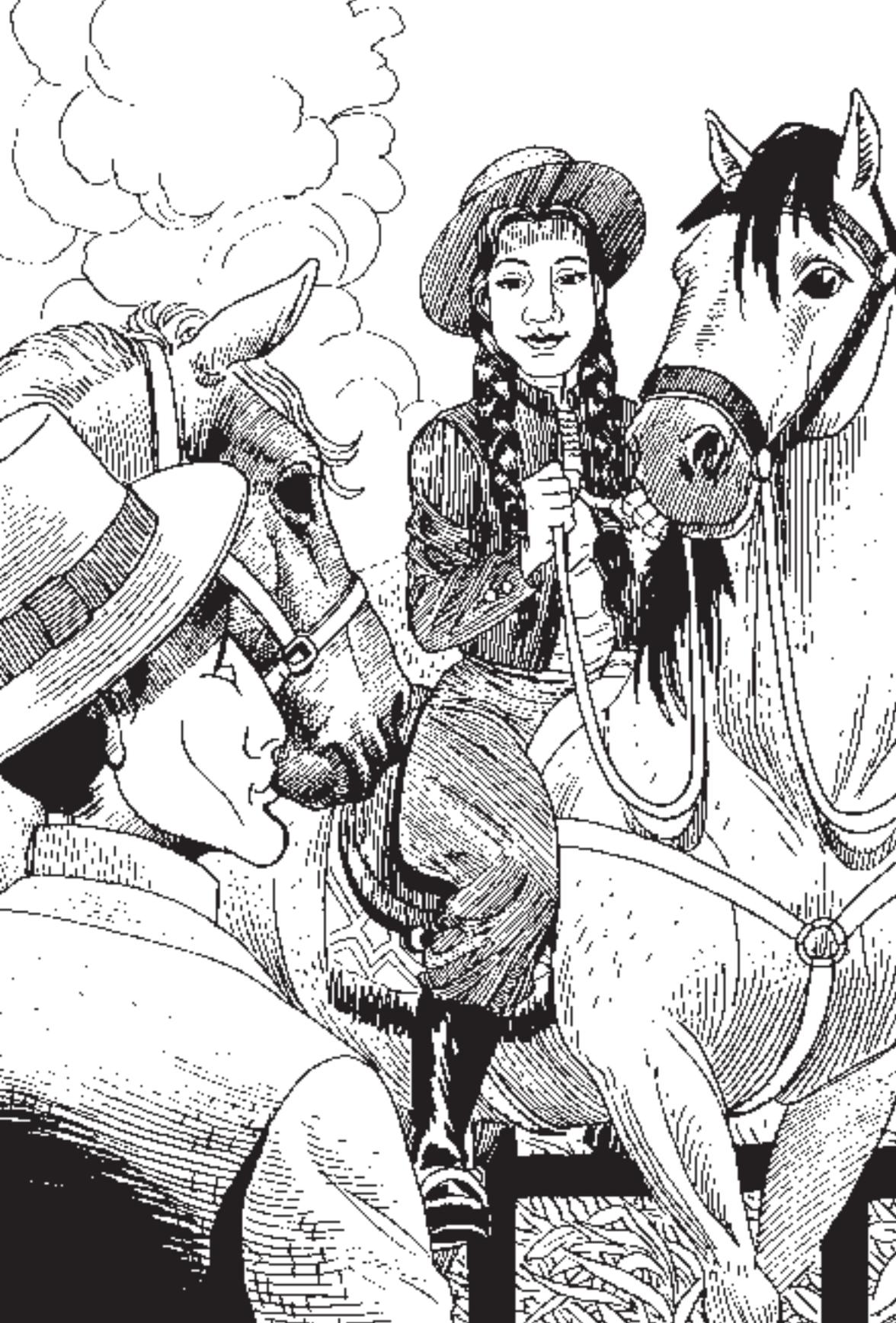
— Helena, explique-me suas palavras de há pouco.

— Quais?

E como Estácio levantasse os ombros, com ar de despeito, continuou Helena:

— Perdoe-me; a pergunta não tem nem podia ter outra resposta mais do que a simples recusa. Não lhe direi mais nada. Nunca se devem fazer meias confissões; mas, neste caso, a confissão inteira seria imprudência maior. Se se tratasse de fatos, creia que a ninguém melhor podia confiá-los do que a você; mas por que motivo irei perturbar seu o espírito com a narração de meus sentimentos, se eu própria não chego a entender-me?

Estácio não insistiu. Subiram a escada, atravessaram a varanda e entraram na sala de jantar, onde acharam D. Úrsula dando as ordens daquele dia a dois escravos. Estácio entrou pensativo; Helena mudou totalmente de ar e maneiras. Alguns segundos antes era sincera a melancolia que lhe ensombrava o rosto. Agora regressara à jovialidade de costume. Já haviam dito que a alma da moça era uma espécie de comediante que havia recebido da natureza ou da fortuna, ou talvez de ambas, um papel que a obrigava a mudar continuamente de vestuário. D. Úrsula viu-a entrar risonha e ir a dar-lhe os costumados *bons*



Helena

*dias*, — que eram sempre um beijo, — ou antes dois, — um na mão, outro na face.

— Demorei-me muito? Perguntou ela voltando rapidamente o corpo, de maneira a ver o relógio que ficava do outro lado da sala. Nove horas! Que passeio, senhor meu irmão!

Estácio olhava para ela silencioso e não lhe respondeu. Foram logo depois mudar de roupa, e o almoço reuniu a família. D. Úrsula propôs, durante ele, algumas mudanças na disposição da chácara, mudanças que foram longamente discutidas com o sobrinho, e aceitas afinal por este. O dia estava sombrio e fresco; D. Úrsula desceu à chácara com Estácio. As alterações foram ainda estudadas e combinadas no próprio terreno, com assistência do feitor, logo que acabou a deliberação e que o projeto de D. Úrsula foi definitivamente assentado, Estácio reteve-a e lhe disse:

— Preciso falar-lhe um instante.

— Também eu.

— Quais são os seus sentimentos atuais em relação a Helena? Oh! não precisa franzir a testa nem fazer esse gesto de aborrecimento. Tudo são meras aparências. Não creio que seja absolutamente amiga dela; mas não pode negar que a antipatia desapareceu ou diminuiu muito.

— Diminuiu, talvez.

— E com razão. Pensa que também eu não tive repugnâncias, depois que ela aqui entrou? Tive; mas se não houvessem desaparecido, — desapareceriam hoje de manhã.

— Como?

Estácio referiu à tia a cena do capítulo anterior e as palavras que lhe dissera Helena.

D. Úrsula sorriu ironicamente.

— Não a impressiona isto? perguntou Estácio.

— Não, respondeu D. Úrsula com decisão; a frase de Helena é achada em algum dos muitos livros que ela lê. Helena não é tola; quer prender-nos por todos os lados, até pela compaixão. Não te nego que começo a gostar dela; é dedicada, afetuosa, diligente; tem maneiras finas e algumas prendas de sociedade. Além disso, é naturalmente simpática. Já vou gostando dela;

mas é um gostar sem fogo nem paixão, em que entra boa dose de costume e necessidade. A presença de outra mulher nesta casa é conveniente, porque eu estou cansada. Helena preenche essa lacuna. Se alguma coisa, entretanto, a podia prejudicar nas nossas relações é esse dito.

Estácio tomou calorosamente a defesa da irmã.

— O que eu lhe contei, disse ele, foram apenas as palavras. Não pude nem poderei reproduzir a expressão sincera com que ela as disse, e a profunda tristeza que havia em seus olhos. Não lhe nego que, ao vê-la mudar tão depressa e entrar alegre na sala, senti tal ou qual abalo de dúvida, mas passou logo. Ela tem o poder de concentrar a amargura no coração; também a dor tem suas hipocrisias. .

— Mas que dor? Que amargura? Interrompeu D. Úrsula. A dor de ser legitimada? A amargura de uma herança?

Estácio protestou calorosamente contra aquele caminho que a tia dava às suas **ideias**; enfim pediu-lhe que interrogasse com cautela a irmã.

— Um homem, concluiu ele, é menos apto para obter tais confissões; uma senhora, respeitável e parenta, está mais no caso de lhe captar a confiança e obter tudo. Quer esse delicado papel?

— O que você pede é muito, respondeu D. Úrsula. Verei se posso dar metade disso. Era só o que tinha para dizer?

— Só.

— Uma criancice! Eu tenho coisa mais séria. O Dr. Camargo escreveu-me; trata-se...

— Não precisa dizer mais nada, interrompeu Estácio; lá vem ele.

Camargo apareceu efetivamente a vinte passos de distância.

— Doutor, disse D. Úrsula, logo que este se aproximou deles, chega um pouco fora de propósito. Eu mal tive tempo de assustar meu sobrinho, que ainda não sabe o que o senhor quer.

— Saberá agora; é só bastante que a senhora lhe diga que me aprova.

— Completamente.

— Trata-se... disse Estácio.

— De uma conspiração; todos conspiramos em seu benefício.

Helena

D. Úrsula retirou-se para casa; os dois ficaram sós. Uma vez sós, Camargo pousou a mão no ombro de Estácio, olhou-o paternalmente, enfim perguntou-lhe se queria ser deputado. Estácio não pôde reprimir um gesto de surpresa.

— Era isso? Disse ele.

— Creio que não se trata de um sacrifício. Uma cadeira na Câmara! Não é a mesma coisa que um quarto no Aljube...

— Mas a que propósito?

— Esta **ideia** estava em minha mente há algumas semanas. Doía vê-lo vegetar os seus mais belos anos numa obscuridade relativa. A política é a melhor carreira para um homem em suas condições; tem instrução, caráter, riqueza; pode subir a posições invejáveis. Vendo isso, determinei metê-lo na Cadeia... Velha. Fala-se em dissolução. Para facilitar-lhe o sucesso, entendi-me com duas influências dominantes. O negócio parece ser uma boa **ideia**.

Estácio ouviu com desagrado as notícias que lhe dava o médico.

— Mas, doutor, disse ele depois de curto silêncio, houve de sua parte alguma precipitação. Pelo menos, devia consultar-me. Do modo por que arranjou as coisas, quase me acho desobrigado de lhe agradecer a intenção. Quanto a aceitar, não aceito.

Camargo não perdeu o equilíbrio; deixou passar por cima da cabeça a primeira onda de desagrado, surgiu fora e insistiu **tranquilamente**:

— Vejamos as coisas com os óculos do senso comum. Em primeiro lugar, não creio que tenha outros projetos na cabeça...

— Talvez.

— Duvido que sejam mais vantajosos do que este. A ciência é árdua e seus resultados fazem menos confusão. Não tem vocação comercial nem industrial. É duvidoso. Seu futuro tem por ora dois limites únicos, alguns estudos de ciência e os aluguéis das casas que possui. Ora, a eleição nem lhe tira os aluguéis nem evita que continue os estudos; a eleição completa-o, dando-lhe a vida pública, que lhe falta. A única objeção seria a falta de opinião política; mas esta objeção não o pode ser. Há de ter, sem dúvida, meditado alguma vez nas necessidades públicas, e...

— Suponha, — é mera hipótese, — que tenho alguns compromissos com a oposição.

— Nesse caso, direi que ainda assim deve entrar na Câmara — embora pela porta dos fundos. Se tem **ideias** especiais e partidárias, a primeira necessidade é obter o meio de as expor e defender. O partido que lhe der a mão, — se não for o seu, — ficará consolado com a **ideia** de ter ajudado um adversário talentoso e honesto. Mas a verdade é que não escolheu ainda entre os dois partidos; não tem opiniões feitas. Que importa? Grande número de jovens políticos seguem, não uma opinião examinada, ponderada e escolhida, mas a do círculo de suas afeições, a que os pais ou amigos imediatos honraram e defenderam, a que as circunstâncias lhe impõem. Daí vêm algumas legítimas conversões posteriores. Tarde ou cedo o temperamento domina as circunstâncias da origem, e do botão de flor nasce um magnífico lírio. Além do mais, a política é ciência prática; e eu desconfio de teorias que só são teorias. Entre primeiro na Câmara; a experiência e o estudo dos homens e das coisas lhe designarão a que lado se deve inclinar.

Estácio ouviu atento estas vozes com que a serpente lhe apontava para a árvore da ciência do bem e do mal. Menos curioso que Eva, entrou a discutir filosoficamente com o réptil.

— Entra-se na política, disse ele, por vocação legítima, ambição nobre, interesse, vaidade, e até por simples distração. Nenhum desses motivos me impele a dobrar o Cabo das Tormentas...

— Da Boa Esperança, emendou Camargo rindo; não suprima três séculos de navegação.

Estácio riu também. Depois falou ao médico da sua índole e ambições. Não negava que tivesse ambições; mas não eram só políticas, nem todas eram da mesma estatura. Os espíritos, disse ele, nascem condores ou andorinhas, ou ainda outras espécies intermédias. A uns é necessário o horizonte vasto, a elevada montanha, de cujo cume batem as asas e sobem a encarar o sol; outros contentam-se com algumas longas braças de espaço e um telhado em que vão esconder

o ninho. Estes eram os obscuros, e, na opinião dele, os mais felizes. Não seduzem as vistas, não subjugam os homens, não os menciona a História em suas páginas luminosas ou sombrias; o vão do telhado em que abrigaram a prole, a árvore em que pousaram, são as testemunhas únicas e passageiras da felicidade de alguns dias. Quando a morte os colhe, vão eles pousar no braço comum da eternidade, onde dormem o mesmo perpétuo sono, tanto o capitão que subiu ao sumo estado por uma escada de mortos, como o cabreiro que o viu passar uma vez e o esqueceu duas horas depois. Suas ambições não eram tão desprezíveis como seriam as do cabreiro; eram as do proprietário do campo que o capitão atravessasse. Um bom dinheiro, a família, alguns livros e amigos, — não iam além seus mais arrojados sonhos.

Um sorriso de lástima foi a primeira resposta do médico.

— Meu caro Estácio, disse ele depois, esse trocadilho de andorinhas e cabreiros é a coisa mais extraordinária que eu esperava ouvir de um matemático. Saiba que detesto igualmente a filosofia do desconhecido e a retórica dos poetas. Sobretudo, gosto que respondam em prosa quando falo em prosa.

— Parece-lhe que poetei? perguntou Estácio rindo.

— Despropositadamente! Ora, eu falo de coisas sérias; e convém não confundir alhos, que são a metade prática da vida, com bugalhos, que são a parte ideológica e vã.

— Eu serei ideólogo.

— Não tem direito de o ser.

— Pois bem, deixe-me com as minhas matemáticas, as minhas flores, as minhas espingardas.

— Não! Tem que acrescentar a tudo isso um pouco de política.

Puxando-o familiarmente pela gola do paletó, Camargo o fez sentar ao seu pé, no banco que ali estava mais próximo. Depois falou. O novo discurso foi o mais longo que proferiu em todos os seus dias. Nenhuma das vantagens da vida pública deixou de ser apontada com uma paciência de tentador; todas as glórias, pompas e satisfações da política, e não só as reais, mas as fictícias ou duvidosas, foram listadas, pintadas, doura-

das e iluminadas pelo médico. A palavra revelou um poder de evocação, uma força, uma energia, que ninguém era capaz de supor. O inibido mostrou-se tagarela. Para falar tanto e com tal força era preciso que o animasse um grande sentimento ou um grande interesse.

Estácio, lisonjeado com a afeição que ele lhe mostrava, não teve desejo de fazer essa reflexão. Nem se animou a repetir a recusa; preferiu transferir a resposta para outra ocasião.

— Já lhe disse o que sinto a tal respeito. Contudo, estou pronto a refletir, e a consultar o Padre Melchior e Helena.

O nome de Helena produziu em Camargo uma careta interior. Exteriormente, não passou o efeito de um sorriso dissimulado. Interveio uma pitada de fumo, que o médico inseriu lentamente, depois de a extrair de uma bolsinha de couro de tartaruga, presente do Conselheiro Vale.

— Helena! Disse ele com alguma hesitação. Que sua irmã tem com este negócio?

— É um voto, respondeu Estácio; e menos leve do que lhe parece. Há nela muita reflexão escondida, uma razão clara e forte, em boa harmonia com as suas outras qualidades femininas.

Entre as sobrelhas de Camargo projetou-se uma longa ruga, e foi toda a expressão de seu espanto e desgosto. A resposta de Estácio revelara-lhe uma situação nova na família: o voto de Helena, consultivo agora, podia vir a ser preponderante. Esta solução, que porventura faria estremecer de alegria os ossos do conselheiro, o médico não havia previsto. Limitou-se a notá-la de si para si; e, terminando subitamente a conversa, disse:

— Consulte as pessoas de seu agrado. Quem não estiver com a minha opinião, não é seu amigo. Em todo o caso, ninguém lhe poderá afirmar que não é a amizade, a longa amizade...

Estácio cortou a palavra, apertando-lhe afetuosamente a mão. Tinham-se levantado. Era quase meio-dia; Camargo despediu-se ali mesmo; ia ver dois doentes no caminho da Tijuca. O filho do conselheiro atravessou sozinho a chácara; ia pensativo, e aborrecido. A política, na sua opinião, era uma noiva importuna; mas, se todos conspirassem a favor dela, não seria ele obrigado a casar com ela? A esta reflexão respondeu

Helena

a voz do Padre Melchior, do alto de uma janela:

— Venha cá, senhor deputado; quando teremos o seu primeiro discurso?

## Capítulo VIII

D. Úrsula tinha já confiado ao velho capelão a proposta de Camargo. Consultado por Estácio, respondeu o padre:

— Consulte as suas forças e a responsabilidade do cargo, e escolha.

— Já escolhi, disse Estácio; pedia-lhe conselho para apoiar melhor a minha própria decisão. Não é esse o destino de todos os conselhos? Decidi que não aceito a candidatura. A vida política é turbulenta demais para o meu espírito. Estou pronto para a ação, mas não há de ser exterior. Devido ao meu temperamento, o que iria eu buscar na Câmara, além de algumas prerrogativas e um papel acessório? Eu só me meteria na política se pudesse officiar; mas ser apenas sacristão.

— Entre o oficiante e o sacristão, observou Melchior, está o pregador, que é cargo nobre e influente.

— Mas o tema do sermão, padre-mestre? Retorquiou Estácio rindo; falta-me o tema.

D. Úrsula, a quem seduziam exclusivamente a posição e o rumor público em favor do sobrinho, viu naquelas razões um pretexto ou uma infantilidade. Defendeu, como pôde, a causa de Camargo; tentou convencer o sobrinho para que refletisse maduramente, antes de qualquer resposta definitiva. Estácio prometeu como havia prometido ao médico, por simples educação; mas sobretudo para pôr fim ao assunto e ir saber a causa do sorriso quase imperceptível que viu roçar os lábios de Helena. A moça erguera-se e se dirigiu para uma das janelas; Estácio foi até ali.

— Adivinhei, pelo seu sorriso, disse ele, que tudo isto lhe parece infantil, e que eu faço bem em não aceitar o que me oferecem.

Helena olhou um pouco espantada para ele, mas respondeu com **tranquilidade**:

— Pelo contrário, penso que deve aceitar. Além de haver consentimento de minha tia, parece ser um grande desejo do pai de Eugênia.

Era a primeira vez que Helena aludia ao amor de Estácio, e fazia por modo encoberto e certo. Estácio escapou dessa vez à regra de todos os corações amantes; discutiu seriamente o assunto da candidatura. Era pesado demais para cabeça feminina; Helena intercalou uma observação sobre dois passarinhos que bailavam no ar, e Estácio aceitou a diversão, deixando em paz os eleitores.

Durante dois dias não saiu ele de casa. Tendo recebido alguns livros novos, gastou parte do tempo em os folhear, ler alguma página, colocá-los nas estantes, alterando a ordem e a disposição dos anteriores, com a complexidade e o amor do amante de livros. Helena ajudava-o nesse trabalho, — um pouco parecido com o de Penélope — porque a ordem estabelecida ao meio dia era às vezes alterada às duas horas, e restaurada na seguinte manhã. Estácio, entretanto, não ficava todo entregue aos livros; admirava a ajuda da irmã, a ordem e o cuidado com que ela o auxiliava. Helena parecia não andar; o vulto resvalava silenciosamente, de um lado para outro, obedecendo às indicações do irmão, ou pondo em experiência uma **ideia** sua. Estácio parava às vezes, cansado; ela continuava imperturbavelmente o serviço. Se ele lhe fazia algum reparo, a moça respondia erguendo os ombros ou sorrindo, e prosseguia. Então Estácio segurava-lhe nos pulsos e exclamava rindo:

— Sossega, borboleta!

Helena parava, mas eram só poucos minutos; voltava logo ao trabalho com a mesma serena agitação. Era assim que as horas se passavam na intimidade mais doce, e que a recíproca afeição ia excluindo toda a preocupação alheia; era assim que a influência de Helena assumia as proporções de voto preponderante.

No terceiro dia, D. Tomásia e Eugênia foram jantar em Andaraí. Eugênia estava nesse dia mais séria e dócil que nunca; dissera-se que trazia a alma tão nova como o vestido, e menos enfeitada que ele. Estácio sentia-se satisfeito; o ideal reconciliava-se com o real.

Puderam falar sozinhos, mais de uma vez; todas as pessoas da casa pareciam conspiradas para lhes deixar a solidão. Foi ela quem recordou a proposta política do pai, da qual soubera casualmente, ouvindo a narração que este havia feito a D. Tomásia. O desejo de Eugênia era pela afirmativa; e Estácio, receoso de despertar os caprichos adormecidos da moça, frouxamente resistiu, e consentiu ainda mais frouxamente em pensar sobre o assunto.

— Deputado! Exclamava Eugênia com os olhos no céu.

Estácio acompanhou Eugênia e D. Tomásia na carruagem que as levou ao Rio Comprido. O dia foi mais ou menos alegre; a viagem foi divertida e tagarela como um regresso de romaria. Os cavalos mostravam-se tão felizes como as pessoas que iam no carro, e encurtaram alguns minutos o caminho, com desgosto de Eugênia.

Voltando a Andaraí, Estácio trazia a alma pura de todas as más impressões que lhe deixavam usualmente as visitas à casa de Camargo. Nenhuma briga houve naquele dia. Eugênia parecia modificada. Em casa esperava, porém, uma desagradável notícia: a tia sentira-se incomodada pouco depois que ele saiu e recolheu-se ao quarto. O caso afligiu-o, mas não tardou a aparecer Helena, que o **tranquilizou**, dizendo-lhe que D. Úrsula tinha apenas uma forte dor de cabeça, já diminuída com o emprego de um remédio caseiro.

No dia seguinte de manhã, informado de que a tia dormia sossegadamente, Estácio abriu uma das janelas do quarto e passou os olhos pela chácara. A alguns passos de distância, entre duas laranjeiras, viu Helena a ler atentamente um papel. Era uma carta, longa de todas as suas quatro páginas escritas. Seria alguma mensagem amorosa? Esta **ideia** mexeu muito com ele. Afastou-se da janela, ajustou as cortinas, e pela fresta procurou observar a irmã. Helena estava de pé, no mesmo lugar, e percorria rapidamente as linhas, até ao final da última página. Ali chegando, deu dois passos, tornou a parar, voltou ao princípio da carta, para a ler de novo, não já depressa, mas calmamente. Estácio sentiu-se movido de forte curiosidade, à qual vinha misturar-se uma sombra de despeito e ciúme.

A **ideia** de que Helena podia repartir o coração com outra pessoa desconsolava-o, ao mesmo tempo que o irritava. A razão de semelhante exclusivismo não a explicou ele, nem tentou investigá-la; sentiu somente os efeitos, e ficou ali sem saber que faria. Duas vezes saiu da janela para encontrar-se com a irmã, mas recuou de ambas, refletindo que a curiosidade pareceria falta de educação, se não era talvez tirania. Ao fim de alguns minutos de dúvida, saiu do quarto e dirigiu-se à chácara.

Quando ali chegou, Helena passeava lentamente, com os olhos no chão. Estácio parou diante dela.

— Já fora de casa! Exclamou em tom de gracejo.

Helena tinha a carta na mão esquerda; instintivamente a amarrotou como para escondê-la melhor. Estácio, a quem não escapou o gesto, perguntou-lhe rindo se era alguma nota falsa.

— Nota verdadeira, disse ela, alisando **tranquilamente** o papel, e dobrando-o conforme havia recebido; é uma carta.

— Segredos de moça?

— Quer lê-la? Perguntou Helena, apresentando-lhe.

Estácio ficou vermelho e recusou com um gesto. Helena dobrou lentamente o papel e guardou-o no bolso do vestido. A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara. Estácio contemplava-a, a um tempo envergonhado e suspeito; a carta fazia-lhe cócegas; o olhar ambicionava ser como o da Providência que penetra nos mais íntimos cantos do coração. Vieram, entretanto, dizer a Helena que D. Úrsula lhe pedia que fosse ter com ela. Estácio ficou só. Uma vez só, entregou-se a um inquérito mental sobre a procedência da misteriosa carta. Um indício havia de que podia conter alguma coisa secreta: era o gesto com que ela a escondeu. Mas não podia ser de alguma antiga companheira do colégio, que lhe confiava segredos seus? Estácio abraçou com alvoroço esta hipótese. Depois, ocorreu-lhe que, ainda provindo de uma amiga, a carta podia tratar de alguma questão de colégio, em que Helena fosse participante, questão viva ou morta, página de esperança ou de saudade. Ainda nesse caso, que tinha ele com isso?

Fazendo esta última reflexão, Estácio sacudiu do espírito o assunto e seguiu a examinar as novas obras da chácara, entre as quais estava um grande tanque. Já ali estavam os operários; ia começar o trabalho do dia. Estácio viu a obra feita e deu várias indicações novas. Algumas eram contrárias ao plano combinado; como lhe fizessem tal observação, Estácio retificou-as. Depois admirou-se de não ver um vaso, que aliás dois dias antes havia mandado remover; enfim, recomendou que regassem uma planta, ainda úmida da água que o serviçal lhe havia colocado nessa manhã.

D. Úrsula não estava de todo boa, mas pôde almoçar à mesa comum. O sobrinho apareceu aborrecido, a sobrinha triste; o diálogo foi mastigado como o almoço. No fim deste, recebeu Estácio uma carta de Eugênia. Era uma tagarelice meio boba, meio sentimental, mistura de risos e suspiros, sem objeto definido a não ser pedir-lhe que escrevesse se não pudesse ir vê-la.

Acabava ele de ler a carta, quando Helena lhe apareceu à porta do gabinete. Não a escondeu; lembrou-se de mostrá-la à irmã na esperança de que ela, pagando-lhe com igual confiança, lhe mostrasse a sua. Helena percorreu com os olhos a carta de Eugênia e esteve algum tempo silenciosa.

— Permite-me um conselho? Perguntou ela.

E como se Estácio respondesse com um gesto de confirmação:

— Vá ter com Eugênia, solicite licença para ir pedi-la a seu pai, e conclua isso quanto antes. Não é verdade que se amam? Dela creio poder afirmar que sim; de você...

— De mim?

— Penso que é mais duvidoso; ou você é mais hábil. Há de ser isso. Naturalmente parece que amar é fraqueza para você, — isto é, a coisa mais natural do mundo, — a mais bela, — não direi a mais sublime. Os homens sérios têm preconceitos extravagantes. Confesse que ama, que não é indiferente a esse sentimento inexprimível que liga, ou para sempre, ou por algum tempo, duas criaturas humanas.

“Ou por algum tempo!” Repetiu mentalmente Estácio.

E estas quatro palavras, tão naturais e tão comuns, ti-

nham ares de uma revelação nova no estado de espírito em que ele se achava. Se Helena tivesse propósito de lhe lançar a perplexidade na alma, não empregaria mais eficaz conceito. Seria na verdade aquele amor, tão travado de desânimos, dissentimentos e alternativas, tão discutido em seu próprio coração, uma afeição destinada a perecer no se pôr da primeira lua matrimonial?

— Pois sim, concordou ele, ao fim de alguns instantes, é verdade. Eugênia não é indiferente a mim; mas poderei estar certo dos sentimentos dela? Ela mesma poderá afirmar alguma coisa a tal respeito? Há ali muita frivolidade que me assusta; ilude-a, talvez, uma impressão passageira.

— Pode ser; mas ao marido cabe a tarefa de fixar essa impressão passageira... O casamento não é uma solução, penso eu; é um ponto de partida. O marido fará a mulher. Convenho que Eugênia não tem todas as qualidades que você desejaria; mas, não se pode exigir tudo: alguma coisa é preciso sacrificar, e do sacrifício recíproco é que nasce a felicidade doméstica.

As reflexões eram exatas; por isso mesmo Estácio as interrompeu. O filho do conselheiro achava-se numa posição difícil. Caminhava para o casamento com os olhos fechados; ao **abri-los**, viu-se à beira de uma coisa que lhe pareceu abismo, e era simplesmente um fosso estreito. De um pulo poderia transpô-lo; mas, se não era irresoluto nem débil, tinha ele por acaso vontade de dar esse salto?

Insistindo Helena, prometeu ele que nessa tarde iria visitar Camargo. De tarde desabou um temporal violento. A força do vento e da trovoada abrandou; mas a chuva continuou a cair com a mesma violência; era impossível ir ao Rio Comprido. Estácio estimou aquele obstáculo; era melhor adorar de longe a imagem da moça do que ir colher algum desgosto junto a ela.

De pé, encostado a uma das vidraças da sala de visitas, via cair as grossas toalhas de água. Ao lado estava sentada Helena, não alegre, mas sombria e melancólica.

— E tão bom ver chover quando estamos abrigados! Exclamou ele. Tenho lá na estante um poeta latino que diz alguma coisa neste sentido... Que tem você?

— Estou pensando nos que não têm abrigo ou o têm mau; nos que não têm, neste momento, nem textos sólidos nem corações amigos ao pé de si.

A voz da moça era trêmula; uma lágrima lhe brotou dos olhos, tão rápida que ela não teve tempo de esconder. Surpreendida nessa manifestação de sensibilidade, inexplicável talvez para o irmão, ergueu-se e procurou gracejar e rir. O riso parecia uma cristalização da lágrima, e o gracejo tinha ares de resposta. Estácio não se iludiu; nada daquilo era claro, ou era tão claro como a carta. O olhar, sério e frio, interrogou mudamente a moça. Helena, que teve tempo de se tranquilizar, voltou o rosto para a rua, e começou a bater com os dedos na vidraça.

## Capítulo IX

Naquela mesma noite, D. Úrsula, que não havia de todo melhorado, adoeceu mais ainda. A família, mal recuperada da perda do velho chefe, via-se agora ameaçada de uma nova dor, em todo o caso, exposta a novos receios. Dr. Camargo declarou que o caso era grave, e deu princípio a rigoroso tratamento.

Helena era naquela ocasião a natural enfermeira. Pela primeira vez mostrou-se em todo o esplendor a dedicação filial da moça. Horas do dia, e não poucas noites inteiras, passava-as no quarto de D. Úrsula, atenta a todos os cuidados que a seriedade da enferma exigia. Os remédios e o pouco alimento que esta podia receber, não lhe eram dados por outras mãos. Helena velava à cabeceira, durante o sono leve e interrompido da doente, achando em suas próprias forças a resistência que a natureza confiou especialmente às mães. Quando dava algum repouso ao corpo, não era ele ininterrupto nem longo; e mais de uma vez, alta noite, erguia-se do leito, colocado provisoriamente no quarto ao lado, para ir olhar a empregada que, em seu lugar, acompanhava a enferma. As prescrições do médico era ela que as recebia e cumpria. A voz seca e dura com que Camargo lhe falava, não era própria a torná-lo amável e aceito; mas Helena fechava os ouvidos à antipatia do homem para só obedecer ao médico.



Este não tinha outra pessoa a quem interrogasse acerca dos fenômenos da doença, nem podia achar quem melhor os observasse e referisse; era necessário aceitá-la. Assim, essas duas pessoas que se repeliam e detestavam, iam de acordo, desde que se tratava da vida de um terceiro.

O que completava a pessoa de Helena, e ainda mais lhe mereceu o respeito de todos, é que, no meio das ocupações e preocupações daqueles dias, não deixou de lado um só instante a disciplina da casa. Ela cuidou a família e serviu a doente, com igual desvelo e benefício. A ordem das coisas não foi alterada nem esquecida fora do quarto de D. Úrsula; tudo caminhou do mesmo modo que antes, como se nada extraordinário houvesse acontecido. Helena sabia dividir a atenção sem a dispersar.

De si é que ela não curou muito. O vestido era simples. Os cabelos, colhidos à pressa e presos por um pente no alto da cabeça, não receberam, em todo aquele tempo, a forma elegante e graciosa com que ela os sabia realçar. Mais o abatimento, que era impossível evitar no meio de tanto trabalho, certo cansaço dos olhos, que os fazia moles e talvez mais adoráveis, um rosto sem riso nem esperteza, um silêncio atento e trabalhador.

A doença durou cerca de vinte dias. Afinal, a própria natureza de D. Úrsula venceu, robusta apesar dos anos. A recuperação começou; com ela voltou a satisfação da família. O papel de Helena não estava acabado; diminuía, contudo, e Estácio interveio para que a irmã tivesse, enfim, alguns dias de absoluto repouso. Ela recusou, dizendo que o repouso perdido aos poucos seria aos poucos recuperado.

Havia no coração de D. Úrsula uma fonte de ternura, que Helena devia tocar, para jorrar livre e impetuosamente. A dedicação, em tal crise, foi o elemento primordial. A afeição da tia era até então frouxa, voluntária e deliberada. Depois da doença, pareceu espontânea. A experiência do caráter da moça havia dado esse resultado inevitável. Toda a prevenção parou; a gratidão da vida ligou fortemente o que tantas circunstâncias anteriores pareciam separar. Não o escondeu a irmã do conselheiro; já não tinha acanhamento nem reserva, as palavras subiam coração à boca sem atenuação nem cálculo; fez-se carinhosa e mãe.

No dia em que ela pôde sair do quarto pela primeira vez, Helena deu-lhe o braço e levou-a até à sala de costura e das reuniões íntimas. Estácio amparou-a do outro lado. Ali chegando, foi ela sentada numa poltrona. Estácio abriu um pouco a janela, para entrar, além da luz, um pouco de ar. D. Úrsula respirou amplamente, como lavando o pulmão com aquela primeira onda de vida. Depois, segurando as mãos de Helena, que havia ficado de pé a seu lado, a fez levantar o rosto, e deu-lhe um beijo longo e verdadeiramente maternal. Estácio aproximou-se; aquela manifestação encheu-o de júbilo.

— Bem merecido beijo! Exclamou ele. Helena foi um anjo em todo este tempo.

— Bem sei, respondeu D. Úrsula; foi um verdadeiro anjo, foi mulher, mãe e filha. Obrigada, Helena! Pode ser que a medicina tenha ajudado a cura, mas o principal mérito é só teu.

Helena abraçou a convalescente.

— Estácio, disse esta, agradece a tua irmã, como eu fiz.

Estácio inclinou-se para Helena, a fim de lhe pousar na fronte o casto ósculo de irmão.

Não o consegui, porque Helena, desviando o rosto, estendeu-lhe sorrindo a mão esquerda e disse:

— Não foi serviço que merecesse tanto agradecimento; basta um aperto de mão e o afeto de todos.

Estácio apertou-lhe a mão, e sentiu trêmula. Aquele movimento de castidade não lhe pareceu exagerado nem descabido; achou-a assim mais bela. Uma criatura tão ciosa de si mesma, que nem admitia a carícia do irmão, não era digna de honrar o nome da família?

A recuperação de D. Úrsula foi lenta, e não a houve mais rodeada de cuidados e atenções. Os dois sobrinhos não a deixaram um instante sozinha, e inventavam toda a sorte de diversão com que pudessem distraí-la: jogos de família ou leitura, música ou simples conversa íntima. Uma vez, lembraram-se de representar, só para ela, uma comédia de duas pessoas. Outra vez, Helena organizou um sarau musical, em que tomaram parte Eugênia Camargo e mais três moças da vizinhança. Foi a primeira vez que a ouviram cantar. O sucesso não podia ser mais completo.

Como o aplauso que lhe deram pareceu desconsolar um pouco a filha do médico, Helena preparou-lhe habilmente um triunfo, fazendo-a executar ao piano uma composição brilhante, sua favorita. Estácio, que quase não tirava os olhos da irmã, percebeu a intenção, e lhe disse isso. Helena esquivou-se da referência; mas, insistindo ele:

— Não há nada que admirar, disse ela; Eugênia toca perfeitamente; era justo que também fosse aplaudida. Se há arte no que fiz, parece-me que é a mais humilde do mundo. O melhor modo de viver em paz é nutrir o amor-próprio dos outros com pedaços do nosso. Mas, olhe; Eugênia nem precisa disso; tem a primazia da beleza. Veja se há criatura mais deliciosa.

Estácio dirigiu os olhos para onde Helena lhe indicava. Era um grupo de duas moças e dois rapazes. Eugênia, pelo braço de um deles, estava de pé, ouvindo sem atender as palavras que ali diziam, porque os olhos inquietos passavam por toda ela e pela sala. Admirava-se e observava a admiração dos outros. A figura era realmente graciosa; mas Estácio quisera-a mais inconsciente, menos preocupada do efeito que produzia.

— Há cem belezas como aquela, disse ele.

— Estácio! Exclamou Helena com ar de repreensão.

— A beleza é como a bravura; vale mais se não é forçada.

— Você é um ingrato.

Naquela noite ficou mais aparente que nunca a superioridade ganha por Helena, que havia se tornado a verdadeira dona da casa, a diretora ouvida e obedecida. D. Úrsula cedera, em poucas semanas, o que lhe negara durante meses.

Por que razão, pensando em todas as coisas, não conseguira ela apressar o casamento de Estácio? Estácio continuava a duvidar, a recuar, a adiar; pedia tempo para refletir. Ia agora menos ao Rio Comprido; os dias, quase todos, eram passados no remanso da família. Mas Helena insistiu tanto que ele prometeu fazer o solene pedido no primeiro dia do ano. Estácio não havia esquecido a carta lida pela irmã; entretanto, por mais que a observasse e estudasse, nada descobria que lhe fizesse supor afeição escondida. Nenhum dos

homens que iam ali, — e eram poucos, — parecia receber de Helena mais do que a cortesia comum. D. Úrsula, a quem ele deu a incumbência de interrogar a irmã acerca das palavras que esta lhe havia dito na manhã do primeiro passeio, não obteve resposta mais decisiva.

A promessa de ir pedir Eugênia, fez Estácio na segunda semana de dezembro, em uma noite sem visitas, que eram as melhores noites para ele. No dia seguinte de manhã, **erguendo-se** tarde, soube que Helena havia saído a cavalo.

— Sozinha?

— Com o Vicente.

Vicente era o escravo que, como sabemos, se afeiçoara, primeiro que todos, a Helena; Estácio designara-o para servi-la. A notícia do passeio não lhe agradou. O tempo andava com o passo do costume, mas à ansiedade do jovem mostrava-se mais longo... Estácio chegava à janela, ia até ao portão da chácara, com ar de aparente indiferença, que a todos enganava, a começar por ele próprio. Numa das vezes em que voltou à casa, achou levantada D. Úrsula; falou-lhe; D. Úrsula sorriu com **tranquilidade**.

— Que tem isso? Disse ela. Já saiu a passeio com o Vicente e não aconteceu nada.

— Mas não é bonito, insistiu Estácio. Não está livre de um ato de desatenção.

— Qual! Toda a vizinhança a conhece. Demais, Vicente já não é tão criança.

**Tranquilize-se**, que ela não demora. Que horas são?

— Oito.

— Dez ou quinze minutos mais. Parece-me que já ouço um barulho...

Os dois estavam na sala de jantar; passaram à varanda, e viram efetivamente entrar no quintal Helena e o pajem. Helena deu um salto e entregou a rédea de *Moema* ao pajem que acabava de descer do cavalo. Depois subiu a escada da varanda. Ao colocar o pé no primeiro degrau, deu com os olhos no irmão e na tia. Fez-lhes um cumprimento com a mão, e subiu para junto deles.

— Já de pé! Exclamou abraçando D. Úrsula.

— Já, para reclamar com você, disse esta sorrindo. Que

Helena

**ideia** foi essa de bater a linda plumagem? É a segunda vez que você se lembra de sair sem o urso do seu irmão.

— Não quis incomodar o urso, replicou ela voltando-se para Estácio. Tinha imensa vontade de dar um passeio, e *Moema* também. Apenas hora e meia.

Aquele dia foi o de maior tristeza para a moça. Estácio passou quase todo o tempo no gabinete; nas poucas ocasiões em que se encontraram, ele só falou por monossílabos, às vezes por gestos. De tarde, acabado o jantar, Estácio desceu à chácara. Já não era só o passeio de Helena que o mortificava; ao passeio juntava-se a carta. Teria razão a tia em suas primeiras repugnâncias? Como se ele fizesse essa pergunta a si mesmo, ouviu atrás de si um passo apressado e o balançar de um vestido.

— Está de mal comigo? Perguntou Helena com doçura.

Ao ouvir-lhe a voz, juntou-se a cólera do mancebo. **Voltou-se**; Helena estava diante dele, com os olhos submissos e puros. Estácio refletiu um instante.

— Mal? Disse ele.

— Parece que sim. Não fala, não se importa comigo, anda carrancudo... Seria por que eu sai de manhã?

— Confesso que não gostei muito.

— Pois não sairei mais.

— Não; pode sair. Mas está certa de que não corre nenhum perigo indo só com o pajem?

— Estou.

— E se eu lhe pedir que não saia nunca sem mim?

— Não sei se poderei obedecer. Nem sempre você poderá me acompanhar; além disso, indo com o pajem, é como se fosse só; e meu espírito gosta, às vezes, de trotar livremente na solidão.

— Naturalmente a pensar de coisas amorosas... acrescentou Estácio cravando os olhos interrogadores na irmã.

Helena não respondeu; tomou-lhe o braço e os dois seguiram silenciosamente uns dez minutos. Chegando a um banco de madeira, Estácio sentou-se; Helena ficou de pé diante dele. Olharam um para o outro sem proferir palavra; mas o lábio de Estácio tremera duas ou três vezes como pensando no que ia dizer. Por fim o moço venceu-se.

— Helena, disse ele, você ama.

A moça estremeceu e corou vivamente; olhou em volta de si, como assustada, e pousou as mãos nos ombros de Estácio. Refletiu ela no que disse depois? É duvidoso; mas a voz, que nessa ocasião parecia concentrar todas as melodias da palavra humana, suspirou lentamente:

— Muito! Muito! Muito!

Estácio empalideceu. A moça recuou um passo, e, trêmula, pôs o dedo na boca, como a impor-lhe silêncio. A vergonha avermelhava no rosto; Helena voltou as costas ao irmão e afastou-se rapidamente. Ao mesmo tempo, a sineta do portão era balançada com força, e uma voz atroava a chácara:

— Licença para o amigo que vem do outro mundo!

## Capítulo X

Estácio dirigiu-se ao portão. Abriu-o; um moço que ali estava entrou precipitadamente. Era Mendonça. Os dois jovens **lançaram-se** nos braços um do outro. Helena, a alguma distância, presenciou aquela alegria, e não foi difícil adivinhar quem era o recém-chegado.

A alegria cessou, ou antes interrompeu-se, para repetir-se. Quando os dois rapazes se julgaram suficientemente abraçados, tomaram o caminho da casa. Helena, que estava um pouco adiante deles, foi apresentada a Mendonça. Ao ouvir que era irmã de Estácio, Mendonça ficou espantado. Cumprimentou cerimoniosamente a moça, e os dois seguiram até à casa, onde pouco depois entrou Helena.

Mendonça era da mesma estatura que Estácio, um pouco mais cheio, ombros largos, fisionomia risonha e franca, natureza agitada e expansiva. Vestia com o maior apuro, como verdadeiro parisiense que era. A mão larga e forte calçava uma fina luva cor de palha, e sobre o cabelo, penteado a capricho, havia um chapéu de produção recente.

Estácio, antes de entrar, explicou ao amigo a situação de Helena, cujas qualidades e educação louvou, com o fim de lhe fazer compreender o respeito e a afeição que ela de todos merecia. Helena adivinhou esse trabalho preparatório do irmão, logo que entrou na sala.

Mendonça divertiu a família uma parte da noite, contando os melhores episódios da viagem. Era narrador agradável, fluente e criativo, dotado de grande memória e certa força de observação. Espírito brincalhão, achava facilmente o lado engraçado das coisas e mais se satisfazia em dizer os incidentes de um jantar de hotel ou de uma noite de teatro que em descrever as belezas da Suíça ou os destroços de Roma.

A visita durou pouco mais de hora. Estácio quis acompanhá-lo até à cidade; ele não consentiu que fosse além do portão. Atravessando a chácara, falaram do passado, e um pouco do futuro, a trechos soltos, como o lugar e a ocasião lhes permitiam. Mendonça, vendo que Estácio não tocava em um ponto essencial, foi o primeiro que o fez.

— Você me falou em uma de tuas cartas sobre uma certa Eugênia.

— A filha do Camargo.

— Justo. Negócio certo?

— Quase terminado.

— Terminado... na igreja, suponho?

— Tal qual.

— Quando?

— Brevemente.

— Marido, enfim! Era só o que faltava. Nasceu com o destino conjugal, como eu com o destino viajante, e não sei qual de nós terá razão.

— Talvez ambos.

— Creio que sim. Tudo depende do gosto de cada um. O casamento é a pior ou a melhor coisa do mundo; pura questão de temperamento. Eu vi algumas vezes essa moça; era então muito menina. Não pergunto se é um anjo...

— É um anjo.

— Como todas as noivas. Feliz Estácio! Segue a carreira de sua vocação, enquanto que eu...

— Você?

— Interrompo a minha, e talvez para sempre. Preciso cuidar da vida; não sou capitalista, nem meu pai tampouco. Adeus, viagens!

— Tanto melhor! Arranja uma noiva para você. Não é a sua vocação, mas não será o primeiro que a erre, sem que daí venha mal ao mundo.

— Pois arranja lá isso... Em todo caso não será sua irmã.

— Oh! Não, disse vivamente Estácio.

— Na verdade, é bonita; mas... se permite a franqueza de antes, acho nela um certo ar de desdém...

— Que **ideia!** É a mais amável criatura do mundo. Verá mais tarde; hoje estava, talvez, preocupada. Em todo o caso, não havia de querer que ela a dançasse contigo na sala, de mais a mais sem música.

Mendonça acabava de acender um charuto; apertou a mão de Estácio e saiu. Estácio acordou de um sonho. A realidade colocou sobre ele as mãos de chumbo e repetiu-lhe ao ouvido a confissão interrompida de Helena. Ansioso por saber o resto, entrou ele imediatamente em casa. A tentativa foi inútil, porque a irmã se recolhera ao quarto. Estácio imitou-a. Era necessário esperar uma noite inteira, demora que o afligia, porque, dizia ele consigo mesmo, cumpria-lhe tomar conta da sorte de Helena, como irmão e chefe de família, quer conhecer seus sentimentos, e ordenar o que fosse melhor. Uma noite não era muito; contudo, a preocupação tirou-lhe o sono. A confissão súbita, sem sentido e **eloquente** da irmã colocou em seu espírito, como se fosse o eco eterno de uma voz extinta.

Nem no dia seguinte, nem nos **subsequentes** conseguiu o que esperava. Helena, ou evitava ficar a sós com ele, ou esquivava-se a maior explicação. Nos passeios matinais, que eram **frequentes**, procurou Estácio, mais de uma vez, tratar do assunto que o preocupava. Helena ouvia com um sorriso, e respondia com um gracejo; depois, mudava a conversa para a direção oposta. Como a conversa era ampla, nunca mais o moço conseguia trazê-la ao ponto de partida.

Um dia, a insistência de Estácio teve tal caráter de autoridade, que pareceu constranger e molestar Helena. Ela respondeu com um gracejo; ele respondeu com uma advertência áspera. Iam ambos a pé, levando os animais pela rédea. Ouvindo a palavra do irmão, Helena conteve o passo, e fitou-o

com um olhar digno, um desses olhares que parecem vir das estrelas, qualquer que seja a estatura da pessoa. Estácio possuía estas duas coisas, a retratação do erro e a generosidade do perdão. Viu que cedera a um mau impulso, e confessou-o; mas, confessou-o com palavras tais que Helena travou-lhe da mão e lhe disse:

— Obrigada! Se você não tivesse me dito isso, você me veria sair pelo mundo e não me encontraria jamais.

— Helena!

— Oh! Não é vão melindre, é a própria necessidade da minha posição. Você pode encará-la com olhos benignos; mas a verdade é que só as asas do favor me protegem... Pois bem, seja sempre generoso, como foi agora; não procure violar a santidade de minha alma. Não insista em pedir a explicação de palavras mal pensadas e ditas em má hora.

— Mal pensadas? Pode ser; mas por isso é que são verdadeiras; se você tivesse tempo de as meditar, guardaria consigo. Meu fim era somente ajudá-la a ter sorte, destruir...

— É tarde! interrompeu a moça, consultando o relóginho preso à cintura. Vamos?

Estácio sorriu melancolicamente; ofereceu-lhe o joelho, ela pousou nele o pezinho afilado e leve e saltou no selim. A volta foi menos alegre do que costumava ser. Eles falavam, mas a palavra vinha aos lábios, como uma onda vagarosa e surda; nenhuma raiva, mas nenhuma animação. Assim correu aquele dia; assim correriam outros, se não fosse a varinha mágica de Helena. A natural influência era tão forte que o irmão voltou desde logo às boas, sendo as melhores horas as que passava ao pé dela, a escutá-la e a vê-la, ambos contentes e felizes. O episódio da confissão vinha às vezes, como hóspede importuno, projetar entre eles o nebuloso perfil; mas o espírito de Estácio repelia-o, e a alegria da irmã fazia o resto.

Entretanto, graças ao amigo recém-chegado, o filho do conselheiro saiu um pouco de suas regras habituais, e começou a provar alguma coisa mais da vida exterior. Mendonça buscava realizar, em miniatura, o seu esvaído ideal parisiense; havia nele o movimento, a agitação, a alegria, que absolutamente faltavam

a Estácio, e vieram dar-lhe à vida a variedade que ela não tinha. Alguns espetáculos e passeios, uma ou outra janta alegre, tal foi o programa de uma parte pequena da existência de Estácio. Para contrastar com ela, tinha ele as manhãs do Andaraí e algumas noites do Rio Comprido. Ao amigo e à sua consciência, dizia o moço que estava a despedir-se da liberdade.

A influência de Mendonça estendeu-se à própria casa de Estácio. Mendonça gostava sobretudo da variedade no viver; não tolerava os mesmos prazeres nem os mesmos charutos; para os apreciar tinha necessidade de os alternar **frequentemente**. Se fosse possível, era capaz de fazer-se monge durante um mês, antes do carnaval, trocar o hábito por um dominó, e a ligar uma atividade à outra. A fidelidade à moda custava-lhe um pouco, quando esta não ia a passo com a impaciência. Em sua opinião, o que distinguia o homem do cão era a faculdade de fazer com que uma noite se não parecesse com outra. O Rio de Janeiro não lhe oferecia a mesma variedade de recursos que Paris; tendo o gênio criativo e fértil, não lhe faltaria meio de fugir à uniformidade dos hábitos.

O pior que lhe acontecia era a diferença entre os desejos e os meios. Filho de um comerciante, apenas remediado, não teria ele podido realizar a viagem à Europa, nas proporções largas em que o fez, a não ser a intervenção bondosa de uma parenta velha, que se responsabilizou de lhe enviar os recursos de que ele necessitasse durante aquela longa ausência.

Nem a parenta continuaria a abrir a bolsa, nem o pai queria criar-lhe hábitos de ociosidade. Tratava este, portanto, de obter-lhe um emprego público. Mendonça estava longe de recusar; pedia somente que o emprego o não deslocasse da Corte. Inquieto, amigo da vida barulhenta e fácil, inteligente sem largos horizontes, possuindo apenas a instrução precisa para desempenhar-se regularmente de qualquer comissão de certa ordem, Mendonça, com todos os seus defeitos e boas qualidades, era homem agradável e aceito. Os defeitos eram antes do espírito que do coração. A variedade que ele pedia para as coisas externas e de menor tamanho, não a praticava em suas afeições, que eram geralmente inalteráveis e fiéis. Era

capaz de sacrifício e dedicação; sobretudo se lhe não pedissem o sacrifício deliberado ou a dedicação refletida, mas aquele que exige uma circunstância imprevista e súbita.

Não admira que a presença de tal homem viesse modificar o tom da sociedade de que era centro a família de Estácio, quando ele ali fazia alguma aparição. Era o sol daquela terra.

Não tinha a seriedade do figurino, nem o ar do estrangeirado. A tesoura do alfaiate não lhe escondia a índole expansiva e franca. Acolhido como um filho, achava ali uma porção de casa. Que melhor aspecto podia ter a vida em tais condições, naquela família ligada por um sentimento de amor?

A noite do último dia do ano veio turvar a limpidez das águas.

## Capítulo XI

Naquele dia Estácio fazia aniversário, e D. Úrsula acitou receber algumas pessoas para jantar, e outras mais à noite, em reunião íntima. Ela e Helena se esforçavam para fazer com que a pequena festa de família fosse digna do objeto. Estácio sugeriu que não; mas era difícil alcançar a desistência de corações que o amavam.

Logo de manhã, como se ele tivesse levantado cedo, encontrou Helena que o convidou a segui-la à sala de costura.

— Quero dar-lhe o meu presente de aniversário, disse ela.

Ali entrados, abriu a moça uma pasta de desenhos, na qual havia um só, mas significativo: era uma parte da estrada de Andaraí, a mesma por onde eles costumavam passear, mas com algumas particularidades do primeiro dia. Dois cavaleiros, ele e ela, iam subindo a passo lento; ao longe, e acima via-se a velha casa da bandeira azul; no primeiro plano, desciam o escravo e as mulas. Por baixo do desenho uma data: *25 de julho de 1850*.

Estácio não pôde conter um gesto de admiração, quando a moça retirou de cima do desenho a folha de papel de seda que o cobria. Apertou a mão de Helena e examinou o trabalho. Notou a firmeza das linhas, a exatidão das circunstâncias locais,



as impressões de uma hora fugitiva que o lápis da irmã tivera a arte de fixar no papel.

— Não podia me dar presente melhor, disse ele; está me dando uma parte de si mesma, um fruto de seu espírito. E que fruto! Não há muita moça que desenhe assim. Era talvez por isso que você saía algumas vezes sozinha com o pajem?

Estácio contemplou ainda instantes o desenho; depois levou-o aos lábios. O beijo acertou de cair na cabeça da cavaleira. Foi o original que corou.

— Andavam falar sobre os meus talentos, disse Helena após um instante; tive a vaidade de dar uma pequena amostra.

— Excelente amostra! Não acha, titia? Disse o moço a D. Úrsula, que nesse instante aparecera à porta, trazendo o seu presente, numa bocetinha de joalheiro.

D. Úrsula não tinha, certamente, o instinto da arte; mas o amor da família lhe ensinara uma estética do coração, e essa bastou a fazê-la admirar o trabalho de Helena.

— Mas o que digo eu todos os dias? Exclamou D. Úrsula. Esta pequena sabe tudo!

— Quase tudo, emendou Helena; ignoro, por exemplo, como vou agradecer a vocês.

— O quê, bobinha? Interrompeu a tia. Alguma tolice, naturalmente, imprópria em qualquer dia, mas muito mais ainda no dia de hoje.

Enquanto as duas senhoras foram tratar das disposições do dia, Estácio mandou selar o cavalo e saiu. Queria comparar ainda uma vez o desenho de Helena com o local copiado. A fidelidade era completa, e o quadro seria absolutamente o mesmo, se dessem algumas circunstâncias da primeira ocasião. Helena não ia ao lado dele; mas a vinte braças de distância flutuava a bandeira azul da casa do alpendre. Estácio afrouxou o passo do cavalo, como saboreando as recordações da primeira manhã, quando Helena havia se mostrado tão particularmente comovida. Voltou a refletir na situação dela, e na paixão que ela havia confessado, dias antes, com tamanho fervor. Se se tratava de uma felicidade possível, embora difícil, Estácio prometeu a si mesmo resolver. Não era isso servir o sangue do seu sangue?

A casa, até ali indiferente a Estácio, criava agora para ele um interesse especial. À medida que se aproximava, ia achando no edifício a fiel reprodução do desenho. Este não apresentava todas as particularidades da velhice; mas continha as mesmas disposições exteriores, como se fosse feito diante do original. A uma das janelas estava um homem, com a cabeça inclinada, atento a ler o livro que tinha sobre o apoio. Nessa atitude não era fácil examiná-lo; parecia, entretanto, uma criatura máscula e bela. A duas braças de distância, o indivíduo levantou a cabeça, e cravou em Estácio um par de olhos grandes e serenos; imediatamente os retirou, baixando-os ao livro.

“Mal sabe você, filósofo matinal, disse Estácio consigo, mal sabe você que a sua casa teve a honra de ser reproduzida pela mais bela mão do mundo!”

O filósofo continuou a ler, e o cavalo continuou a andar. Quando Estácio regressou daí a alguns minutos, achou somente a casa; o morador havia desaparecido; circunstância indiferente, que escapou de todo à atenção do moço. Nem ele pensava mais naquilo; o espírito trotava amplamente, e bebia o ar, como ansioso de chegar ao ponto da partida.

## Capítulo XII

A festa correu animada, mesmo que a reunião fosse restrita. Alguns giros de dança, duas ou três quadrilhas, jogo e música, muita conversa e muito riso, tal foi o programa da noite, que a encheu e fez mais curta.

Se as honras da casa foram feitas por Helena, a alma da festa era Mendonça, cujo espírito havia já recebido e colhido o voto. Eugênia deu a ele, antes de todos, o seu voto. Havia entre ambos tal ou qual afinidade de índole, que naturalmente os aproximava.

Mendonça lisonjeava os caprichos de Eugênia, aplaudia-a, compreendia-a, obedecia-lhe sem constrangimento nem reparo. Quando Mendonça valsava com Eugênia, todos os olhos se concentravam neles. Eram valsistas de primeira ordem. As ondulações do corpo de Eugênia, e a serenidade e segurança de seus passos adaptavam-se maravilhosamente àquela espécie de dança. Era belo vê-los percorrer o vasto círculo deixado aos movimentos; vê-los enfim parar com a mesma precisão e sem o menor sintoma de cansaço. Eugênia punha toda a atenção no gesto de braço com que, logo que interrompia ou cessava de todo a valsa, conchegava ao corpo a saia do vestido. O prazer com que fazia esse gesto, e a graça com que o acompanhava de uma leve inclinação do corpo mostravam que, mais ainda a habilidade do que a necessidade, lhe movia o corpo e a mão.

Esta sorte de triunfos enchia a alma de Eugênia; e, porque ela não possuía nem a modéstia nem a arte de a fingir, via-se no seu rosto o orgulho e a satisfação. A dança não era para a filha de Camargo um prazer ou uma diversão somente; era também um enfeite e uma arma. Daí vinha que o valsista mais intrépido e constante era também o principal parceiro do seu espírito; e ninguém disputava esse papel com filho do comerciante.

— Sua filha é a rainha da noite, murmurou o Dr. Matos ao ouvido de Camargo, em um intervalo do jogo.

— Não é verdade? Acudiu o médico.

E a alma do pai voava enrolada nas pontas da fita que apertava a cintura de Eugênia, não regressando ao domicílio

senão quando a moça parava. Então voltava Camargo um olhar em torno de si, como pedindo igual admiração. Depois, ficava sombrio, e mais do que usualmente, caía em longos e mortais silêncios. Três ou quatro vezes aproximara-se de Helena sem conseguir detê-la, nem achar em si mais que duas palavras triviais. Insistia; não a perdia de vista, parecia ansioso de conversar sobre alguma coisa.

Helena repartia-se entre todas as pessoas, atenta aos mil cuidados que a noite requeria. Cantou uma vez, dançou uma quadrilha, e não valsou. Em vão Mendonça insistira com ela; a moça desculpou-se dizendo que a valsa lhe fazia vertigens. Na opinião do filho do comerciante esta razão encobria somente a ignorância de Helena. Estácio pensava antes que era a castidade selvagem da irmã que lhe não permitia o contato de um homem, **ideia** que lhe fez bem ao coração.

Pela volta da meia-noite, terminada a ceia, começou aquela hora de repouso que precede a total despedida. As senhoras trocavam impressões e comentários, os rapazes fumavam, os jogadores decidiam as últimas jogadas. A noite não havia refrescado, e a agitação aumentou o calor. Helena, tão cansada como D. Úrsula, retirara-se por alguns instantes para a sala ao lado da principal; ali sentou-se num sofá, e relaxou levemente o corpo, deixando cair os cílios, não sei se pensativos, se pesados de sono. O espírito não teve tempo de encadear duas **ideias** ou esboçar um sonho, quando uma voz a acordou.

— Já dormindo!

Era Camargo.

Helena abriu os olhos espantada. A voz de Camargo produziu-lhe a impressão de desagrado que lhe fazia sempre. Sorriu a moça a contragosto, e, vendo que ele se dispunha a sentar-se no sofá, não afastou o vestido, como se quisesse deixar entre ambos larga distância. Camargo sentou-se.

— Parece que se assustou? Disse ele.

— Um pouco.

Camargo agitou entre as mãos relógio, como eles se usavam naquele tempo; depois pegou familiarmente no leque da moça, abriu-o, contou as varetas, tornou a fechá-lo e restituiu-o com

um elogio. Helena respondeu-lhe com um sorriso. Ia levantar-se, quando ele a deteve com estas palavras:

— Gostaria de achá-la só, porque precisava pedir-lhe um conselho. A testa de Helena contraiu-se interrogativamente.

— Um conselho e um favor, continuou o médico. Não será, creio eu, a primeira vez que a velhice consulte a mocidade. Além do mais trata-se de assunto em que a gente moça lê de cadeira.

Helena olhou para ele desconfiada. Nunca havia visto o médico tão amigável, e essa mudança de maneiras e de tom é que lhe fazia medo. Verdade é que ele ia pedir-lhe alguma coisa. Camargo não se deteve. Fez uma exposição rápida de suas relações com a família do conselheiro, da amizade que o ligava a ela.

— A perda do meu finado amigo, concluiu ele, não pôde ser suprida por nenhuma coisa; mas, há alguma compensação na afeição que sobrevive e me faz considerar esta família como minha própria. Estou certo de que seu irmão e D. Úrsula sentem a meu respeito do mesmo modo. Quanto à senhora, é recente na família, mas não tem menor direito que ela. Via tão pequena!

— A mim? Perguntou Helena.

Camargo fez um gesto afirmativo, enquanto a moça olhava em volta da sala, receosa de que alguém tivesse entrado e ouvido. Uma vez segura de que ninguém havia, recebeu impressão contrária à primeira; envergonhou-se daquele receio. A vergonha aumentou quando o médico acrescentou em voz baixinha:

— Não falemos nisso...

— Pelo contrário! Exclamou ela. Pode falar com franqueza; diga tudo. Era minha mãe. Não sei o que foi para o mundo; mas, se me perdoaram a irregularidade do nascimento, não creio que me pedissem em troca a renúncia do meu amor de filha; a lei que o pôs em meu coração é anterior à lei dos homens. Não repudio uma só das minhas recordações de outro tempo. Sei e sinto que a sociedade tem leis e regras dignas de respeito; aceito-as tais quais; mas deixem-me ao menos o direito de amar o que morreu. Minha pobre mãe! Vi-a expirar em meus braços, recolhi o seu último suspiro. Tinha apenas doze anos; contudo, não consenti que outra pessoa velasse à cabeceira a última noite que passou sobre a terra... Oh! Não a esquecerei nunca! Nunca!

Helena proferiu estas palavras num estado de exaltação que até ali não se havia visto. Em vão Camargo procurou duas ou três vezes interrompê-la, receoso de que a ouvissem fora, porque a moça tinha levantado a voz. Helena não obedeceu; não viu sequer o gesto suplicante do médico. O seio, castamente velado pelo corpinho, que subia até ao pescoço, estava ofegante e onduloso como a água do mar. A última palavra saiu-lhe como um soluço. Camargo sentiu-se surpreendido com aquela explosão de ternura. Era evidente que ele esperava outra coisa. Seguiu-se um breve silêncio, durante o qual Helena mordida a ponta do lenço, como para conter a palavra que lhe tumultuava no coração. O médico prosseguiu enfim:

— Ninguém lhe pede que a esqueça, disse ele, todos respeitam esses sentimentos de piedade filial. O passado morreu, e o menos que se deve aos mortos é o silêncio. A senhora tem o direito de lhe dar o amor e a saudade. Mas falemos dos vivos; e perdoe-me se lhe toquei, sem querer, em tão dolorosa recordação.

— Não! Não é dolorosa! Disse ela, abanando a cabeça.

— Falemos dos vivos. Não está certa do amor de sua família?  
Helena fez um gesto afirmativo.

— Não poderia encontrar outra melhor nem tão boa. D. Úrsula é uma santa senhora; Estácio, um caráter austero e digno. Venhamos agora ao conselho. Há muito tempo ando com **ideia** de ir à Europa; estou caminhando para a velhice; não quero deixar de ir ver alguma coisa, além do nosso Pão de Açúcar. Já desfiz o projeto mais de uma vez. Cuido que agora vou definitivamente realizá-lo. Dá-se, porém, uma circunstância grave. Sabe que minha filha ama seu irmão? Meus olhos descobriram desde muito tempo essa inclinação de um e outro, porque também seu irmão ama minha filha. Merecem-se; e de algum modo continuam a afeição dos pais; a natureza completa a natureza. Esta é a situação. O que eu desejava, porém, é que me dissesse se devo partir já, levando-a; ou se é melhor esperar que eles se casem.

Helena ouviu o médico sem olhar para ele; quando ele acabou, fitou-o admirada e curiosa. A infantilidade da pergunta era tão evidente que a moça procurou ler no rosto do interlo-

cutor o pensamento verdadeiro e oculto. Camargo apressou-se a explicar-se.

— Estácio, disse ele, pode amar Eugênia com **ideias** matrimoniais; mas também pode não passar isto de um capítulo de romance, como o que se lê em uma viagem da Corte a Niterói. O caráter é sério; o coração tem leis especiais. Confesso que o procedimento de Estácio nada me afirma a tal respeito. Há nele umas mudanças pouco explicáveis. O tempo decorrido é mais que muito suficiente para que... Está refletindo?

— Estou.

— E...

— Suponho que pede mais do que me disse. Quer que eu indague a tal respeito as intenções de Estácio?

— Isso.

— Mas por que não se dirige a ele mesmo?

— Não havia inconveniente; estabeleceu-se, porém, que um pai não deve ser o primeiro a falar em tais coisas. E preciso respeitar a dignidade paterna. Acresce que Estácio é rico, e tal circunstância podia fazer supor de minha parte um sentimento de cobiça, que está longe de meu coração. Podia falar a D. Úrsula; creio, porém, que ela não tem a sua habilidade, e... por que o não direi? A sua influência no espírito de Estácio.

— Eu!

— Oh! Influência incontestável! A senhora veio completar a alma de seu irmão. É visível a afeição e o respeito que ele lhe tem. Além do mais, em tais assuntos uma irmã natural confidente e conselheira.

Helena deu três pancadinhas no joelho com a ponta do leque, e enfiou os olhos pela porta de comunicação entre aquela e a sala principal. Depois voltou-se para o médico.

— Sei que eles se amam, disse ela, e já dei a minha opinião tal respeito. Eugênia parece ser minha amiga; meu irmão é meu irmão; desejo-lhes todas as felicidades. Há, porém, um limite à intervenção de uma irmã; e não desejo ir além. Demais, seu pedido é ocioso.

— Por quê?

— Anuncie a viagem, e Estácio se apressará a pedir-lhe sua

filha. Se o não fizer, é porque não a ama, conforme ela merece, e em tal caso mais vale perder um casamento do que o fazer mal.

— Sim? Perguntou Camargo.

— Naturalmente.

— O conselho é excelente, disse o médico depois de um instante, mas tem o defeito substancial de suprimir a sua intervenção, que para mim é necessária. Vejamos o meio de combinar as coisas. Suponhamos que, anunciada a viagem, Estácio não corresponde às minhas esperanças. Que devo fazer?

— Embarcar.

— Embarcar é arriscar o casamento. Ora, este casamento é um de meus sonhos. Desejo que os filhos continuem a afeição dos pais. Se Estácio recuar, minhas esperanças esvaem-se como fumo; o tempo cavará um abismo entre os dois; Eugênia amará outro...

Enfim, conto com a senhora.

— Comigo?

— A senhora tem uma força de resolução, uma fertilidade de virtudes, um espírito capaz de questões delicadas; e, tratando-se da felicidade de um irmão, creio que empenhará todas as forças para levar a cabo a mais pura das ambições. Não lhe peço um absurdo, peço a felicidade de minha filha.

Helena não respondeu; olhou de lado para ele, e cravou depois os olhos na águia branca tecida no tapete, sobre o qual pousava o pé impaciente e indignado. Podia referir mais detidamente qual o seu papel junto de Estácio, a respeito de Eugênia, os pedidos que lhe fez, e a promessa do irmão, que deveria ser cumprida, se o fosse, em algum dos seguintes dias. Mas, nem quis dar esperanças que os acontecimentos podiam dissipar, nem o coração lhe consentia mais larga confiança. Ambos viam que se detestavam cordialmente; mas, se em Helena havia raiva abafada, em Camargo havia **tranquilidade** e observação. Ele contemplava a moça, com o olhar fixo e metálico dos gatos; a mão esquerda, pousada sobre o joelho, batia com os dedos magros e peludos. Nada dizia; todo ele era uma interrogação imperiosa. Helena olhou ainda uma vez para o médico.

— Dá-me o seu braço até à sala? Perguntou.

Helena

Camargo sorriu.

— Só isso? Eu dizia comigo outra coisa.

— Que dizia então? Perguntou Helena.

— Dizia que muito se devia esperar da dedicação de uma moça, que acha meio de visitar às seis horas da manhã uma casa velha e pobre, não tão pobre que se enfeite de uma bandeira azul...

Helena fez-se pálida; apertou nervosamente o pulso de Camargo. Nos olhos pareciam falar-lhe ao mesmo tempo o terror, a raiva e a vergonha. Através dos dentes cerrados Helena gemeu esta palavra única:

— Cale-se!

— Falo entre nós e Deus, disse Camargo.

Uma onda de sangue invadiu a face da moça, com a mesma rapidez com que ela lhe empalidecera. Helena quis **erguer-se**, mas sentiu-se exausta. Ninguém da sala pôde perceber a impressão e o movimento; ninguém olhava para ali. Camargo, entretanto, inclinou-se para Helena e proferiu algumas palavras de animação, que ela interrompeu, murmurando com amargura:

— O senhor é cruel!

— Sou pai, respondeu o médico; pai extremoso e discreto, mais discreto ainda que extremoso. Conto com a senhora.

## Capítulo XIII

Dissolvida a reunião, Helena recolheu-se à pressa com o pretexto de que estava a cair de sono, mas realmente para dar à natureza o tributo de suas lágrimas. O desespero comprimido tumultuava no coração, prestes a irromper. Helena entrou no quarto, fechou a porta, soltou um grito e lançou-se de golpe à cama, a chorar e a soluçar.

A beleza dolorida é dos mais patéticos espetáculos que a natureza e o destino podem oferecer à contemplação do homem. Helena torcia-se no leito como se todos os ventos da desgraça se houvessem desencadeado sobre ela. Em vão tentava abafar os soluços, cravando os dentes no travesseiro. Gemia, intercorrava o pranto com exclamações soltas, enrolava no pescoço os cabelos deslaçados pela violência da aflição, buscando na morte



SCHLOSSER

o mais pronto dos remédios. Furiosa, rasgou com as mãos o corpinho do vestido; e o jovem seio, livre de sua casta prisão, pôde à larga desafogar-se dos suspiros que o enchiam. Chorou muito; chorou todas as lágrimas poupadas durante aqueles meses plácidos e felizes, leite da alma com que fez calar a pouco e pouco os sentidos de sua dor.

Calar somente, não adormecê-la, porque ela aí lhe ficou, companheira daquela noite cruel, para velarem ambas. Quando os olhos cansaram, e foram mais intervalados os soluços, Helena deitou imóvel no leito, com o rosto sobre o travesseiro, fugindo com a vista à realidade exterior. Uma hora esteve assim, muda, prostrada, quase morta, uma hora longa, longa, longa, como as tem o relógio da aflição e da esperança.

Quando a tormenta pareceu extinta, a moça sentou-se na cama e olhou vagamente em torno de si. Depois ergueu-se; dirigiu-se trôpega ao quarto de vestir; ali parou diante do espelho, mas fugiu logo, como se lhe pesasse encarar consigo mesma. Uma das janelas estava aberta. Helena foi ali aspirar um pouco do ar da noite. Esta era clara, **tranquila** e quente. As estrelas tinham um brilho vivo que as fazia parecer alegres. Helena enfiou um olhar por entre elas como procurando o caminho da felicidade. Esteve à janela cerca de meia hora; depois entrou, sentou-se e escreveu uma carta.

A carta era longa, escrita a soluços, sem nexos nem ordem; continha muitas queixas e praguejamentos, ternura expansiva de mistura com um desespero profundo; falava daqueles que, tendo nascido sob a influência de má estrela, só têm felicidades passageiras e mutáveis; dizia que para ela a própria felicidade era um gérmen de morte e dissolução, — **ideia** que repetia três vezes, como se tal observação fosse o resultado de suas experiências certas. A carta falava também de um homem, cujo egoísmo de pai não conhecia limites, e que a todo o transe queria que a filha desposasse uma grande riqueza e uma grande posição, “homem, dizia ela, que me viu a princípio com olhos avessos, pela diminuição que eu trazia à herança”.

No fim dizia que havia naquelas linhas muito de obscuro e incompleto, que oportunamente contaria tudo, mas que desde

já podia dar a triste notícia de que lhe era forçoso evitar sair.

Helena releu o escrito e meditou longo tempo sobre ele; acrescentou ainda algumas linhas; depois, rasgou o papel em dois pedaços, chegou à vela, e os destruiu. Como arrependida, voltou a escrever outra carta, mas não chegou a acabar seis linhas; rasgou-a como fizera à primeira, e só então recorreu ao remédio melhor de uma alma magoada e pobre: rezou. A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações.

Entretanto, a noite começava a inclinar a urna das horas às mãos da madrugada. O sono fugira dos olhos de Helena; mas era forçoso repousar. Assim mesmo vestida, atirou-se sobre o leito. Não dormiu, não se pode dizer que dormisse; ficou ali num estado que não era vigília nem sono, até que a manhã rompeu inteiramente. Abrindo os olhos, pareceu acordar de um sonho; a imaginação recompôs as fases todas do acontecimento da véspera. Depois suspirou e ficou longo tempo a olhar para o chão, com a fixidez trágica e solene da morte.

“Era justo!” Murmurava de quando em quando.

Levantou-se enfim; levantou-se abatida e cansada. Viu-se ao espelho; a falta de cor da face e a linha roxa que lhe circulava dificilmente podiam deixar de impressionar a família. Helena disfarçou como pôde esses vestígios da tempestade; explicou-os do modo mais verossímil: o cansaço da véspera e a insônia de toda uma noite. A explicação não achou obstáculo no ânimo da tia e do irmão. Somente o Padre Melchior, presente a ela, fitou na moça um olhar de dúvida, que a obrigou a baixar os cílios.

Se Helena sofria, o lugar de Estácio não era ao pé dela? Assim pensou o sobrinho de D. Úrsula, que em todo esse dia resolveu não sair de casa. Cercou-a de cuidados, buscou **distraí-la**, pediu-lhe que fosse repousar um instante. Para justificar a explicação que havia dado, Helena obedeceu às instruções do irmão. Ele foi se fechar no gabinete, onde se ocupou em examinar e colecionar alguns papéis. Era o dia marcado para solicitar de Eugênia o consentimento matrimonial, e ele não pensava em ir ao Rio Comprido. Na irmã, sim; na irmã pensava ele, ora relendo as páginas de sua predileção, ora querendo saber se dormia sos-

Helena

segada, ora contemplando o desenho com que ela o presenteara na véspera. Sentia-se tão feliz naquela aurora do ano!

Pouco antes do jantar, ouviu no corredor um barulho de saias, e não demorou que a irmã aparecesse à porta. Vinha como fora; mas a Estácio pareceu que efetivamente o descanso e o sono lhe haviam restaurado as forças. A razão era o sorriso estudado que lhe avivava o rosto.

Helena parou e Estácio foi ter com ela, travou-lhe da mão, a fez entrar.

— Está melhor? Perguntou.

— Estou boa.

— Não dizia eu que era melhor desistir da **ideia** da reunião? Essas festas prolongam-se, e cansam, sobretudo as pessoas delicadas...

Helena ergueu os ombros.

— Sente um pouco.

— Primeiro, responda-me a uma coisa.

— Que é?

— Que dia é hoje? Perguntou ela.

— Ano-Bom.

— Lembra-se do que me prometeu?

— Perfeitamente. Vês estes papéis? Disse ele mostrando sobre a mesa uma porção de papéis classificados e postos por ordem. Ocupei-me até agora em liquidar o passado; faltam-se umas últimas contas, que o procurador trará amanhã. Depois, irei...

Helena abanou a cabeça com ar de desaprovação.

— Não, disse ela; não há de ir depois, há de ir hoje mesmo. Que têm as contas com a autorização que deve pedir a Eugênia? Vá logo de noite. Sou supersticiosa; creio que o pedido feito no dia de hoje é de excelente agouro. Dará um ano feliz.

— Minha intenção era ir dentro de quatro ou cinco dias, respondeu Estácio, depois de um silêncio; mas não tenho dúvida em fazê-lo. Uma vez preenchida a formalidade...

— Pedirá imediatamente ao pai.

— Não!

— Por quê?

— Porque precisarei meditar ainda vinte e quatro horas, pelo menos. Vinte e quatro horas não é muito para quem tem de amarrar-se eternamente. Quero sondar meu próprio espírito, e...

— Mas tudo isso é uma extravagância! Interrompeu Helena sentando-se na borda da rede em que Estácio costumava ler. Pretenderá você recuar depois de falar com ela?

— Oh! Não! Mas, uma vez que caminho para decisão tão séria, não há inconveniente em ir passo a passo. Admirada? Perguntou ele, vendo que a irmã fazia um gesto de impaciência.

— Zango-me.

— Mas...

— Você é insuportável. Falta ao que prometeu.

— Já disse que cumprirei.

— Não recuará?

— Não.

— Irá pedi-la hoje mesmo?

— A ela.

— A ela e ao pai.

— Ao pai escreverei uma carta.

— Pois seja uma carta! Contanto que acabe com isso. O casamento será...

— Quando for da vontade do Dr. Camargo.

— Antes do fim do mês.

— Tão cedo!

— Dou-lhe mês e meio. Nem uma hora mais! Estou morta por vê-los casados, tanto por você como por ela, coitada! que o ama tanto.

— Acredita nisso? Perguntou vivamente Estácio.

— Se acredito! Posso garantir. Não será amor como você queria que fosse, mas é o amor que ela lhe pode dar, e é muito ... Está dito! Palavra?

Estácio estendeu silenciosamente a mão, que Helena apertou.

— Vou confiar todo o meu destino à cabeça mais leve do universo, disse Estácio, com os olhos fitos no chão. Não é de seu coração que me queixo; mas de seu espírito, que nunca deixou as roupas da infância. Além do mais, à medida que me

aproximo da hora solene, sinto que me causa mau gosto o estado conjugal. É tão boa a minha vida de solteiro! tão cheios os meus dias...

Helena tapou-lhe a boca com uma das mãos; com a outra fez-lhe um gesto para que se calasse. Depois, fugiu. Uma vez só, Estácio refletiu longamente na situação em que se achava; reconheceu que estava moralmente obrigado a pedir Eugênia, desde que seus corações se tinham aberto um para o outro, celebrando um contrato, que ele só não podia romper. A consciência rebelou-se contra as dúvidas do coração, e a decisão foi curta.

Naquela mesma noite, ouviu Eugênia a esperada palavra. A alegria que se lhe derramou nos olhos, foi imensa e característica. Um pouco mais de cuidado não era descabido em tal ocasião. Não houve nenhum; o primeiro ato da mulher foi uma meninice. Eugênia ignorava tudo, até a dissimulação do sexo. Concedendo a mão a Estácio, não era uma castelã que entregava o prêmio, mas um cavaleiro que o recebia com alvoroço e submissão.

Estácio escreveu no dia seguinte uma carta ao Dr. Camargo, pedindo-lhe a mão de Eugênia, carta seca e digna, como as circunstâncias a pediam. Antes de a enviar, mostrou-a a Helena, que recusou lê-la. Não a leu, nem lhe pegou. Ele teve-a alguns instantes na mão, sem se atrever a dá-la ao escravo que esperava por ela. Por fim, deitou-a sobre a mesa.

— Amanhã, disse ele sorrindo para Helena.

Helena lançou mão da carta e deu-a ao escravo.

— Leva à casa do Sr. Dr. Camargo, ordenou a moça. Não tem resposta.

## Capítulo XIV

Camargo ia sentar-se à mesa quando lhe entregaram a carta de Estácio; leu-a para si, mas a filha leu-a nos olhos dele. Um sentimento de alegria clareou a face do médico; seus lábios, — coisa impressionante! — abriram-se num sorriso franco, sorriso que chegou a desabrochar em gargalhada, a primeira que D. Tomásia lhe ouviu. Acabado o jantar, Camargo deu conta do pedido à mulher, e os dois pais chamaram a filha à sala. Eugênia ouviu a notícia sem baixar os olhos nem corar. Interrogada, respondeu que era muito do seu gosto o casamento.

— Sim? Perguntou Camargo, simulando espanto.

Eugênia fez uma leve inclinação de cabeça, com certo ar de quem dizia não acreditar no espanto do pai. Este pegou nas mãos da filha e puxou-a para si.

— Assim, pois, meu anjo, disse ele, você vai casar por sua livre vontade? Estácio é o eleito de seu coração? Louvo a escolha, que não podia ser mais digna. Será herdeira das virtudes de sua mãe, que proponho como o melhor modelo da terra.

— O mais gentil pelo menos, acudiu D. Tomásia, satisfeita e vaidosa do louvor do marido. Há de ser boa esposa, modesta, solícita e econômica.

— Econômica, sem avareza, emendou Camargo. A riqueza não deve ser gasta, mas é certo que impõe obrigações importantes, e seria da maior inconveniência viver a gente abaixo de seus meios. Não fará isso nem cairá no extremo oposto; procura um meio termo, que é a posição do bom senso. Nem gasta, nem miserável.

D. Tomásia concordou com esta explicação do marido, enquanto Eugênia, olhando alternadamente para um e outro, parecia não lhes dar a mínima atenção. O pensamento estava em Andaraí; ela via já na imaginação a cerimônia do casamento, os carros, o cuidado do noivo, a sua própria beleza, a coroa de flores de laranjeira, que a havia de enfeitar; enfim costurava já o vestido branco e pregava as rendas de Malines com que havia de levar os olhos a ambas as metades do gênero humano. Daquele sonho foi despertada pelo pai, que lhe imprimiu na

Helena

testa o seu segundo beijo. O primeiro, como o leitor se há de lembrar, foi dado na noite da morte do conselheiro. O terceiro seria provavelmente no dia em que ela casasse.

— Sabe que amo você, Eugênia? Disse Camargo olhando para ela.

— Papai!

Camargo não pôde dizer mais nada. O amor, um instante expansivo, voltou a aninhar-se no fundo do coração, onde sempre esteve. A satisfação do médico precisava do silêncio e do recolhimento para saborear-se. Foi então que Eugênia passou às mãos de D. Tomásia. A mulher do Dr. Camargo via aquele casamento com olhos diferentes do marido. O que ela sobretudo via, eram as vantagens morais da filha. Sentou-a ao pé de si e recitou-lhe um catecismo de deveres e costumes, que Eugênia interrompia de quando em quando, com exclamações de obediência filial:

— Sim, mamãe!.. . Deixe estar!.. . Mamãe há de ver!..

D. Tomásia sentia-se feliz. O rosto, cuja expressão era vulgar, tinha naquela ocasião alguma coisa que o tornava sublime. Ela fez que a filha se sentasse em seu colo; e esta, sentindo que a machucava, deixou-se lentamente cair de joelhos, ficando entre os dela, a olhar para ela.

Camargo, entretanto, já não era daquele mundo. Passeava de um para outro lado, com as mãos para trás, a morder a ponta do bigode. De quando em quando parava e olhava para o grupo das duas senhoras, mas era só mecanicamente; o seu olhar baço indicava que ele ia mergulhado em profundas cogitações. Naquele homem descrente, moderado e sombrio, havia uma paixão verdadeira, exclusiva e ardente: era a filha. Camargo adorava Eugênia: era sua religião. Concentrava esforços e pensamentos em fazê-la feliz, e para o alcançar não duvidaria empregar, se necessário fosse, a violência, a traição e a dissimulação. Nem antes nem depois havia sentido igual sentimento; não amou a mulher; casou porque o matrimônio é uma condição de seriedade. O maior amigo que teve foi o Conselheiro Vale; mas essa mesma amizade que o havia ligado ao pai de Estácio, nunca recebeu a contraprova do sacrifício; aliás apareceria em toda

a sinceridade a natureza do médico. Ele só conhecia os afetos, por assim dizer, caseiros e inertes, os que não sabem nem podem afrontar as dificuldades da vida. Nas relações morais dos homens possuía somente o troco miúdo da educação; a moeda de ouro dos grandes afetos nunca lhe havia entrado nas arcas do coração. Um só existia ali: o amor de Eugênia.

Mas esse mesmo amor, aliás violento, escravo e cego, era uma maneira que o pai tinha de amar-se a si próprio. Entrava naquilo uma soma larga de vaidade. Menos graciosa, Eugênia seria, talvez, menos amada. Ele contemplava-a com o mesmo orgulho com que o joalheiro admira a **joia** que lhe saiu das mãos. Era a ternura do egoísta; amava-se na própria obra. Caprichosa, rebelde, superficial, Eugênia não teve a sorte de ver emendados os defeitos; antes foi a educação que lhe deu. Dos lábios de Camargo nunca saiu a expressão corretiva; nenhum de seus atos revelou esse procedimento vigilante e diretor, que é a nobre função da paternidade. Se a índole da filha fosse má, a cumplida do pai a faria péssima. Não era, felizmente; o coração conhecia as doçuras da bondade; a rebeldia era um hábito, não um vício nativo. A própria atitude foi desenvolvida pela educação, nada podendo o zelo da mãe contra os posicionamentos do pai. Esta era a explicação também da fascinação que exercia nela o tumulto exterior da vida. Quase se pode dizer que ela não havia conhecido o vestido curto; a costureira a desmamou; uma dança foi a sua primeira comunhão. Não era fácil dar a Eugênia a felicidade que o pai ambicionava e a que mais lhe apetecia a ela. Posto não fosse esbanjador, eram poucos os haveres do médico, de modo que à filha não podia caber riqueza suficiente a satisfazer todas as necessidades. Ele espreitou durante longo tempo um noivo, armando com alguma despesa a gaiola em que o pássaro devia cair. No dia em que percebeu a indignação de Estácio, fez quanto pôde para prendê-lo de vez. Esperou muitos meses a iniciativa de Estácio; e quando ela lhe entrou a fugir para a região das coisas problemáticas, suspeitou a influência de Helena. Já era muito que esta moça diminuísse a herança do futuro genro; arrancar-lhe o genro era demais. Camargo não teve dúvida um instante, foi direito ao fim. O resultado confirmou-lhe

a suspeita. O casamento era muito, mas não bastava. Camargo havia pensado na carreira política de Estácio, como um meio de dar certo relevo público ao da filha, e, por um efeito retroativo, a ele próprio, cuja vida fora tanto ou quanto sombria. Se o marido de Eugênia se confinasse no repouso doméstico, entre a horta e a matemática, a ambição de Camargo sofreria muito. Vimos apresentar a Estácio a maçã política; recusada a princípio, foi de novo apresentada, e finalmente aceita com a noiva. Esta dupla vitória foi o momento máximo da vida do médico. Ele ouvia já o rumor público; sentia-se maior, — antecipava as delícias da notoriedade, — via-se como que sogro do Estado e pai das instituições.

— Vou entrar na cova dos leões, sem a convicção de Daniel<sup>4</sup>, suspirou Estácio na ocasião em que cedeu às insistências de Camargo.

— Seu talento amansará os leões, falou este.

Combinou-se logo ali que o casamento seria celebrado na primeira semana de março. Os dois meses de intervalo foram destinados às formalidades eclesiásticas e ao preparo do enxoval. Estácio aceitou tudo sem objeção. D. Úrsula e Helena aprovaram o plano. A primeira acrescentou uma cláusula: — os noivos viriam morar com elas em Andaraí.

O Padre Melchior, consultado sobre o casamento, deu-lhe inteira aprovação, e só lhe pareceu que o prazo era longo demais. A alegria com que abraçou Estácio, as palavras de aplauso que lhe disse, impressionaram vivamente o jovem.

— Desejava muito este casamento? Perguntou ele.

— Muito! Seu pai há de aprová-lo no céu!

Até os mortos conspiravam contra ele; Estácio aceitou resolutamente o destino. A alegria do padre, ordinariamente contida e digna, transpôs os limites do costume, para se mostrar quase infantil; D. Úrsula não cabia em si de contente; Helena parecia colher naquele casamento a sua própria felicidade. Era a bem aventurança universal que Estácio ia comprar a troco de um vínculo eterno.

---

<sup>4</sup> Referência ao episódio bíblico em que Daniel é lançado na cova dos leões, mas contava com a proteção de Deus para livrá-lo.

Surgiu, entretanto, um obstáculo temporário. A madrinha de Eugênia, a fazendeira que havia lhe mandado um dia a **joia**, que a moça admirou namorando ao mesmo tempo os olhos do futuro noivo, a madrinha de Eugênia adoeceu gravemente, menos ainda da moléstia que a acometeu que dos anos que lhe pesavam nos ombros. Era senhora rica, viúva, ajudada por duas sobrinhas solteiras, uma cunhada, um primo, dois filhos destes e uma vintena de afilhados. Já daqui se pode perceber a estreiteza das esperanças de Camargo. Posto que ele não tivesse nunca negado os deveres em relação à madrinha da filha, dando à fazendeira todas as provas possíveis de um grande afeto, ainda assim era de recear que a última vontade da doente não trouxesse o cunho da estrita justiça, ou, quando menos, de razoável equilíbrio. Nestas circunstâncias, a viagem a Cantagalo era urgentíssima, e era necessário realizá-la à custa dos maiores incômodos. Todo o incômodo é bem visto quando termina em legado.

Camargo não perdia a esperança desse desenlace igualmente afetuoso e valioso. Resolveu ir com a família toda, e avisou por carta ao futuro genro. Estácio se agradou do obstáculo, mas não contou com o que ele trazia no fundo. Chegando ao Rio Comprido achou aflitos o médico e D. Tomásia; Eugênia recusava sair da Corte. Em vão lhe mostravam a conveniência de corresponder, em ocasião tão séria, à afeição da madrinha; em vão lhe diziam que era ser ingrata não ir recolher o último suspiro da estimada senhora, sua mãe espiritual. Eugênia recusava a pés juntos.

O noivo assistiu à última fase da luta entre os pais e a filha. Esta trazia os olhos vermelhos de chorar; batia com as mãos uma na outra, declarando que só iria à força. Estácio procurou chamá-la à razão, apoiando as reflexões do pai, sem alcançar mais do que ele.

Enfim, Eugênia pôs uma condição:

— Irei, se o Dr. Estácio for conosco.

Camargo aprovou a condição mentalmente; verbalmente, opôs-se ao sacrifício. Estácio estava entre a espada e a parede, já a viagem de Eugênia lhe parecia desnecessária.

— Acompanha-nos? Insistiu a moça.

— Não é possível, acudiu o médico, tamanho incômodo por um simples capricho.

— Pois então não vou!

D. Tomásia ficou um tanto envergonhada com a teima de Eugênia. Estácio mordida o lábio, olhando para a moça, cujo rosto o interrogava. Foi vencido; considerando Eugênia sua mulher, quis cortar por uma cena que lhe parecia ridícula.

— Acompanharei, disse ele, sem entusiasmo.

A solução era favorável a todos; os três aceitaram de boa feição. Marcou-se a viagem para dois dias depois. D. Úrsula, apesar dos bons olhos com que via o casamento, achou desnecessária a ida do sobrinho, mas não tentou desmotivá-lo. Helena aprovou tudo. Ele fez sentir às duas parentas a extensão do sacrifício, e esteve a ponto de retirar a palavra. Era tarde. A última noite passada em Andaraí foi cruel para ele; as horas voaram ligeiras como nunca. Como devia sair no dia seguinte, logo cedo, ali mesmo se despediu da tia e da irmã, despedida de alguns dias que lhe custou como se fora de anos. Prometeu, entretanto, que o retorno seria breve.

O que ele não podia prometer era prever o drama que se lhes preparava, drama que ia enfim desenvolver-se, intenso, fatal e irremediável, — do qual não o consolariam jamais nem as doçuras da paz doméstica, nem as glórias da vida pública.



## Capítulo XV

Estácio levantou-se ao amanhecer. Uma vez pronto, quis surpreender a tia e a irmã com uma lembrança sua, e escreveu numa folha de papel estas simples palavras: “Até à volta; 6 horas da manhã.” Dobrou-a e foi colocá-la sobre a mesa de costura de D. Úrsula. Dali passou à sala de jantar, depois à varanda. Aqui chegando, deu com os olhos em Helena, que o esperava ao pé da escada.

— Silêncio! Disse graciosamente a moça. Não faça espantos, que pode acordar titia.

Vim saber se você precisa de alguma coisa.

— De nada, respondeu Estácio comovido. Mas que imprudência foi essa de se levantar tão cedo?

— Cedo! O sol não demora a nos cumprimentar. Adeus! Muitas recomendações a Eugênia. Não lhe falta nada, não é assim?

— Nada.

Estácio recebeu a mão que Helena lhe estendeu e ficou a olhar para ela.

— Olhe que é tarde!

Dizendo isto, Helena apertou-lhe a mão e procurou retirar a sua; Estácio reteve-a.

— Se soubesses como me custa ir!

— São apenas alguns dias...

— Valem por meses, Helena! Adeus, não te esqueças de mim. Escreve-me; eu escreverei logo que chegar. Não faça imprudências; não saia a passeio enquanto eu estiver ausente.

— Adeus!

— Adeus!

Estácio quis dar-lhe o abraço da despedida; mas a moça, menos ainda com a palavra que com o gesto, o fez recuar.

— Não, disse ela afastando-se; as despedidas mais longas são as mais difíceis de suportar.

Recuou até à porta da sala de jantar, fez um gesto de despedida e entrou. Estácio desceu a custo as escadas. Helena viu-o descer e sair; depois subiu cautelosamente ao seu aposento. Ali sentou-se alguns minutos, pensativa e triste. Ergueu-se enfim,

vestiu rapidamente as roupas de passeio; colocou o chapéu preto sobre os cabelos penteados rapidamente, e desceu. Na chácara esperava-a Vicente, com a égua pronta. Helena montou sem demora; o rapaz cavalgou uma das duas mulas que havia no estábulo e os dois saíram a trote na direção da casa do alpendre e da bandeira azul.

A casa estava ainda silenciosa; porta e janelas conservavam-se totalmente fechadas. Helena apeou-se e bateu de mansinho; repetiu as pancadas progressivamente mais fortes. Ninguém lhe respondeu. Helena impaciente rodeou a casa; mas, parece que achou igualmente fechadas as portas do fundo, porque voltou logo. Colou o ouvido à porta e esperou. Quando lhe pareceu que era inútil o esforço, tirou da bolsa um lápis e um pedacinho de papel; colocou o pé no degrau de tijolo e sobre o joelho escreveu algumas palavras; dobrou depois o papel e introduziu-o por baixo da porta. Esperou ainda alguns minutos, caminhou para a égua, montou e voltou à casa.

Vinha triste e pensativa. A égua, a passo vagaroso, não sentia o esforço da cavaleira, que a deixava ir, frouxa a rédea, inútil o chicote. O rapza levava os olhos na moça com um ar de adoração visível; mas, ao mesmo tempo, com a liberdade que dá a confiança e a cumplicidade fumava um grosso charuto havanês, tirado das caixas do senhor.

D. Úrsula não estava ainda levantada; Helena não lhe escondeu o passeio. O dia correu triste e solitário, como os seguintes, sem dificuldade da companhia que ia fazer as duas senhoras as pessoas mais íntimas. Mendonça, a quem Estácio as recomendara, era ali pontual; conseguia disfarçar um pouco as saudades do moço ausente. O Padre Melchior prolongava visitas cotidianas. O mesmo sentimento ligava todas as pessoas.

O mesmo era, e não único, porque outro e mais egoísta e pessoal veio ali brilhar também. Mendonça sentiu que metade de seu destino estava acabado, e que a outra metade ia começar, mais cuidadosa que a primeira. O relógio em que ele viu bater essa hora fatídica, foram os olhos de Helena. Mendonça começava a amar. Expansivo, e não corrupto, havia atravessado o delírio dos primeiros anos sem perder a flor dos puros afetos, sem se-

quer tê-la colhido. Helena sentiu nascer e crescer essa adoração silenciosa, sem parecer que a havia descoberto. Não animou o jovem nem o afastou; redobrou de confiança, dessa confiança que só se dá aos simples familiares, e que mostra claramente a um namorado a inutilidade de suas esperanças. Ao parecer de estranhos, a situação afigurava-se de perfeita concordância. O coronel-major piscou um dia os olhos ao Dr. Matos; o Dr. Matos proferiu um *latet anguis in herba*<sup>5</sup> — e ambos foram repartir o pão das conversas com a esposa do advogado, senhora muito conhecedor dos namoros de salão. A opinião dos três é que o casamento era coisa provável, e talvez certa. Um só obstáculo podia haver; eram os escrúpulos do pai de Mendonça. Esse mesmo obstáculo não existia, porém, além das qualidades estimáveis da moça, havia o reconhecimento legal e social, público e doméstico.

As primeiras cartas de Estácio chegaram uma tarde em que as duas senhoras e Mendonça se achavam na varanda, acabado o jantar, bebendo as últimas gotas de café. D. Úrsula, depois de pôr em atividade três empregadas para lhe irem procurar os óculos, levantou-se e foi ela própria procurá-los, com a sua carta na mão. Helena ficou com a que lhe era dirigida; estava sentada junto a uma das janelas, abriu-a e leu-a para si:

Quando esta carta chegar às suas mãos, estarei morto, morto de saudades de minha tia e de você. Nasci para os meus, para minha casa, para os meus livros, os meus hábitos de todos os dias. Nunca o senti tanto como agora que estou longe do que há de mais caro neste mundo. Poucos dias se passaram e já me parecem meses. Que seria se a separação não fosse tão limitada?

Na carta que escrevo à titia dou conta da nossa viagem e da saúde de todos. D. Clara está, na verdade, à beira da morte; mas pode durar ainda alguns dias, e o Dr. Camargo resolveu esperar até dar-lhe os últimos adeuses. A recepção que nos fez a família foi cordialíssima. Há aqui uma cunhada da enferma, um primo, três sobrinhos, outros parentes e vários afilhados. O primo é comendador e tenente-coronel; ele e os outros são as pessoas mais gentis do mundo. Os homens da família são

---

<sup>5</sup> Expressão usada por Virgílio que significa “uma serpente se esconde entre as folhagens”

influências eleitorais; quando souberam da minha candidatura, ofereceram-me logo os seus serviços, com a cláusula única de que haja prévia recomendação do Rio de Janeiro. Agradei o favor, com muita abundância de alma, porque a tal candidatura, que não me seduzia nem seduz, não há remédio senão cuidar dela, de modo que o meu nome não sofra a marca da derrota. Que parece esta pontazinha de vaidade? Mudemos de assunto, que este me aflige, e não quero filosofar sem você, que é a minha companheira nestas vadiações de espírito. Aí não se lembrará, talvez, das nossas palestras; aqui lembro-me de tudo. De manhã, dou o meu passeio a cavalo, como lá; mas que diferença! Quem vai a meu lado é o tenente-coronel, excelente homem, coração de pomba, com o defeito único e enorme de se não chamar D. Helena do Vale, a minha boa Helena, que lá está na cidade, a divertir-se sem seu irmão. Ele fala de tudo e muito: do café, do governo, das eleições, dos escravos, dos impostos. Eu ouço, que é o menos que posso fazer, e deixo-o ir sem interrupção. Às vezes, como que desconfiado, recolhe-se ao silêncio; eu ato o fio da conversa e ele encarrega-se de desenrolar o novelo. Tão pouca coisa o faz feliz! Já cacei uma vez; confesso que é o que me pode distrair um pouco. Pensava ter perdido o costume; mas não perdi. A modéstia impede-me dizer mais.

A fazenda é vasta e a casa excelente. Não direi que gosto da vida agrícola; não gosto, não me dou com ela. Mas viver num recanto como este, a dois passos do mato, a tantos quilômetros da Rua do Ouvidor, isso creio que se dá com a minha índole. Consultaremos titia. Eu não sei o que é amar o tumulto exterior; acho que é dispersar a alma e murchar a flor dos sentimentos. Nasci para monge... e creio que também para ditador, porque estou a planejar uma vida ignorada e deserta, sem consultar suas preferências. Sou um Cromwell<sup>6</sup> com tendências de frade; ou, por dizer tudo numa só palavra: sou um Lutero... muito inferior.

Pobre Helena! Já lá vão quatro páginas só a falar de mim. Vejamos o que tem feito. Andas muito triste? Passeia? Lê? Joga? Toca? Conte-me a sua vida o mais detalhadamente que puder;

---

<sup>6</sup> Político inglês, déspota.

conte-me a vida de todos. Não me esconda nada; se, por exemplo, ao abrir um livro ou tocar uma tecla do piano, pensar em mim, escreve isso mesmo, marcando o dia e até a hora, se puder ser. E depois dou a você o direito de perguntar onde ficou a minha seriedade, e responderei que há uma infantilidade séria, e que os extremos se tocam. Quando assim não seja, a culpa é do céu, que não deu uma irmã criança; agora é preciso que comecemos pela primeira fase da vida.

Deixei muito recomendado ao Mendonça que fosse à nossa casa com **frequência**. Não sei se ele se terá lembrado e cumprido a promessa que me fez. Se não tiver cumprido, mande dizer que eu o detesto e abomino; que ele é o maior traidor que o céu cobre; que tudo fica acabado entre mim e ele; que a amizade é um culto, etc. Diz o que te parecer e pelo modo que te é usual.

Lembro-me de você a propósito de tudo. Hoje de tarde, por exemplo, o jardim oferecia um aspecto bonito e característico. Se ela estivesse aqui, disse comigo, faria um magnífico desenho. Peguei um lápis que trouxe, meia folha de papel, e quis reproduzir o panorama.

Escrevi um problema matemático! Foi um conselho que me deu o lápis: ninguém se meta a fazer aquilo que não sabe. Eu ignorava o que era estar ausente da família; por que motivo me determinei a tentá-lo?

Interrompi esta carta para receber o Dr. Fróis, que é o médico de D. Clara; veio ao meu quarto para me dizer que o estado da doente é perdido, que a morte é certa; mas que a vida pode prolongar-se ainda por muitos dias. Vê que perspectiva! Estou com raiva de mim mesmo; esses últimos dias da enferma pesam sobre mim como se fossem o punho fechado do destino. Se a morte é certa, por que viver alguns dias mais? E é vida isso, ou é morrer aos goles, sem consciência do que se perde nem do que se vai ganhar?

Está decidido; posso ir daqui a seis dias ou daqui a um mês. Será o que Deus quiser. Mande-me, entretanto, alguns livros. No meu quarto só achei um *Manual de Medicina Prática*. Mande-me alguma coisa que me faça lembrar o Andaraí. Tira da estante oito ou dez volumes, à sua escolha. Mande também algum trabalho de agulha teu; quero mostrá-lo à cunhada de D. Clara, a

quem contei muito os seus talentos. Se puder desenhar alguma coisa, à pressa, o tanque, a varanda ou qualquer outro lugar, faz, e manda com o resto. Escreve-me longamente; conta-me tudo o que houver interessante; fale-me de você, que é o meio de consolar minhas saudades, que são imensas, imensas como este amor que tenho à minha família toda. Vou tentar voltar breve. Adeus, minha boa Helena; adeus, minha vida, adeus, ó mais bela e doce de todas as irmãs!

P. S. — Reli a carta, e fiquei envergonhado do trecho a respeito da vida da doente.

Perdoe-me a ferocidade, e leve-a em conta da solidão.”

## Capítulo XVI

Helena leu e releu a carta. Depois ficou silenciosa, a olhar para as folhas da trepadeira, que do lado de fora vinha a subir pela muralha da varanda e a debruçar-se enfim do parapeito para dentro. A carta havia ficado aberta sobre os joelhos da moça. Mendonça, a poucos passos, olhava para ela, sem ousar falar-lhe.

Goethe escreveu um dia que a linha vertical é a lei da inteligência humana. Pode dizer-se, do mesmo modo, que a linha curva é a lei da graça feminina. Mendonça o sentiu, contemplando o busto de Helena e a casta ondulação do ombro e do seio, cobertos pela cassa fina do vestido. A moça estava um pouco inclinada. Do lugar em que ficava, Mendonça via-lhe o perfil correto e pensativo, a curva mole do braço, e a ponta indiscreta e curiosa do sapatinho raso que ela trazia. A atitude convinha à beleza melancólica de Helena. O rapaz olhava para ela sem movimento nem voz.

A tarde acabava; a cor verde do morro fronteiro ia tomando o aspecto cinzento-escuro que precede a cor fechada da noite. A própria noite desceu, e um escravo entrou na varanda a acender as duas lâmpadas que caíam do teto. Esta circunstância acordou a moça, e bastou-lhe voltar um pouco a cabeça para ver o amigo de Estácio a alguns passos de distância.

— Estava aí? Perguntou Helena, estremecendo.

Helena

— D. Úrsula não voltou, respondeu Mendonça com timidez; não quis interromper a leitura que a senhora fazia.

— A leitura? A leitura acabou há muito tempo.

— Mas também se lê de cor.

Helena lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Não sei ler de cor, disse ela, erguendo-se e saindo da varanda.

Mendonça ficou confuso. Que lhe havia dito ele tão grave que a pudesse ofender?

Repetiu as próprias palavras e não lhes achou sentido mau. Certo, porém, de que a havia irritado, ali ficou aborrecido de si mesmo, desejoso de lhe explicar tudo, se alguma coisa houvesse explicável. Após alguns instantes, resolveu entrar também. Entrou; Helena não estava nem na sala de jantar, nem na do jogo, onde achou D. Úrsula com o Dr. Matos e o **coronel-major**. Dali passou à sala de visitas. Helena não o viu entrar; estava mergulhada numa poltrona com a cabeça nas mãos. Comovido, deteve-se alguns instantes a contemplá-la; depois caminhou para ela e falou-lhe.

Helena ergueu a cabeça.

— Perdoe-me, disse ele, se alguma coisa lhe disse que a magoou. Confesso que não sei o que poderia haver em minhas palavras. Ficou triste por isso?

A moça cravou nele um olhar ainda desconfiado, e não lhe respondeu logo. Mendonça adotou o melhor dos conselhos naquela ocasião; indignou-se e recuou para sair. Helena o chamou; ele aproximou-se outra vez, com um ar de tão doce resignação que lisonjearia o mais levantado orgulho. Helena estendeu-lhe a mão; ele apertou-a e teve ímpetos de a beijar uma e muitas vezes, triunfando naquele único instante da hesitação de todos os dias; faltou-lhe resolução. Helena mostrou-lhe o trecho da carta em que Estácio se referia a ele; falaram dos ausentes e dos presentes, de todos e de tudo, menos do assunto que exclusivamente preocupava o moço. Ele saiu dali sem haver dito nada de seu coração. Chegando à rua, achou-se bobo e ridículo, disse mil nomes feios a si próprio; enfim, prometeu declarar tudo a Helena no dia seguinte.

No dia seguinte, que era domingo, Helena dirigiu-se à capela a ouvir a missa do Padre Melchior. Acabada a cerimônia, não seguiu para casa, com D. Úrsula, mas foi à sacristia, onde o padre acabava de tirar os paramentos. Melchior, logo que soubera da carta de Estácio, nessa manhã, pedira a Helena que o deixasse ver.

— Falam sempre ao coração as letras dos amigos, disse ele.

Helena deu-lhe a carta, que o padre recebeu com uma expressão antes de curiosidade que de afeto. Leu-a vagorosamente, como compreendendo o sentido e as palavras; e sendo longa a carta, longo foi o tempo que ele despendeu em a interpretar. Durante esse tempo, Helena admirava-lhe a figura séria, a serenidade religiosa. A sacristia era pequena; duas altas janelas deixavam entrar a luz, o ar e o aroma das folhas e das flores da chácara. Entre a cimalha e o telhado algumas andorinhas haviam fabricado os ninhos, donde saíam, como pensamentos de juventude, a sentir ao sol da manhã. Ao pé daquele quadro exterior de alegria e verdura, a sacristia tinha certo ar melancólico e sério, que lançava na alma o esquecimento das mainas humanas. Helena deixou-se cativar desse sentimento de abstenção e elevação; se alguma dor ou remorso a tocava, esqueceu-os, por um minuto ao menos, entre aquelas paredes sem enfeites, diante de um padre, entre uma imagem de Jesus e as obras vivas do Criador.

Lida a carta, Melchior dobrou-a com ar pensativo; depois entregou-a à moça.

— Já respondeu? Perguntou ele.

— Já; trouxe-lhe a carta que vou mandar hoje mesmo. Melchior abriu-a e leu; não gastou menos tempo, ainda que era de menores dimensões. O estilo era afetuoso, mas muito menos exuberante que o da carta de Estácio. Ela contava-lhe, em suas feições gerais, a vida que ali passavam, desde que ele havia partido, as ocupações de cada dia e as distrações da noite.

Vivemos, dizia a moça, como podem viver duas criaturas que sabem a afeição que lhes tem um parente amigo, ausente embora, mas não esquecido, — nem ingrato. O Padre Melchior, algum dos vizinhos, e o Dr. Mendonça são as nossas visitas ha-

Helena

bituais. Você sabe o que vale o padre; é a mais bela alma que Deus mandou ao mundo. Os vizinhos são gentis, como sempre. O Dr. Mendonça é verdadeiramente digno da nossa afeição e confiança. Disse-lhe o que você me escreveu; ele riu, como homem seguro de escapar à punição.

Pena é que você tenha de se demorar aí tanto tempo; mas, se alguma esperança pode haver de salvar a doente, damo-nos por feliz da demora. É verdade que você não é médico; mas há aí outra doente, para quem é, não só médico, mas até toda a medicina. Por que razão me não escreveu Eugênia? Eu não cuidei que essa amiga me esquecesse na véspera de ser minha cunhada. Se estivéssemos mais perto, ia puxar-lhe as orelhas. Diga-lhe isto; e se tiver ocasião de emprestar-me os seus dedos, aplique-lhe o castigo, declarando-lhe o erro cometido e o juiz que a sentenciou.

O que você diz da vida solitária é muito justo, mas impraticável. Os amigos não nos iriam ver; e poderíamos nós **dispensá-los**? Tal é a opinião de titia e a minha. O melhor de tudo é este meio-termo de Andaraí; nem estamos fora do mundo nem no meio dele. O barulho externo pode ter os efeitos de que você fala; mas ele é às vezes preciso para aturdir e distrair o espírito. Também a solidão tem suas dores, e fundas; também ela abala o coração. Nem um extremo nem outro.

A carta continha alguns períodos mais, não muitos; três ou quatro vezes falava em Eugênia, com tamanha insistência que colocava em destaque o silêncio a tal respeito conservado por Estácio; falava-lhe da beleza da noiva, do casamento próximo, do amor que os fazia felizes, e da ventura que ambos dariam a todos os seus.

Quando o padre acabou de ler a resposta, abriu os braços a Helena; depois abrangeu com as mãos a cabeça da moça e contemplou-a durante alguns segundos.

— Toda a sua alma está nesse escrito, disse ele; vejo aí a reflexão e o afeto. Tanto melhor! Há contudo uma lacuna: não transmite a seu irmão as minhas saudades; há também um exagero: louva méritos que não possui. Embora! Mande-a...

— Escreverei duas linhas mais.

— Pois sim. Diga-lhe que se apresse, porque estou velho e posso morrer antes.

— Oh! Protestou Helena.

Melchior olhou para ela silenciosamente.

— Crê que Estácio seja feliz? Perguntou ele enfim.

— Creio.

— Também eu.

Outro silêncio. O primeiro que o rompeu foi o padre.

— Por que se não casa também? disse ele.

— Eu?

— Sim. Pode ser que muito breve, talvez.

— Talvez nunca.

Melchior franziu a testa; a fisionomia, de meiga, tornou-se severa, como a consciência dele. O padre tinha uma das mãos de Helena entre as suas; deixou-a insensivelmente cair. Entre os dois estabeleceu-se um silêncio que os constrangia e que não ousavam romper; como subjogados por um mistério, receava cada um deles que o outro lhe lesse na frente; instintivamente desviaram os olhos.

Melchior foi o primeiro que voltou a si. A reflexão corrigiu a espontaneidade, e o padre reassumiu o gesto usual, com essa dissimulação que é um dever, quando a sinceridade é um perigo.

— Vamos lá, disse ele; ninguém pode decidir o que há de fazer amanhã; Deus escreve as páginas do nosso destino; nós não fazemos mais que transcrevê-las na terra.

— É verdade! Confirmou ela com um gesto de cabeça, e sem erguer os olhos.

— Amanhã, continuou o padre, o acaso, — isso a que os incrédulos chamam acaso, e que é a deliberação da vontade infinita, — lhe apontará um homem digno da senhora, e seu coração lhe dirá: é este; e o suspiro desalentado de hoje se converterá num olhar de graças ao céu. Ora, o que eu lhe peço, o que eu desejo, é que se apresse tanto que eu possa casá-los...

— Oh! Mas não vai morrer amanhã, interrompeu Helena.

— Estou velho, minha filha; estes cabelos brancos são já neve desse mar polar para onde navegamos todos. Tenho sessenta anos. A morte pode colher-me um dia próximo...

Helena

— Vamos almoçar, disse Helena sorrindo.

Saíram da sacristia, atravessaram a capela, e penetraram na chácara. Na ocasião em que iam transpor a porta da capela, viram Mendonça entrar em casa. Melchior estacou e olhou para Helena. Esta ia como introvertida e absorta. O gesto do padre, quando ela lhe declarou que não se casaria talvez nunca, ficou gravado na memória, como um enigma, que talvez receava decifrar. Poucos minutos eram passados; contudo, ela pôde refletir, e unir os elementos de uma resolução. Detendo-se, com o padre, à porta da capela, viu também entrar Mendonça. Os olhos da moça e do padre interrogaram-se de novo, mas desta vez nenhum deles os desviou.

— Vê aquele homem? Perguntou Helena. Parece-lhe que seria bom marido?

— Excelente, decerto, disse vivamente Melchior; caráter, educação, sentimentos.

— Tem ainda uma virtude particular: ama-me.

— Sei.

— Ele lhe disse?

— Não, mas vê-se. É sabido de todos os que **frequentam** esta casa. A probabilidade do casamento é objeto de comentários, e a opinião geral é que ele se fará dentro de pouco tempo. Confessou-lhe alguma coisa?

— Nada; mas os olhos da mulher amada não são menos espertos que os dos padres amigos. Acha que devo confirmar a opinião dos outros?

— Acho; consulte, porém, seu coração.

— Já consultei.

— Neste único instante?

— Nada menos.

— Sêrio? Disse Melchior, derramando um olhar de paternal ternura no rosto sério de Helena.

— Não digo que o ame desde já; mas a afeição que ele me tem, refletirá em meu coração, e eu virei a amá-lo. O que importa saber é que é digno de mim. De todos os que me pretendessem nenhum lhe seria superior.

— Ainda bem! Contudo, repare que vai contrair uma obrigação perpétua, e que um contrato destes não pode ser pensado em poucos instantes.

— Oh! Nesse ponto a minha ignorância sabe mais do que a sua teologia. Que são minutos e que são meses? Paixões de longos anos, chegando ao casamento, acabam muitas vezes pela separação ou pelo ódio, quando menos pela indiferença. O amor não é mais que um instrumento de escolha; amar é eleger a criatura que há de ser companheira na vida, não é afiançar a eterna felicidade de duas pessoas, porque essa pode esvair-se ou corromper-se. Que resta à maior parte dos casamentos, logo após os anos de paixão? Uma afeição pacífica, a estima, a intimidade. Não peço mais ao casamento, nem lhe posso dar mais do que isso.

— Não gosto de tanta reflexão em tão nova idade, respondeu bondosamente Melchior; todavia, encanta-me esse raciocínio que, ao cabo de tudo, pode ser verdadeiro. Mas não me desdigo; alguns minutos é pouco tempo; reflita ainda vinte e quatro horas.

— Nem um instante mais, insistiu Helena. Minhas reflexões são lentas ou súbitas: ou cinco minutos ou um ano; escolha.

— Pois reflita cinco minutos, replicou o padre sorrindo.

— Já lá vão quatro; aproveitarei o último para lhe dizer que em nada disto falaria, se não fossem as qualidades notáveis desse moço; e para acrescentar que a ele me liga certa simpatia de gênios... é talvez a semente do amor.

Tinham chegado ao primeiro degrau da escada da varanda. Subiram e entraram na sala de jantar, onde acharam D. Úrsula e Mendonça, este a percorrer com os olhos um jornal do dia. O almoço serviu-se imediatamente.

— Padre-mestre, disse D. Úrsula, demorou-se tanto que cuidei... tivesse **ideia** de me roubar Helena.

— Estive-a ouvindo de confissão, respondeu Melchior.

— E pôde absolvê-la?

— Certamente.

— Mas com grande penitência, não?

— A mais fácil de todas, acudiu Helena, olhando para o padre.

— Oh! Então é que os pecados são leves! Concluiu D. Úrsula. Não lhe parece?

Estas últimas palavras foram dirigidas a Mendonça, na ocasião em que todos caminhavam para a mesa. Mendonça não respondeu nada. Contra o costume, falava pouco, — menos ainda que na véspera e nos dias anteriores. D. Úrsula via a diferença mas não a compreendia.

— Não quero saber que pecados confessou, disse ela sentando-se; estou certa de que o maior deles não levaria ninguém ao purgatório.

— Veja o que é uma tia indulgente, observou Helena a Mendonça, sentando-se ao seu lado.

Preocupado com a conversa que acabava de ter na sacristia e na chácara, Melchior pouca atenção prestou a princípio ao filho do comerciante. Analisava as circunstâncias do momento e pesava a responsabilidade que lhe podia vir de qualquer resolução que adotasse.

Após um longo diálogo com a consciência, o velho sacerdote inclinou os olhos ao jovem, que lhe ficava de frente, ao lado de Helena. Viu-os conversar. Ela mostrava-se graciosa, solícita e atenta, como uma esposa amante; ele parecia enamorado da voz e das falas da donzela; como se uma luz interior lhe desvendasse à alma os horizontes infinitos da esperança. Familiarizado com Helena, tratado por ela com esquisita atenção, era contudo a primeira vez que ela lhe falava, não como a um confidente amigo, mas como a um homem que poderia vir a ser seu esposo. Alguma seriedade, um olhar submisso, uma atenção continuada, fizeram essa diferença, que antes foi sentida pelo coração do que descoberta pelos olhos.

No fim do almoço, Melchior dirigiu-se para a sala de visitas, com Helena. Mendonça acompanhou-os. A resolução do padre estava assentada de raiz; ele aceitava aquele casamento como um presente do céu. Apenas entrados na sala, travou as mãos de um e outro e lhes disse, com voz comovida:

— Prometem não zangar-se comigo?

— Por quê? Interrogou Mendonça com os olhos.

Helena baixara os seus.

— Prometem?

— Padre-mestre... começou Mendonça sem poder concluir a frase.

O padre olhou silenciosamente para um e outro. Talvez tivesse dúvida em falar; talvez buscava o melhor meio de dizer o que tinha no coração. Urgia romper o silêncio; fez isso com solenidade:

— Serei duas vezes padre: segundo a natureza e segundo o Evangelho. Quando duas criaturas se merecem, é servir a Deus emprestar a voz ao coração que não ousa falar. O senhor ama esta menina; leio nos olhos o sentimento que o arrasta para ela; são dignos um do outro. Se é a timidez que lhe fecha os lábios, eu sou a voz da verdade e do amor infinito; se outro motivo, serei juiz complacente para escutá-lo.

Ouvindo estas palavras, Mendonça ficou aturdido e mudo. Não só a sorte lhe chegava às mãos, quando ele menos esperava, mas até havia escolhido um caminho desusado e estranho. A realidade confundia-se ali com o sonho. A presença de um terceiro era suficiente motivo para acanhar os mais resolvidos; ainda mais a veste sacra do sacerdote, que dava aquilo um ar de solenidade e consagração. Mendonça recobrou, enfim, o uso dos sentidos; a resposta única e **eloquente** foi estender a mão a Helena, gesto a que a moça correspondeu com simpleza e naturalidade.

— Não se enganaram meus olhos, disse o padre. Ama-a, e pode dar-lhe a felicidade que desejo a ela. Também Helena o fará feliz, não? Perguntou ele, voltando-se para a moça.

— Mas é isto um sonho? Perguntou enfim Mendonça.

— A vida não é outra coisa, respondeu o capelão; velho pensamento e velha verdade. Façamos para que o sonho seja agradável e não árido ou triste. Prometem-me que se farão felizes?

— Não ambiciono outra coisa, disse o rapaz; será o meu cuidado e a minha glória.

— Seu amor, continuou Melchior, é mais forte que o de Helena; eu consultei-a antes, e li em seu coração. Elege-o com prazer, embora sem entusiasmo. Não é a paixão cega que a faz falar; é um sentimento brando e singelo, por isso mesmo duradouro. A reflexão de um corrigirá a violência do outro, e os dois sentimentos se completarão pela virtude especial de cada um.

Esta explicação franca de Melchior teve o jeito de ser agradável aos dois. Helena apreciou que ele nem aumentasse as ilusões de Mendonça, nem a desse como aceitando indiferente e animada

o casamento proposto. Pela sua parte, Mendonça viu nas palavras do padre um indício da sinceridade de Helena, e aceitou o pouco oferecido, com a certeza de multiplicá-lo. O caráter de Melchior e a adoração que mereciam suas virtudes, eram fianças de veracidade e davam ao ato humilde que ali se passava, um forte toque de santidade e elevação. Não era uma vulgar declaração de amor, sujeita às variações do espírito ou do interesse, mas verdadeiros esposos em que a religião era inspiradora e testemunha.

## Capítulo XVII

Aquele dia foi marcado no calendário de Mendonça com letras de ouro e cetim; a noite desceu coroada de flores e rosas. Ele viveu essas horas todas num estado de sonambulismo e êxtase. Tencionava referir tudo à mãe, logo que entrou em casa ao meio-dia; mas não se atreveu, porque ele mesmo não estava certo se vivia a realidade ou se voava nas asas de uma águia. De noite voltou a Andaraí; achou em Helena o mesmo modo afetuoso, a mesma solicitude e carinho; nenhuma ternura expansiva, nenhuma contemplação namorada; um meio-termo que o continha a ele próprio, e não era menos aprazível ao coração. A nova situação era, entretanto, sensível, porque os vigilantes de fora trocaram entre si olhares cheios de sérias descobertas; um deles, o coronel-major, chegou a proferir uma alusão, que os interessados fingiram não perceber.

Quando Mendonça chegou à casa nessa noite, ia mais que nunca cheio de comoção e nadando em plena glória. A cidade, apenas aí entrou, pareceu-lhe transformada por uma vara mágica; viu-a povoada de seres fantásticos e brilhantes, que iam e vinham do Céu à Terra e da Terra ao Céu. A cor deste era única entre todas as da palheta do divino arquiteto. As estrelas, mais vivas que nunca, pareciam saudá-lo de cima, ou fazerem-lhe gestos de inveja e despeito. Asas invisíveis lhe roçavam os cabelos, e umas vozes sem boca lhe falavam ao coração. Os pés como que não pousavam no solo; ia extático e sem consciência de si. Era aquele o galhoifeiro de há pouco? O amor havia feito esse milagre mais.

Um dos teatros estava aberto; comprou um bilhete e entrou.



Não era desejo de divertir-se ou interessar-se pelo drama, que aliás se acabava de parceria com o protagonista; era necessidade de ver gente, de apalpar a realidade das coisas, tão impressionante lhe parecia tudo o que havia se passado desde manhã.

Um espectador, o filho do coronel-major, viu-o a alguma distância e foi sentar-se ao pé dele.

— O senhor que tem melhor vista, disse o acadêmico, me tire um dúvida; aquela moça que ali está, naquele camarote, não é a andorinha viajante?

— A andorinha viajante? Repetiu Mendonça, olhando para ele; que quer dizer esse nome?

— É a marca da irmã de Estácio. Será ela que está ali, com uma senhora idosa?

— Mas por que lhe chamam assim?

— Eu sei! Naturalmente porque sai à rua todos os dias. Na verdade, é um passear! Mal amanhece, lá vai trepada no cavaliño, com o pajem atrás...

— Quem lhe pôs essa marca?

— As marcas são como as cartas anônimas: não têm autor.

Finalizou o pano; Mendonça despediu-se ali mesmo e saiu. Na rua repetiu mentalmente as palavras do jovem acadêmico. Ao cabo de alguns minutos, sorriu; compreendera que, apenas suspeitada a sua felicidade, já a inveja lhe deitava na taça uma gota de veneno. Ergueu os ombros, resolvido a suportar **tranquilo** essa branca companheira do êxito.

Guiou para casa, onde entrou pouco depois. Helena voltou a ocupá-lo exclusivamente. Só, no quarto de solteiro, listou os acontecimentos daquele dia e achou-se presenteado pela sorte. Como precisava conversar com alguém, escreveu uma longa carta a Estácio, narrando-lhe toda a história do seu coração, as esperanças e a pronta realização delas.

A alma derramou-se no papel impetuosa e exuberante. O estilo era irregular, a frase incorreta; mas havia ali a **eloquência** e a sinceridade da paixão. Quando fechou a carta, previu o prazer que ia dar ao amigo, logo que ela lhe chegasse às mãos, levando a notícia de que os vínculos atados na aula iam apertar-se na família.

“Vem quanto antes, dizia ele ao terminar a carta; tenho ânsia de te abraçar e ouvir de você mesmo o consentimento que me fará o mais feliz dos homens!”

Quando essa carta chegou a Cantagalo, Estácio voltava de uma pequena excursão que havia feito com o pai de Eugênia. Conheceu a letra do escrito; abriu negligentemente a carta; leu-a com assombro. A impressão foi tão visível que Camargo lhe perguntou de que se tratava.

— Recebo uma notícia que me obriga a partir amanhã, disse ele.

— Negócio grave?

— Grave.

— Ainda assim, nesta ocasião..

— Que tem? D. Clara pode ainda resistir à morte alguns dias; e, posto que a minha ausência não prejudique nada do fato, contudo é necessário que me informe e providencie.

— Algum negócio relativo ao inventário? Aventurou Camargo, que nada conhecia mais grave que o dinheiro.

— Justamente, respondeu mecanicamente Estácio.

Camargo consolou a filha do desgosto que lhe causava a partida do noivo; falou-lhe a linguagem da razão; disse que havia assuntos práticos, a que os sentimentos tinham de ceder o passo alguma vez. No dia seguinte de manhã, partiu Estácio na direção da cidade, não sem prometer que voltaria, se a moléstia ou qualquer outro motivo obrigasse a família a demorar em Cantagalo.

Ninguém esperava por ele em Andaraí. Entrando na chácara, — era de noite, — viu Estácio que a sala que ficava no ângulo esquerdo da frente da casa, estava iluminada e tinha gente. A sala ficava na linha do chão e as janelas estavam abertas. Parou a pouca distância, e pôde distinguir o coronel-major e o Dr. Matos jogando o gamão; a mulher do advogado falava a D. Úrsula e Melchior, em um dos lados; do outro estava assentada Helena, tendo Mendonça diante de si.

Estácio deu volta aos fundos da chácara, e entrou pela varanda. Os escravos que o viram chegar, deram sinal da novidade, com vozes de alegria, que, aliás, não chegaram até pessoas da sala. Estas só souberam do recém-chegado quando ele assomou

à porta. A satisfação de o ver foi geral e sincera em todos. Estácio distribuiu abraços e apertos de mão. Melchior, que ficou de lado, foi o último com quem falou.

— O Dr. Camargo veio? Perguntou D. Úrsula ao sobrinho, logo depois que este cumprimentou a todos.

— Não, respondeu Estácio, a doente não pode escapar, mas ainda a deixei com vida.

— Imagino a impaciência dos herdeiros.

Esta observação filosófica do coronel-major não teve nenhum efeito. Melchior, que a reprovava interiormente, fez mudar a conversa, informando-se da família de Camargo. Estácio deu todas as notícias que podiam interessar; depois, falou de alguns incidentes da viagem; enfim, retirou-se por alguns minutos.

Mendonça acompanhou o amigo, alcançando-o ainda na escada. Subiram juntos e juntos entraram no quarto.

— Agora que estamos sós, perguntou Mendonça, houve por lá alguma coisa?

— Nada.

— Melhor!

Um escravo entrou no quarto, a fim de servir a Estácio; Mendonça, ansioso por lhe falar de Helena, contentou-se com trocar algumas vagas indicações.

— Recebeu a minha carta? Disse ele.

— Recebi.

— Não esperava por ela, aposto..

— Não.

Como eu não esperava escrevê-la. Estás aborrecido?

— Estou cansado.

— Naturalmente, concordou Mendonça, abrindo um livro que achou sobre a mesa e voltando a fechar.

O silêncio prolongou-se alguns minutos, durante os quais Mendonça tornou a abrir o livro, examinou uma espingarda de caça, preparou um cigarro e fumou. O escravo ajudava o senhor a mudar de roupa. Estácio continuava mortalmente calado; Mendonça falou algumas vezes, sobre coisas indiferentes, e o tempo não correu, andou com a lentidão que lhe é natural, quando trata com impacientes. Logo que Estácio se deu por pronto, e o escravo

saiu, Mendonça voltou diretamente ao assunto que o preocupava.

— Estava ansioso por ver você, disse ele. Não é possível falar agora; não temos tempo. Mas quero dar um abraço, ao menos, um abraço de agradecimento pela felicidade...

— Parece que só esperava a minha ausência?

— Creio que não. Já antes de você seguir, começava a sentir alguma coisa nova, que vim a descobrir ser paixão violenta.

— Helena ama você?

Com igual amor, não creio; mas me aceita; tem algum afeto.

— Vou consultá-la.

Mendonça não pôde continuar, porque Estácio descia a escada ao dar-lhe a última resposta. Mendonça desceu também. Na sala estavam ainda as mesmas pessoas. Perto de uma janela conversava Helena com o padre. O chá foi logo servido e a conversa tornou-se geral, ainda que sem grande animação. Melchior falou menos que todos. Nem por isso foi o primeiro que saiu; foi o último. Na chácara, dirigindo-se ao portão, ergueu os olhos ao firmamento, não para ver a lua e as estrelas, senão para subir a região mais alta. O que disse ninguém o soube, mas o anjo das preces humanas porventura colheu em seu colo os pensamentos do ancião, e os levou aos pés do eterno e casto amor.

## Capítulo XVIII

Helena, disse Estácio no dia seguinte, logo que pôde falar a sós com irmã, — sabe por que vim mais depressa? Foi por sua causa. O Mendonça escreveu-me dizendo haver alcançado de ti uma promessa de casamento.

— É verdade.

— É verdade?

— Até ao ponto em que a minha vontade tem um limite, que é a sua. Por mim só nada posso decidir; mas não creio que você se oponha de nenhum modo. Não é certo que deseja a minha felicidade?

Estavam sentados em um banco de pau, de frente ao grande tanque. Estácio ficou algum tempo a olhar para a água.

— Não entendo, disse ele enfim.

— Por quê?

— Mais de uma vez me confessou não sei que paixão violenta, paixão que parecia conter a sua vida toda. Que, sem obstáculo de um amor único e forte, uma mulher despose um homem que não é o preferido de seu coração, é caso não vulgar e muita vez justificável. Mas que este casamento seja para ela felicidade, confesso que não poderei entender nunca.

— Recusa então o seu consentimento?

— Não recuso; desejo compreender.

— Nada mais simples, retorquiu a moça.

— Ah!

— Falei-lhe de um amor forte, é certo, não extinto naquele tempo, mas totalmente sem esperança. Que moça não tem dessas fantasias, uma vez ao menos? A fantasia passou. Ou eu não devo casar nunca, ou posso desposar um homem digno, que me ame. Não casar foi algum tempo o meu desejo; não o é hoje, desde que você, titia e o Padre Melchior ambicionam **ver-me** casada e feliz. Para obter a felicidade, além do casamento, escolhi uma pessoa que me parece capaz de dar a paz doméstica e os melhores afetos de seu coração.

— De maneira que se sacrifica a um desejo nosso?

— Se fosse sacrifício, faria de boa cara; mas não é.

— Não se trata de um sacrifício repugnante e odioso; entretanto, cumpre examinar o que você perde. Diz que a fantasia passou; não acredito, Helena, não creio que ela passou. Você ama certamente; ama violentamente alguém; ama sem esperança nem futuro; isto é, leva para casa de seu marido um coração que a não pertence, um sentimento intruso e inimigo...

Helena quis interrompê-lo.

— Ouve, continuou Estácio. Esse sentimento, se vier a extinguir-se e se for substituído pela afeição que criar a seu marido, não a fará triste; mas supõe que não morra esse amor, qual será a sua situação?

— Tudo isso é um castelo no ar, disse Helena sorrindo; eu amei, não amo; ou amo somente a meu futuro marido.

Estácio abanou a cabeça com ar de incredulidade. Seus olhos pousaram no rosto plácido da irmã, como tentando arran-

car-lhe uma confissão silenciosa. Os dela, firmes e tranquilos, cruzavam o olhar com os dele. Estácio conhecia já o domínio que a moça exercia sobre si mesma; a tranquilidade não o convenceu. Assim pensava, assim o disse, sem medo.

— Mas por que razão eu negaria a verdade? disse Helena. Estácio ergueu os ombros.

— Supondo que você tenha razão, tornou ela, não deverei casar nunca?

— Não digo isso; mas, há dois caminhos para a felicidade, além de Mendonça.

— Não os vejo.

— Esse amor misterioso será realmente sem esperança? Nada há definitivo no mundo, nem a desgraça nem a prosperidade. O que a sua imaginação supõe estar perdido, acha-se apenas desviado ou oculto...

— Adivinho o segundo caminho, disse Helena; não casando agora, posso vir a amar um dia, mais do que a Mendonça, algum homem tão digno como ele.

— Parece absurdo isso?

— Não, mas é uma loteria: perco um bem certo por outro duvidoso. O jogador não faz cálculo diferente. Essa felicidade pode não vir; eu me contento com a que me cabe agora.

Mendonça me ama muito; senti isso desde algum tempo. O Padre Melchior abriu-me os olhos; aceito o destino que os dois me oferecem. Esta é a razão e a realidade; o mais é ilusão e fantasia.

Enquanto ela falava, Estácio, que havia tirado o chapéu-de-chile, ocupava-se em fazer circular no corpo a fita larga que o circulava. Houve entre ambos grande silêncio. Pela beira do tanque seguia uma longa carreira de formigas, conduzindo trechos de folhas verdes. Com um galho seco, Estácio distraía-se em perturbar a marcha silenciosa e trabalhosa dos pobres animais. Fugiam todas, umas para o lado da terra, outras para o lado da água, enquanto as restantes apressavam a jornada na direção do domicílio. Helena arrancou-lhe o galho da mão; Estácio pareceu acordar de longas reflexões; ergueu-se, deu alguns passos e voltou a ela.

Helena

— Helena, declarou ele, não acredito nada do que você me diz; você sacrifica-se sem necessidade e sem glória, não concordo; é meu dever me opor a tal coisa.

Helena ergueu-se também.

— Mendonça começa a ser o fruto proibido, observou ela, sorrindo; é o meio seguro de o fazer amado.

A moça afastou-se na direção da casa. Estácio viu-a desaparecer por entre as árvores, e ficou algum tempo entre o banco e o tanque. As formigas, dispersas alguns minutos antes, tinham agora entrado no primeiro caminho, com a mesma ordem anterior. Viu-as o moço, e comparou-as às próprias **ideias**, também necessitadas de que um galho invisível as não dispersasse e confundisse. No meio de suas reflexões, lembrou-se do padre; Estácio atravessou a chácara, saiu à rua e dirigiu-se à casa de Melchior.

Melchior habitava uma casinha, situada no centro de um jardim pequeno, a algumas braças da residência de Estácio. Tinha duas salas o prédio, janelas por todos os lados, uma porta na frente e outra nos fundos. A da frente abria entre duas janelas de venezianas. A sala de visitas era ao mesmo tempo gabinete de estudo e de trabalho. Simples era a mobília, nenhuns adornos, uma estante de jacarandá, com livros grossos; uma mesa, duas cadeiras de repouso e pouco mais.

Na ocasião em que Estácio ali entrou, Melchior passeava de um para outro lado, com um livro aberto nas mãos, algum Tertuliano ou Agostinho, ou qualquer outro da mesma estatura, porque o padre amava contemplar os grandes espíritos do passado, quando não encarava os mistérios do futuro. Naquele corpo mediano havia uma águia cativa. Entre as quatro paredes da casa, limitada a vista pelos arbustos e as flores do jardim, Melchior esquecia o tempo e eliminava o espaço, vivendo a vida retrospectiva ou profética, doce e misteriosa sensação das almas solitárias. Melchior era um solitário; sem dificuldades com relações sociais, que ele cultivava, amava sobretudo estar separado dos homens. Nessas horas, que eram a maior parte do tempo, lia ou meditava, esquecido ou estranho a todas as coisas do seu tempo.

Naquela ocasião lia. Vendo assomar à porta o vulto de Estácio, Melchior fechou o rosto; contudo, recebeu-o amigavelmente.

— Vim interrompê-lo, disse Estácio; mas era preciso.

Melchior depôs o livro sobre a mesa redonda que havia no meio da sala, marcando a página com uma velha estampa. Depois sentaram-se ao pé de uma das janelas laterais. Estácio não se atreveu a dizer logo o motivo que o levava ali; mas de sua própria hesitação deduziu Melchior qual era ele.

— Era preciso? Repetiu o padre.

— Trata-se de Helena. Sei que é nosso amigo, confio em seu conselho e discrição. Como deseja a felicidade de minha família, buscou facilitar o casamento de Helena e Mendonça.

— Contando com a sua aprovação, explicou o padre.

— Tenho dúvidas em dá-la.

— Por quê?

Estácio explicou que Helena não tinha rejeição ao noivo proposto, ao que Melchior respondeu, referindo singelamente a verdade.

— E certo que o não ama ardentemente, concluiu ele, mas aceita-o, aprecia-o, está a meio caminho da felicidade que lhe devemos dar.

— Há uma dificuldade, padre-mestre; é que ela ama a outro.

Melchior empalideceu; o olhar analisador, como o de um juiz, cravou-se imóvel e afiado no rosto de Estácio. A face severa do moço não se alterou, nem seus olhos baixaram a terra.

— Ama a outro, continuou ele; paixão violenta, mas sem esperança, e tão real quanto misteriosa. Uma ou duas vezes fez referência a ela; nada mais lhe pude arrancar. Agora mesmo, quando lhe falei a tal respeito, desviou daí o sentido e a conversação. Nada mais sei; sei, porém, que ama, e casar com outro em tais circunstâncias dá dois inconvenientes igualmente sérios: priva-se da possibilidade de uma união feliz com o homem que interiormente elegeu, e leva para a casa do marido um sentimento de pesar e de remorso. Parece-lhe isso tolerável?

— Não há remorso, não há pesar onde não há esperança, disse o padre. Helena aceita o Mendonça por espontânea vontade; e a conheço tanto que não acho já possível que ela recuse.

Helena

— Salvo o meu consentimento.

— É claro; mas por que o não daria?

— Porque não descanso antes de descobrir a pessoa a quem Helena entregou o coração. Talvez ela ache impossível aquilo que é simplesmente difícil. Além do mais, não esqueçamos que Helena mal tem dezessete anos.

— Valem por vinte e cinco.

— Pode ser; mas convém não aceitar de coração leve uma acaitação ou um capricho, ou qualquer outro motivo oculto que a inspira nesta resolução.

— Que motivo seria?

— Eu sei! Talvez a suspeita de que queríamos vê-la **afastar-se** de casa.

— Não a calunie; Helena tem perfeita certeza e consciência dos afetos que a rodeiam e da estima em que é tida. Suas oposições não valem nada diante da declaração que ela própria fez. Não complicuemos uma situação simples e definida.

Melchior proferiu estas palavras com voz branda, mas em tom firme; Estácio não se animou a responder logo. Voltou, porém, ao primeiro argumento; depois, aventurou uma objeção nova.

— Mendonça é bom coração, disse ele; mas não possui as qualidades que, em meu entender, devem distinguir o marido de Helena. Nunca exercerá sobre ela a influência que deve ter um marido. Entre os dois inverte-se a pirâmide. Mas isto, ao menos, se destruía uma das condições do casamento, podia conservar a felicidade doméstica. O perigo maior é outro; é vir ele a perder a estima da mulher. Nesse caso, que daríamos nós a ela? Um casamento aparente e um divórcio real.

Não olhava para ele o padre, mas para fora, com uns olhos dolorosos e o gesto impaciente. Quando ele acabou, olhou-o com determinação; disse-lhe que se tratava de casar Helena, não com um marido especial, mas com o que ela própria havia escolhido de sua vontade livre; casamento que cumpria fazer sem demora. Era certo que, como chefe de família, Estácio podia se opor ao casamento ou criar condições; mas nem convinha isso ao interesse de Helena nem ao próprio interesse da família.

Estácio ergueu-se quando o padre acabou; percorreu a sala, calado e pensativo. No fim de alguns segundos, o padre foi a ele.

— Vá contar tudo à sua tia, disse: aprove sua irmã; casarei a todos no mesmo dia.

— Pois bem, disse Estácio, como concluindo um raciocínio interior; consinto em que Helena se case, mas procuremos outro marido. Mendonça, não; há de ser outro. Vou casar-me também; receberei todas as semanas; algum rapaz aparecerá que a mereça e de quem ela venha a gostar seriamente... É a minha última resolução.

## Capítulo XIX

No momento em que Estácio dizia estas palavras, Mendonça passava a porta do jardim do capelão. Preocupado com a frieza de Estácio, queria falar com Melchior e pedir um conselho. Melchior ia responder ao sobrinho de D. Úrsula, quando ouviu rumor de passos na areia do jardim.

— Aí vem o noivo, disse ele.

Estácio deu dois passos para pegar no chapéu; reconsiderou e foi sentar-se ao pé da mesa redonda. Havia ali um exemplar das Escrituras. Abriu-as ao acaso; a página acertou ser um capítulo dos *Provérbios*; leu este versículo: “Quem quer abrir mão de seu amigo, busca-lhe as ocasiões; ele será coberto de vergonha.” Envergonhado, voltou a folha. Mendonça entrou na sala. Não contava com Estácio, mas gostou de o ver ali. — Venha, disse Melchior; tratávamos justamente do seu casamento. Estácio lançou ao padre um olhar de censura. O padre não o viu; olhava para Mendonça, que imediatamente lhe respondeu:

— Não venho aqui para outra causa. Uma vez que a sorte o fez nosso confidente, desejo constituí-lo meu conselheiro e diretor.

— Antes de tudo, sou advogado da sua causa, disse Melchior; estava expondo agora as vantagens dela.

Mendonça olhou fixamente para o amigo, e, depois de curta pausa:

— Rejeitas ou aceitas o noivo? Perguntou ele.

SCHLÖSSELER



Posto entre a espada e a parede, Estácio não soube logo o que responder; ficou a olhar para a página aberta, receoso de encontrar a vista dos dois. O silêncio era pior que a resposta; e nem o caso nem as pessoas permitiam tão grande pausa. Estácio fechou de golpe o livro e ergueu-se.

— Discutia somente as vantagens do casamento, disse ele.

— E qual é a tua opinião?

— Minha opinião é que Helena está ainda muito menina. Mas não é só essa, nem é a principal; o voto, em todo o caso, é a favor do casamento. A principal razão é o teu próprio crédito.

— Meu crédito?

— Helena pode vir a amar você como você merece; a verdade é que não sente ainda hoje igual paixão à sua; foi o **padre-mestre** que me disse. Gosta de você, é certo; mas a estima é flor da razão, e eu creio que a flor do sentimento é muito mais própria no canteiro do matrimônio...

— Há muita flor nesse ramalhete de retórica, interrompeu benevolmente o padre.

Falemos linguagem simples e nua. Não literalmente o que lhe diz este filósofo, prosseguiu ele, voltando-se para Mendonça; ele gosta de ambos e quer vê-los felizes; próprio zelo que lhe faz falar assim. Numa palavra, deseja que o senhor a conquiste, depois de campanha formal.

Mendonça respondeu ao capelão com um sorriso pálido, que arrebitou um pouco as pontas do bigode, recolhendo-se logo medroso e frio. O rosto havia ficado carregado e pensativo; a língua de Estácio tocou seu coração. Disposto a aceitar a estima e a de Helena com a esperança de mudar esse pequeno problema, não lhe ocorreu que, a olhos estranhos, parecer que o fim exclusivo era a riqueza da moça. Estácio rompeu o véu a essa probabilidade. Uma só palavra desfizera a ilusão de poucos dias.

— Vamos lá, disse o padre, abracem-se como irmãos.

Nenhum deles se mexeu. Melchior sentiu toda a seriedade da situação; viu perdidos os esforços, desfeita a união, um abismo cavado entre os dois amigos, incerto o destino de Helena. Interveio outra vez com palavras de brandura, que os dois ouviram sem interromper. Quando acabou:

— O Estácio tem razão, disse Mendonça; meu crédito sofrerá, desde que alguém se lembre de dizer que o casamento foi arranjado sem nenhuma preocupação das preferências de D. Helena. Ela me desobrigará, em troca da palavra que lhe restituo.

A frase veio dolorida, mas sem dúvida nem fraqueza. Estácio olhava para ele e sentia alguma coisa semelhante a um remorso. Uma voz interior parecia dizer-lhe: — “Sonâmbulo, abre os olhos, tem consciência de suas ações; seu abraço enforca; seus escrúpulos fazem você ser odioso; sua aceitação é pior do que a raiva.” Viu o jovem saudar o padre; segurou-o pelo braço.

— Aonde vai? Disse ele.

— Vou aonde me leva o vento, disse singelamente Mendonça.

— Pobres rapazes! Exclamou o padre. São dois precipitados, nada mais; um quer catar argumentos onde sua irmã só achou nobre e franca resolução; o outro rompe de coração leve uma promessa feita em presença de um sacerdote. Precipitados, disse eu? São mais do que isso: são dois dementes. Ora, como só eu tenho juízo e **consequente** autoridade, digo que nem um há de sair assim desenganado, nem o outro há de recusar o consentimento que lhe peço em nome de seu finado pai.

Estácio estremeceu, Mendonça conservou-se frio. A arma era firme, mas o golpe excedia a necessidade. Mendonça não queria dever a esposa à evocação do nome do conselheiro: equivalia a um rapto. Percebeu-o Melchior, quando viu Estácio estender a mão ao amigo, mão que este recebeu com dignidade e frieza. Contaria Estácio com essa mesma repulsa do pretendente? O certo é que lhe disse, sem a menor sombra de hesitação:

— Meu zelo foi talvez excessivo; a intenção é boa e pura. Que posso eu desejar senão ver felizes os meus? Amem-se; será o resultado das minhas aspirações. Promete fazê-la feliz?

— Não prometo nada, disse Mendonça; o casamento é já impossível. Você abriu os olhos; não quero mal a você por isso. Perco muito, é certo, mas não me exponho à língua dos maus.

Mendonça foi buscar o chapéu e dispôs-se a sair, independentemente da intervenção de Melchior, que procurou trazê-lo a sentimentos de reconciliação. Não insistiu o padre; viu no

rosto do jovem uma resolução digna e firme, que era impossível dobrar naquele momento.

Quando Mendonça lhe estendeu a mão em despedida, ele apertou-lhe com ternura e esperança. Estácio tentou ainda **retê-lo**; foi inútil; Mendonça saiu dali sem rancor, mas sem pesar. O coração sangrava, a consciência ia contente.

Melchior foi até à porta, a despedir-se de Mendonça. Quando este saiu, ele voltou o rosto para dentro, cruzou os braços e fitou o sobrinho de D. Úrsula. O moço desviou os olhos.

— Viu? Perguntou o padre. Não sei qual seja a sua resolução; mas prometo-lhe que serei como Maomé, — Deus me perdoe! — ainda que veja o sol à minha direita e a lua à minha esquerda, não deixarei de executar o meu desígnio. Vá para sua família; deixe-me alguns instantes com o meu silêncio.

Estácio não pôde resistir à intimação do sacerdote; não achou uma palavra para lhe dizer. Saiu afetado, desconsolado, com raiva. Na rua e na chácara, ia pensando na cena daquela última hora, e parecia apenas reconstruir um sonho. Desconhecia-se, apalpava a inteligência, chamava em seu auxílio todas as forças da realidade; olhava para o chão, suspeito de que ia calcando as nuvens. Quando a razão tornou pé no meio de lembranças tão desconcertadas, ele viu claramente o resultado de suas ações: perdia um amigo de longos anos e negava a direção da família, pelo menos em relação ao casamento da irmã. Se esta lhe agradecesse a resistência, Estácio se daria por bem pago de tudo. Não era em seu favor que ele havia conspirado? este pensamento levantou-lhe o ânimo; caso tivesse a aprovação de Helena, pouco lhe importaria o resto.

Helena ouviu-lhe a narração fiel do que se passara em casa de Melchior. Ouviu-a comovida; no fim reprovou tudo o que ele havia feito.

— Mendonça é já o fruto proibido, concluiu a moça; começo a amá-lo. Se ainda assim me obrigar a desistir do casamento, o adorarei.

— Chegamos ao capricho! Exclamou ele; é o fundo do coração de todas as mulheres.

Helena sorriu e voltou-lhe as costas. Subiu ao quarto, pegou

Helena

uma caneta e escreveu um bilhete. A tinta secou primeiro que duas grossas lágrimas caídas no papel; mas as lágrimas secaram também. Antes de fechar o bilhete, desceu Helena a mostrá-lo ao irmão.

Quando a moça entrou no gabinete, Estácio foi encontrar com ela. Tinha resolução decidida.

Uma vez que a irmã aceitava de boa feição o casamento, não havia mais que o aprovar e celebrar. Encontraram-se na porta; Estácio recuou para dentro.

— Helena, disse ele, faça-se a tua vontade.

— Concorda?

Estácio fez um gesto afirmativo.

— Não basta isso, tornou a moça; Mendonça não voltará aqui depois do que se passou. Peça-lhe que entegue bilhete.

Estácio abriu o bilhete; continha estas poucas palavras: “Venha hoje a Andaraí; é o meu coração que o pede e a nossa felicidade que o exige.” Cinco minutos gastou o moço a ler as duas linhas; leu o que estava escrito e o que não estava. Helena desarmava os escrúpulos de Mendonça, tirando à futura união qualquer suspeita de interesse. Leu e fechou lentamente o papel.

— Aprova? Perguntou a moça.

— Assim, pois, disse o moço tristemente, a sua felicidade exige que esse homem venha cá, que se case com ele, que fuja de nós? Não basta a família, a afeição de nossa tia, a minha própria afeição? Estes meses de doce intimidade vão ser esquecidos em um só instante, sacrificados aos pés do primeiro homem que escolheu e seguiu? No dia em que você entrou nesta casa, entrou um raio de luz nova, alguma coisa que nos faltava e que você trouxe junto; nossa família completou-se; nossos corações receberam um sentimento último. Pensávamos que isto seria duradouro, e era simplesmente passageiro. Oh! Helena, melhor seria não ter vindo!

Helena quis responder, a voz travou-se na garganta, e a palavra retrocedeu ao coração. Apontou para o papel como pedindo-lhe, ainda uma vez, que o enviasse e saiu. De tarde, apareceu Melchior; ia **tranquilo** e resolvido a dar um golpe decisivo. Estácio rendeu-se, antes que ele falasse.

— Padre-mestre, disse o moço logo que o viu, a reflexão venceu-me; faça-se a vontade de todos.

— Fala de coração?

— De coração.

— Pois bem, seja completo, tornou o padre. Sou ministro de uma religião que condena o orgulho. Não há de ser em curar as feridas de um amigo; vá ter com o seu amigo; traga-o a esta casa, como irmão.

— Irei amanhã.

— Não; vá hoje mesmo.

A noite caiu logo; Estácio foi dali vestir-se. Não tendo enviado o bilhete de Helena, meteu-o na bolsa para entregá-lo ele próprio; depois tirou-o e releu-o; tendo-o relido, fez um gesto para rasgá-lo, conteve-se e o passou ainda uma vez pelos olhos. A mão, à semelhança de mariposa indiscreta, parecia atraída pela luz; resistiu, resistiu algum tempo; enfim chegou o bilhete à vela e queimou-o.

## Capítulo XX

A visita de Estácio não causou nenhum espanto a Mendonça; ele a esperava com toda certeza. Não era de se acreditar que um amigo de longos anos dormisse sobre a injustiça de um minuto; contudo dormiu. Foi na manhã seguinte que Estácio procurou o pretendente de Helena. Entrou naturalmente na casa de Mendonça, sem expansão nem securas. A conversa foi rápida e cordial; os dois se computaram com afetuosa dignidade. Estácio explicou os sentimentos, declarou-se contente com a aliança. O contentamento podia existir; todavia, a manifestação foi simples e seca. Houve mais calor e expansão quando ele lhe pediu que desse vida feliz à irmã.

— Será para mim um eterno remorso, se Helena vier a ser desgraçada, disse ele. Não tivemos o mesmo berço, vivemos nossa infância debaixo de teto diferente, não aprendemos a falar pelos lábios da mesma mãe. Importa pouco; nem por isso lhe quero menos. Meu pai recomendou-a à nossa família, e ela correspondeu ao sentimento que ditou essa última vontade.

Helena

Mendonça não respondeu nada; havia refletido, durante a noite, nas palavras que ouviu de Estácio no dia anterior; — palavras que bem podiam ser ditas ou pensadas por outros, talvez por todos, logo que soubessem do casamento. Helena viria a amá-lo, talvez; mas, desde logo lhe levava para casa a chave da independência. Mendonça recuou. Quando o Padre Melchior o soube, não pôde conter um gesto de admiração; mas, se louvou o comportamento, não aprovou a resolução, que vinha derrubar tudo.

— Não tapará nunca a boca aos maus, disse o padre; eles acharão meio de envenenar-lhe a generosidade.

— Paciência! Tornou o moço, é menor esse perigo. Se casar, dirão que faço uma operação vantajosa; talvez a família o suponha; talvez ela própria o pense.

Helena teve notícia dos receios do pretendente, e da resolução a que parecia inclinar o coração. Perguntou-lhe se era verdade. Mendonça afirmou que sim. Ela contemplou-o longamente, sem dizer palavra; segurou-lhe as mãos, apertou-as com força; ele persistiu.

No desinteresse de Mendonça havia porventura um pouco de charme. A moça o percebeu, nem por isso deixou de crer na sinceridade do rapaz. Tentou dissuadi-lo; e, posto nada alcançasse nos primeiros minutos, estava certa de que venceria o último obstáculo. Teria os olhos mais hábeis e felizes que os lábios do padre. Foi o que ela disse ao capelão.

— Tomo à minha conta efetuar este casamento, continuou Helena.

— Resolvida a tudo?

— A tudo.

— Mas, se ele insistir.

— Se ele insistir, vencerei, ou por um modo ou por outro.

Uma moça que quer ser noiva, vale por um exército; eu sou um exército.

— Muito bem! Contudo, sua dignidade...

— Oh! Em último caso abro mão da herança.

— Era capaz disso? Perguntou Melchior.

— Se era capaz? Desejo-o até, disse a moça com fervor.

E acrescentou em tom mais brando:

— Sobre o homem de minha escolha desejo que não paire a mínima desconfiança.

Tal era a situação, dois dias depois da volta de Estácio. O casamento podia contar-se feito. Mendonça não resistiu ao desinteresse de Helena. D. Úrsula aprovou tudo com alegria e amor, nada sabendo das incertezas e contradições dos últimos dias. Na noite desse dia, Estácio escreveu para Cantagalo dando notícias suas. Do casamento de Helena falou pouco, quase nada. Tudo o descontentava; tanto o que ele havia feito e dito, sem proveito, como o desenlace da situação. Não soube opor-se com eficácia, nem aplaudir oportunamente.

Visto que fosse tarde, o sono teimava em fugir, e ele ficou acordado até muito além da meia noite. Ocupado, sem dúvida, em adormecer organizações menos sensíveis e existências menos complicadas, o sono fez apenas uma curta visita. Pelas cinco horas da manhã, Estácio acordou e ergueu-se. A manhã estava fresca; quase toda a família dormia. Estácio desceu; o único escravo que achou levantado preparou-lhe uma xícara de café. Não tendo ainda chegado os jornais, bebeu-a sem a leitura do costume. Quem sabe por que se prendem muitas vezes os acontecimentos humanos? Estácio ouviu o som longínquo de um tiro; era algum caçador, talvez; a suposição deu-lhe **ideia** de ir caçar, foi buscar a espingarda, proveu-se de pólvora e chumbo, e saiu.

Se a habilidade não era muita, parecia ter ainda diminuído naquela manhã, ou porque a mão estivesse menos firme, ou porque a vista andasse menos segura. Estácio caminhava longo tempo sem pensar no fim que o levava; ia distraído, alheio ao lugar e às coisas. Fez algumas tentativas de caça. Quando cansou de errar, consultou o relógio e viu que não era cedo. Tinha o braço cansado de segurar a espingarda; só então reparou que não havia trazido um pajem consigo. Resolveu a voltar. Vendo uma orquídea, colheu-a com a intenção de a dar a Helena, como seu primeiro presente de núpcias. Depois desceu, em caminho para casa.

Vinha descendo, com a espingarda debaixo do braço, os olhos no chão, a passo lento, apesar de ser tarde. De uma vez que ergueu os olhos, viu um caso estranho, que lhe fez deter o passo. Um pouco abaixo, saía, de trás de uma casa velha, o pajem

de Helena, conduzindo a mula e a égua. Estácio não soube o que pensar daquilo; cedendo ao impulso, que não pôde dominar, deu um salto por cima da cerca de espinhos, agachou-se e esperou o resto. O resto não se demorou muito. Apareceu à porta da frente a figura de Helena. Depois de olhar cautelosamente para um e outro lado, saiu e montou a égua; o pajem cavalgou a mula e os dois desceram a trote.

Estácio sentiu uma nuvem cobrir-lhe os olhos; ao mesmo tempo, apertava o primeiro objeto que achou debaixo das mãos: era a cerca de espinhos. A dor o fez voltar a si; tinha a mão **ensanguentada**. Ao longe, cavalgavam Helena e o pajem. Logo que os viu desaparecer, Estácio saltou de novo à estrada. Sem resolução nem plano, caminhou em direção à casa donde viu sair a irmã. Era a mesma da bandeirinha azul que Helena cumprimentara de longe, alguns meses antes, e não esqueceu de reproduzir na paisagem que deu ao irmão, no dia do aniversário dele. Estas circunstâncias, antes indiferentes, apareciam-lhe agora como outros tantos artigos de um livro.

O prédio parecia ainda mais velho do que a primeira vez que o viu; a tinta das paredes e das colunas ia caindo, e o esqueleto de tijolo estava a nu, em mais de um lugar.

Alguma erva mofina brotava a custo junto às paredes, cobrindo com folhas descoloridas o chão desigual e úmido. Por baixo de uma das janelas havia um banco de pau, envelhecido pelo tempo, com as bordas roliças de longo uso. Tudo ali respirava pobreza e senilidade.

— Não, dizia Estácio consigo, não é este o asilo de um Romeu de contrabando. Mora aqui alguma família pobre, que a caridade engenhosa de Helena vem afagar de longe em longe.

A solução do enigma pareceu-lhe tão natural que o moço resolveu parar a meio da aventura, e chegou a dar alguns passos para trás. Mas a suspeita é o verme do espírito; não morre enquanto lhe resta a cabeça. Estácio sentiu o desejo imperioso de indagar o que aquilo era, e voltou sobre seus passos. Para entrar ali era necessário um motivo ou pretexto. Procurou algum; a aventura dera-lhe o melhor de todos. Olhou para a mão ferida e **ensanguentada**, e foi bater à porta.

## Capítulo XXI

Poucos instantes esperou Estácio. Veio um homem **abrir-lhe** a porta; era o mesmo que ele viu ali uma vez. Entre os dois houve meio minuto de silêncio, durante o qual nem Estácio se lembrou de dizer o que queria, nem o desconhecido de lhe perguntar quem era. Olhavam um para o outro.

— Que desejava? Disse enfim o dono da casa.

— Um favor, respondeu Estácio, mostrando-lhe a mão ferida. Caí há pouco; procurando me segurar, numa cerca de espinhos, me feri como vê. Podia me dar um pouco de água para lavar este sangue e...

— Pois não, interrompeu o outro. Sente-se aí no banco, ou, se prefere, entrar... É melhor entrar, concluiu, abrindo-lhe caminho.

Em qualquer outra ocasião, Estácio teria recusado o convite, porque o espetáculo da pobreza lhe causava horror aos olhos saturados de abastança. Agora, ardia por haver a chave do enigma. Entrou. O desconhecido abriu uma das janelas para dar mais alguma luz, ofereceu ao hóspede a melhor cadeira e foi por um instante ao interior.

Estácio pôde então examinar, à pressa, a sala em que se achava. Era pequena e escura. A parede, pintada a cola já de longa data, tinha em si os sinais do tempo; primitivamente de uma só cor, a pintura apresentava agora uma variedade triste e desagradável. Aqui o mofo, ali uma mancha, lá o rasgão produzido por um móvel; cada acidente do tempo ou do uso dava aquelas quatro paredes o aspecto de um asilo da desgraça. A mobília era pouca, velha, mesquinha e desigual. Cinco ou seis cadeiras, nem todas boas, uma mesa redonda, uma cômoda e uma marquesa, um aparador com duas mangas de vidro cobrindo castiçais de latão, sobre a mesa um vaso de louça com flores, e na parede dois pequenos quadros cobertos com um pano encardido, tais eram os enfeites da sala. Só as flores davam ali um ar de vida. Eram frescas, colhidas de pouco. Atentando nelas, Estácio estremeceu: pareceu-lhe reconhecer uma acácia plantada em sua chácara. Quando a suspeita germina na alma,

SCHLOSSER



o menor incidente assume um aspecto decisivo. Estácio sentiu um calafrio.

Voltou o dono da casa, trazendo nas mãos uma bacia, e nos braços uma toalha, cuja brancura contrastava singularmente com a cor da parede e o aspecto velho da casa. Estácio ergueu-se.

— Pode ficar, disse o desconhecido.

— Estou perfeitamente bem.

— Nesse caso, faça o favor de chegar à janela.

A bacia foi posta na janela; o desconhecido quis lavar ele próprio a mão do hóspede; o moço não consentiu.

— Ao menos, disse o dono da casa, há de consentir que a enxugue. Eu entendo um pouco disto; infelizmente, não tenho aqui nenhum medicamento caseiro para aplicar.

Estácio aceitou o oferecimento. O dono da casa abriu a toalha e começou cuidadosamente a operação. O sobrinho de D. Úrsula pôde então examiná-lo à vontade. Era um homem de trinta e seis a trinta e oito anos, forte de membros, alto e bem proporcionado. Uma cabeleira espessa e comprida, de um castanho escuro, descia-lhe da cabeça até quase tocar nos ombros. Os olhos eram grandes, e geralmente quietos, mas riam, quando sorriam os lábios, animando-se então de um brilho intenso, ainda que passageiro. Havia naquela cabeça, — salvo as suíças, — certo ar de tenor italiano. O pescoço, cheio e forte, surgia dentre dois ombros largos, e, pela abertura da camisa, que um lenço atava frouxamente na raiz do peito, podia Estácio se ver a alva cor e a rija musculatura. Vestia pobre, mas limpamente, uma camisa branca, calça de tecido e colete de brim pardo. O vestuário, disparatado e mesquinho, não diminuía a beleza máscula da pessoa; acusava somente a pobreza de meios.

Quando acabou de lavar os arranhões de Estácio, — eram pouco mais do que isso, — se propôs a ir buscar um pedaço de pano. Estácio, com a outra mão e os dentes, rasgou o lenço que trazia, e o dono da casa completou o curativo.

— Pronto! Disse ele. Se tiver em casa algum medicamento apropriado, será conveniente aplicá-lo. Toda a cautela é pouca; convém evitar alguma inflamação.

— Obrigado, respondeu Estácio. Realmente, vim dar-lhe um trabalho, sem grande necessidade, talvez.

— Por quê?

— Podia fazer isto mesmo quando chegasse à casa.

— Mora perto?

— Um pedaço abaixo.

— Foi conveniente curar já; nenhuma precaução é inútil em coisa nenhuma da vida.

— Regra da prudência, observou Estácio, procurando sorrir.

— Que só aprende tarde quem não a traz na massa do sangue, replicou o outro, suspirando.

A não ser indiscreto ou falador, era difícil levar a conversa por diante. O favor estava feito, o assunto esgotado. Restava agradecer, despedir-se e sair. Estácio, entretanto, tinha necessidade de mais tempo; queria arrancar àquele homem uma palavra menos indiferente à situação, ou conhecer-lhe, se fosse possível, o caráter e os costumes. Para isso havia, talvez, um meio; contrafazer-se, empregar maneiras estranhas às suas, apegar-se à ocasião por todas as bordas. Estácio determinou-se a isso, confiando o resto ao acaso. Voltou à cadeira e sentou-se.

— Consente que descanse um pouco? Estou cansadíssimo.

— Não pelo que caçou, disse o desconhecido, rindo.

— Volto com as mãos abanando. Nunca fui bom caçador, e tenho, além do mais, a mania de atirar aos pássaros.

— Não é esse o defeito de muita gente, de nível melhor? Eu fui vítima desse defeito mortal.

— Ah! Exclamou Estácio com certa entonação interrogativa.

O dono da casa sorriu levemente, mas não pareceu provocar a curiosidade do hóspede; talvez mesmo não desejasse outra causa.

— É verdade, disse ele; devo a minha atual pobreza ao erro de teimar em coisas estranhas à minha índole e habilidade, estranhas e totalmente opostas.

— Há de perdoar-me, interrompeu Estácio com um ar de familiaridade indiscreta, que lhe não era habitual; eu creio que um homem forte, moço e inteligente não tem o direito de cair na desgraça.

— Sua observação, disse o dono da casa sorrindo, traz o sabor do chocolate que o senhor bebeu naturalmente esta manhã antes de sair para a caça. Presumo que é rico. Na riqueza é impossível compreender as lutas da miséria, e a máxima de que todo homem pode, com esforço, chegar ao mesmo brilhante resultado, há de sempre parecer uma grande verdade à pessoa que estiver desossando um peru... Pois não é assim; há exceções. Nas coisas deste mundo não é tão livre o homem, como supõe, e uma coisa, a que uns chamam mau destino, outros concurso de circunstâncias, e que nós batizamos com o genuíno nome brasileiro de sorte, impede a alguns ver o fruto de seus maiores esforços. César e sua fortuna! Toda a sabedoria humana está contida nestas quatro palavras.

O desconhecido proferiu isto com o tom mais simples e natural do mundo, e uma facilidade de fala que Estácio mal lhe podia supor. Era aquilo uma comédia ou a expressão da verdade? Estácio olhou fixamente para ele, como a querer entrar nele. Ao mesmo tempo, ouviu-se um barulho na parte da casa que ficava além da sala; Estácio voltou a cabeça com um gesto de desconfiança. A porta abriu-se e apareceu uma preta velha trazendo nas mãos uma bandeja. A criada parou no meio caminho.

— Põe em cima da mesa, disse o dono da casa. É o meu almoço, continuou ele, voltando-se para Estácio; almoço simples e higiênico. Posso lhe oferecer?

Estácio fez um gesto negativo, e dispôs-se a sair.

— Já! Não é meu intento despedi-lo; almoçarei conversando. Vivo tão solitário que a presença de alguma pessoa é para mim um encanto...

Estácio aceitou sem dificuldade o convite; sentou-se na frente do homem, ao pé da mesa, e assistiu ao almoço, que não podia ser mais escasso: um pão, duas fatias de queijo duro e uma caneca de café. O que mais valia era o contentamento do dono da casa e a franqueza com que ostentava aos olhos de um estranho a simplicidade de seus hábitos.

— Não é refeição de príncipe, dizia ele, mas satisfaz todas as ambições de um estômago sem esperança. Aqui é a sala de visitas e a sala de jantar; a cozinha é contígua; além, ficam dois metros

de quintal; para lá do quintal... o infinito da indiferença humana.

E depois de um silêncio:

— Não digo bem, disse ele; nem sempre acho indiferença. Meu trabalho não me dá mais do que pouco pão de cada dia; mas tenho algumas alegrias, no meio de minha perpétua quaresma; e essas recebo-as de mãos caridosas e puras.

Dizendo isto, o desconhecido esgotou a caneca, e **reclinou-se** sobre a cadeira, fitando em cheio a cara do hóspede. Estácio refletiu nas últimas palavras, e um raio de esperança veio rasgar-lhe a nuvem que lhe escurecia a face. Os dois homens pareciam interrogar-se. O filho do conselheiro sacou do bolso um charuto e ofereceu-o ao dono da casa.

— Obrigado, disse este.

— Não fuma?

— Já fumei; hoje economizo esse vício. Nem por isso faço mais lentamente a digestão.

— Mora só?

— Só.

— Não tem família?

— Nenhuma.

— Há de achar-me singularmente indiscreto...

— Não; suponho que a sua curiosidade tem uma causa honrosa e legítima.

— Acertou; o senhor inspira-me simpatia. E se eu conhecesse alguma dessas mãos puras, que lhe ajudam.

— Me daria, por intermédio delas, a sua ajuda?

— Se o não ofendesse...

— Não ofendia, mas eu recusava, se soubesse; peço-lhe desde que o não faça às escondidas...

Estácio fez um gesto de assentimento.

— Não é orgulho, continuou o dono da casa; é um resto de pudor que a pobreza não me tirou ainda. Fiz-lhe agora um favor, um simples dever de vizinho... Pareceria que o senhor me pagava com um benefício. O benefício seria menos espontâneo de sua parte e menos agradável para mim. Agradável não exprime, talvez, toda a minha **ideia**; mas o senhor facilmente compreenderá o que quero dizer.

— Entendeu-me mal; o meu favor não seria na espécie a que o senhor fala. Tenho amigos e alguma influência; poderia arranjar-lhe melhor posição.

O desconhecido refletiu um instante.

— Aceitaria? Perguntou Estácio.

— Estou pensando na maneira de recusar. Ouro é o que ouro vale. Eu deixaria eternamente de dever qualquer melhora da vida ao cumprimento de um dever de caridade.

— Já me não admira a vida pobre que tem tido.

— Orgulho excessivo, talvez?...

— Orgulho desnecessário.

— Antes demais que de menos.

— Nem de menos nem demais; mas, só a porção justa.

— A porção varia, conforme as necessidades morais de cada um. Mas eu mesmo, que estou a falar, nem sempre tive esta virtude intratável; e porventura alguma vez fraqueei...

A face do desconhecido tornou-se sombria; a voz **morreu-lhe** nos lábios, e os olhos caíram naquela atonia que exprime uma grande concentração de espírito. Era ocasião de **interrogá-lo** diretamente ou sair. Estácio preferiu o último pensamento.

— Não o quero demorar mais, disse o dono da casa, quando o mancebo proferiu as palavras de despedida. Já é tarde, e sua mãe talvez esteja ansiosa.

Estácio limitou-se a olhar para ele em cheio, dizendo:

— Se alguma vez resolver dar de mão a seus orgulhos, mande me procurar. Minha casa é conhecida em todo Andaraí pela casa do Conselheiro Vale...

O desconhecido, em cujo rosto Estácio esperou ver um sinal qualquer de abalo ou surpresa, conservou-se impassível e risonho. Curvou-se em sinal de agradecimento; e como Estácio hesitasse em estender-lhe a mão, ele meteu as suas no bolso.

— Talvez nos vejamos ainda, disse Estácio já fora da porta.

— Sim?

— Passeio algumas vezes por estes lados.

— Nem sempre estou em casa; mas, ainda estando, conservo fechadas as portas. Quando quiser descansar, bata; a casa é pobre, mas será amiga.

Estácio afastou-se rapidamente. Eram dez horas, e o sol aquecia; ele não deu pelo sol nem pelo tempo. Achava-se no meio de uma selva escura. Nada sabia, nada pensava; eram tudo novas dúvidas e possibilidades. O homem com quem acabava de conversar, parecia-lhe sincero; a pobreza era autêntica, sensível a nota de melancolia que, por vezes, lhe afrouxava a palavra. Mas, onde cessava ali a realidade e começava a aparência? Vinha de tratar com um infeliz ou um hipócrita? Estácio rememorou todos os incidentes da manhã, e todas as palavras do desconhecido; eram outros tantos pontos de interrogação suspeitos e irrespondíveis. Repelia com horror a **ideia** do mal: custava-lhe a aceitar a **ideia** do bem; e a pior das angústias, — a dúvida, — continha-o todo e agitava-o em suas mãos felinas. O sol e a agitação derramavam a testa de gotas de suor; ao ofego da passada apressada juntava-se o da violenta comoção. Estácio não via os objetos que ia costeando, nem as pessoas que lhe passavam ao lado; ia cego e surdo, até que o choque da realidade o despertasse.

Chegou enfim à casa. Ao portão estava um escravo, a quem deu a espingarda. A demora causou alguma inquietação à família; logo que as duas senhoras souberam de seu regresso, correram a recebê-lo, ficando D. Úrsula a uma janela, e descendo Helena até meio caminho. A aparição súbita da moça, a alegria e o amor, que pareciam impeli-la, a perfeita ingenuidade do gesto, tudo produziu nele a necessária reação, — reação de um instante, — mas saudável, porque a crise era muito violenta. Estácio apertou as mãos da moça com energia. Um sentimento sutil percorreu as fibras de Helena, e aquele rápido instante teve toda a doçura de uma reconciliação.

Estácio contava recolher-se ao quarto para pôr em ordem as **ideias**, compará-las, extrair uma reflexão, pelo menos, e verificá-la ou desmenti-la. Mas, nem a tia nem a irmã haviam almoçado, à espera dele, e forçoso lhe foi acompanhá-las na satisfação de uma necessidade que não sentia. Durante o almoço, Estácio procurou observar Helena; trabalho ocioso, porque o rosto da moça, se alguma coisa traía nessa ocasião, eram as alegrias da família. Ela própria servia por suas mãos a Estácio

e D. Úrsula; na mesma proporção da atenção com que sabia repartir-se entre os convivas, não o era menos no carinho, e na graça. Nos olhos parecia estampada a ignorância do mal, e o sorriso era o das almas puras.

Poderia se atribuir àquela criatura de dezessete anos corrupção e hipocrisia? Estácio envergonhou-se de tal **ideia**; sentiu as vertigens do remorso. Mas o almoço acabou, dispersou-se a companhia, o jovem recolheu-se ao escritório, e, desfeita a visão, voltou a suspeita. Estácio buscou dominar a situação. Ele não ia ao ponto de supor em Helena a completa perversão dos sentimentos; o limite do mal, que se lhe podia atribuir, era o de um erro leve. Se, em vez de um ato bobo, fosse aquilo um simples ato de caridade, Helena não mereceria menos uma advertência; mas a pureza da intenção salvava tudo, e a paz da família, não menos que o seu pudor, se restabeleceria inteira. Estácio examinou um por um todos os indícios de culpa e de inocência; buscou sinceramente os elementos de prova; não esqueceu um só argumento de indução. Nesse trabalho despendeu longo tempo, sem resultado apreciável, pela razão de que, se a sentença era difícil de formular, o juiz era incompetente para decidir; entre a dignidade e a afeição balançava incerto.

Quase à hora do jantar, Estácio, que não saíra uma só vez do gabinete, chegou a uma das janelas, e viu atravessar a chácara a mais humilde figura daquele enigma, humilde e importante ao mesmo tempo: o pajem. O pajem apareceu-lhe como uma **ideia** nova; até aquele instante não tinha pensado nele uma só vez. Era o confidente e o cúmplice. Ao vê-lo, recordou-se de que Helena lhe pediu uma vez a liberdade daquele escravo. A ameaça falou no coração; mas a raiva cedeu à angústia, e ele sentiu na face alguma coisa semelhante a uma lágrima. Nesse momento duas mãos lhe taparam os olhos.

## Capítulo XXII

Não era preciso grande esforço para adivinhar a dona das mãos. Estácio, com as suas, afastou as mãos de Helena, segurando-lhe os pulsos de modo que lhe arrancou um leve gemido. Voltando-se, deu com os olhos na irmã, que lhe disse em tom gracioso:

— Você é muito mau! Pagou-me a carícia com um apertão. Deixe estar que nunca mais farei outra. Vim vê-lo, porque você hoje não se lembrou ainda de dar à gente um ar de sua graça... Doeu! Continuou ela olhando para os pulsos. Mas... tenho os dedos molhados; seria...você estaria...que é? Que foi?

Estácio, que ouviu o discurso da irmã, com o rosto desfeito e o olhar ansioso, não lhe respondeu às últimas interrogações, e continuou a olhar para ela, como a querer ler na fisionomia da moça a explicação do enigma que o atordoava. Helena ainda insistiu, angustiada e aflita. Indo pegar-lhe nas mãos, Estácio desviou o corpo, dirigiu-se à parede, pegou o desenho que Helena lhe deu no dia de seus anos, e aproximou-se da moça.

— Que é? Repetiu esta admirada.

A única resposta de Estácio foi estender o dedo sobre a misteriosa casa reproduzida na paisagem. Helena olhou alternadamente para o desenho e para o irmão. A expressão interrogativa e imperiosa deste a fez atenta no ponto indicado. Súbito empalideceu; os lábios tremeram-lhe como a murmurar alguma coisa, mas a alma falou tão baixo que a palavra não chegou à boca. Durou aquilo poucos instantes. A angústia lia-se no rosto dos dois; a moça, para ocultar a sua, cobriu os olhos com as mãos. O gesto era eloquente; Estácio lançou para longe de si o quadro, com um movimento de raiva. Helena atirou-se para o corredor.

D. Úrsula aguardava os sobrinhos para jantar. Demorando-se estes, dirigiu-se ela própria ao gabinete de Estácio. A porta estava aberta; D. Úrsula entrou e deu com ele, sentado numa poltrona, com o lenço na cara, como a soluçar. A tia correu com a velocidade que lhe permitiam os anos. Estácio não a ouviu entrar; só deu por ela quando as mãos da boa senhora



lhe arrancaram as suas dos olhos, O assombro de D. Úrsula foi indescritível, sobretudo quando Estácio, erguendo-se, atirou-se aos braços, exclamando:

— Que fatalidade!

— Mas. .. que é? . . . explica.

Estácio enxugou as faces molhadas do longo e silencioso pranto, com o gesto decidido de um homem que se envergonha de um ato de culpa. A explosão dasabafou o espírito; podia enfim ser homem, e era preciso que o fosse. D. Úrsula pediu e ordenou que lhe confiasse a causa da inexplicável aflição em que viera achá-lo. Estácio recusou dizê-la.

— Saberá tudo amanhã ou logo. Agora só poderia dar-lhe um enigma, e eu sei o que ele me há custado. Algumas horas mais, e precisarei de seu conselho e apoio.

D. Úrsula reclamou da demora. Quando chegou à sala de jantar, achou um recado de Helena; mandava-lhe dizer que se sentia repentinamente incomodada e que a dispensasse naquela tarde e noite. Dona Úrsula suspeitou logo que o recado de Helena tivesse relação com a aflição de Estácio, e correu ao quarto da sobrinha. Achou-a meio inclinada sobre a cama, com o rosto na almofada, e o corpo **tranquilo** e como morto. Ao sentir os passos de D. Úrsula, ergueu a cabeça. A palidez era grande e profundo o abatimento; mas não havia lágrimas. A dor, se a houve, e houve, parecia ter-se petrificado. O que restava ainda vivo na figura da moça, eram os olhos, que não perderam o vivo natural. Ela ergueu-os com medo, e abraçou a tia com um olhar de súplica e de amor. D. Úrsula travou-lhe das mãos, encarou-a silenciosamente, e murmurou:

— Conta-me tudo.

— Saberá depois! Suspirou a moça.

— Não tem confiança em sua tia?

Helena ergueu-se e lançou-se nos braços; duas lágrimas caíram dos olhos, e foram as primeiras que eles verteram naquela meia hora. Depois beijou-lhe as mãos com ternura:

— Pode receber estes beijos, disse ela, os anjos não os têm mais puros.

Foram as últimas palavras que D. Úrsula pôde arrancar-lhe; a moça recolheu-se ao silêncio em que ela a encontrou. D. Úrsula saiu; e foi dali ter com Estácio. O sobrinho encaminhava-se para a sala de jantar.

— Vamos para a mesa, disse ele, não convém que os escravos saibam de tais crises.

D. Úrsula referiu o estado em que achou Helena e as palavras que trocou com ela.

Estácio ouviu-a sem nenhuma expressão de simpatia. O jantar foi um fingimento; era um meio de iludir a curiosidade dos escravos, que aliás não caíram naquele teatro. Eles conheceram perfeitamente que algum acontecimento oculto trazia suspensos e concentrados os espíritos.

As iguarias voltavam quase intactas; as palavras eram trocadas com esforço entre a senhora e o senhor. A causa daquilo era, com certeza, senhorita Helena. Estácio deu ordem para que se dissesse a todas as pessoas estranhas que a família estava ausente. A única exceção era o Padre Melchior. A esse escreveu pedindo-lhe que os fosse ver.

— Não posso esperar até amanhã, disse D. Úrsula; se tens de revelar alguma coisa a um estranho, por que o não faz a mim primeiro? Diz o que há. Não posso ver padecer Helena; quero consolá-la e animá-la.

— O que tenho para dizer é longo e triste, disse Estácio; mas, se deseja sabê-lo desde já, peço-lhe ao menos que espere a presença do Padre Melchior. Eu não poderia dizer duas vezes as mesmas coisas; seria revolver o punhal na ferida.

A curiosidade de D. Úrsula cresceu com estas meias palavras do sobrinho; mas era necessário esperar, e esperou. Foi dali ao quarto de Helena. Como a porta estivesse fechada, espreitou pela fechadura. Helena escrevia. Esta nova circunstância veio complicar as impressões de D. Úrsula.

— Helena está trancada no quarto, escrevendo, disse ela ao sobrinho.

— Naturalmente, respondeu este, com frieza.

O Padre Melchior não se demorou em atender ao chamado de Estácio. O bilhete era urgente e a letra febril. Algum aconte-

cimento grave devia ter-se dado. A reflexão do padre era justa, como sabemos; ele o reconheceu desde logo, não só no aspecto triste da família, como na ânsia com que era esperado. Os três recolheram-se a uma das salas interiores.

— Helena? Perguntou Melchior.

— Vamos tratar dela, respondeu Estácio.

Referir o que se passou naquela fatal manhã era mais fácil de planejar que de executar. No momento de expor a situação e as circunstâncias dela, Estácio sentiu que a língua rebelde não obedecia à intenção. Achava-se num tribunal doméstico, e o que até então foi conflito interior entre a afeição e a dignidade, cumpria agora reduzi-lo às proporções de um discurso claro, seco e decidido. Inocente ou culpada, Helena aparecia-lhe naquele momento como uma recordação das horas felizes, — doce recordação que os sucessos presentes ou futuros podiam somente tornar mais saudosa, mas não destruiriam nunca, porque é esse o misterioso privilégio do passado. Reagiu, entretanto, sobre si mesmo; e, ainda que a custo, referiu minuciosa e sinceramente o que se passou desde aquela manhã.

O coração de D. Úrsula não foi criado para tão melindrosas revelações. Desde o princípio da conversação sentiu o atordoamento que dão os grandes golpes. Esperava, certamente, um grande infortúnio de Helena, um episódio da família anterior, alguma coisa que desafiasse a compaixão, sem diminuir o sentimento da estima. Acontecia justamente o contrário; a estima era impossível e a compaixão tornava-se apenas provável.

— Mas não! É impossível! Exclamou ela daí a pouco, logo que a razão, obscurecida pelo abalo, pôde readquirir alguma luz... não! Eu a vi há pouco; senti-lhe as lágrimas na minha face, ouvi-lhe palavras que só a inocência pode proferir. E, além disso, seu procedimento irrepreensível, um ano quase de convivência sem mancha, a elevação de seus sentimentos... não posso crer que tudo isso... Não! Pobre Helena! Vamos chamá-la, ela explicará tudo. Interroguemos o Vicente.

Um gesto dos dois homens mostrou que nenhum deles julgava digno este último recurso para conhecer a verdade. D. Úrsula caiu em prostração, recordava suas apreensões do

primeiro dia, e recuava com horror à **ideia** de ter acertado. Na frente dela, Estácio ocupava uma poltrona rasa, em cujos braços fincava os cotovelos, apoiando nas mãos a cabeça ardente e abatida. A alma ruminava a dor.

Um só dos três vingava a dignidade da situação. O Padre Melchior não sentiu menor assombro que os dois parentes de Helena, nem padeceu menos profundo golpe; mas se levantou de um e outro; pôde vencer-se e conservar a razão clara, fria e penetrante. Entre os dois corações ulcerados e sem força, compreendeu Melchior que lhe cabia a principal ação, e não recuou diante da responsabilidade que daí poderia deduzir. Viu de um lance a extensão possível do mal, a desunião da família, os desesperos da ocasião, os ódios do dia seguinte, as amarguras profundas, e, talvez, as grandes saudades; mas nem este quadro o aterrou, nem ele o aceitou sem exame. Melchior não condenava nem absolvía; esperava. Ele pertencia ao número dessas virtudes singelas para as quais o vício é uma rara exceção; natureza sincera e franca, era difícil crer na hipocrisia. Enquanto Estácio prosseguia calado e pensativo, e D. Úrsula, ora sentada, ora de pé, intercalava o silêncio com exclamações de dor, Melchior observava-os e refletia também consigo. Enfim, proferiu estas palavras de animação:

— Sossegue, D. Úrsula; a verdade há de aparecer, e não estamos certos de que seja o que nos parece. Em todo o caso, não antecipemos a aflição. Seria sofrer duas vezes. Há tempo de chorar. Melchior levantou-se:

— É necessário sacudir o abatimento, continuou, **dirigindo-se** a Estácio; é a hora da ação e do vigor. Sobretudo, é necessário não falar desse assunto por agora; daria força às vozes estranhas e seus naturais comentários. Eu assumirei nesta situação o lugar que me compete, se me permitem...

— Oh! Exclamou Estácio.

— ...Mas, desejo que desde já entendam bem que, se a dignidade pede uma coisa, a caridade pede outra, e que o dever estrito é conciliá-las. Nada de ódios; perdão ou esquecimento.

— Mas, padre-mestre, que lhe parece? Perguntou D. Úrsula com ansiedade.

— D. Úrsula, disse o padre, é preciso agora que a razão fale e trabalhe; o sentimento deve retrair-se e esperar. Examinarei o caso, e aconselharei o necessário remédio. Talvez estejamos a nos debater no vácuo; quem sabe? Trata-se de um equívoco, de uma aparência.

— Oh! Ela confessou tudo! Interrompeu Estácio. Vi-lhe a expressão da culpa nos olhos. Mas, enfim, estou pronto para tudo, continuou ele erguendo-se. Não foi o senhor um dos melhores amigos de meu pai? Não é ainda nosso? Ajude-nos, aconselhe-nos; faremos o que lhe parecer melhor. Na situação em que nos achamos, nenhum de nós tem o espírito bastante senhor de si para colher os elementos da verdade, apurá-la e resolver. Esse papel é seu.

Vieram trazer a Estácio uma carta. Era do Dr. Camargo, anunciando-lhe que a madrinha de Eugênia havia falecido, e que ele no prazo de alguns dias estaria na Corte. Era o pior momento para semelhante vinda; Estácio não pôde reprimir um gesto de desgosto. O padre, dizendo-lhe o mancebo de que tratava a carta, observou que nenhum inconveniente podia haver no regresso de Camargo, uma vez que, sem demora, ficasse liquidado o assunto que os afligia.

— D. Úrsula, continuou ele, deixe-nos agora sós alguns instantes; vá **tranquila**, confie em Deus, e não faça suspeitar a ninguém o que se passa nesta casa.

D. Úrsula obedeceu. Logo que ela saiu, Melchior fechou a porta. Estácio sentou-se de novo, disposto a ouvir o capelão. Este deu alguns passos entre a porta e uma das janelas. Ia anoitecendo; Estácio acendeu uma luz. Melchior sentou-se ao pé dele, sem lhe falar nem lhe voltar sequer os olhos. Meditava ou lutava consigo mesmo; a face pesada e sombria traduzia a agitação interior. Já não era a inalterável placidez, reflexo de uma consciência religiosa e pura. Se a consciência era a mesma, não era o coração, a braços com uma crise nova. Após dez minutos de profundo silêncio entre ambos, o padre falou.

## Capítulo XXIII

— Você é forte? Perguntou o padre.

— Sou.

— Você crê em Deus?

Estácio tremeu e olhou para o velho, sem responder. Melchior insistiu:

— Você crê ou não?

— Essa pergunta...

— É mais complicada do que parece. Não basta supor que se crê; nem basta crer superficialmente, como na existência de uma região desconhecida da Ásia, onde nunca se pretende pôr os pés. O Deus de que eu falo pra você, não é só essa admirável necessidade do espírito, que apenas agrada a alguns filósofos; Eu falo do Deus criador e que retribui cada um de acordo com suas obras, do Deus que lê no fundo as nossas consciências, que nos deu a vida, que nos há de dar a morte, e, além da morte, o prêmio ou o castigo. Você crê?

— Creio.

— Pois bem, você violou a lei divina, como a lei humana, sem saber. O seu coração é um grande inconsciente; se agita, murmura, rebela-se, entrega-se à aparência de um instinto mal expresso e mal compreendido. O mal persegue você, tenta você, envolve você em seus laços dourados e ocultos; você não sente, não vê; você terá horror de você mesmo, quando ficar cara a cara com ele. Deus que conhece você sabe perfeitamente que entre seu coração e sua consciência existe como que um véu grosso que os separa, que impede a colaboração e a geração da transgressão da lei Deus.

— Mas o que é, padre?

Melchior se inclinou e encarou o moço. Os olhos, fixos nele, eram como um espelho polido e frio, destinado a reproduzir a imagem do que ele ia lhe dizer.

— Estácio, disse Melchior pausadamente, você ama sua irmã.

O gesto misturado de horror, assombro e remorso com que Estácio ouviu aquela palavra, mostrou ao padre, não só que ele

estava falando a verdade, mas também que acabava de revelá-la ao empregado. O que a consciência deste ignorava, seu coração sabia, e só lhe disse naquela hora cheia de pompa. A consciência, depois de tatear no escuro, foi-se embora apavorada, como afastando de si o rápido clarão que a palavra do sacerdote despertou nela. Estácio não respondeu nada; não podia responder nada. Com que palavra e em que língua humana ele exprimiria a nova e terrível emoção que fez sua alma toda se abalar? Que corda poderia amarrar suas ideias quebradas e espalhadas? Ele nem falou, nem se atreveu a erguer os olhos; ficou como estúpido e morto. Melchior olhou pra ele alguns minutos, silencioso e com compaixão. Os olhos, que eram de águia para os mistérios da vida, eram de pomba para as grandes infelicidades. Abaixo da cabeça de homem, havia um coração feminino.

A mudez de Estácio acabou enfim; o corpo se agitou; o lábio articulou algumas frases desconcertadas. O sentido delas era superficial; podia concluir-se que ele não acreditava na revelação de Melchior, que o suposto sentimento era tão sem sentido e não natural que só devia ser atribuído a maus instintos. Melchior o ouviu, sorriu com satisfação. Não era aquilo mesmo uma manifestação de uma consciência honrada?

— Maus instintos, não, respondeu Melchior; um desvio da lei social e religiosa, mas desvio inconsciente. Entra em teu coração, Estácio; revira os teus mais íntimos recantos, e lá acharás essa semente daninha; joga ela fora de ti, que é o preceito do Eterno Mestre. Você nunca o sentiu; a tentação usa essa tática envolvente e enganosa; é envolvente como a calúnia, e persistente como a suspeita. Mas eu sou a verdade que afirma, e a caridade que consola. Eu digo a você, não que você pecou, mas que ficou à beira do pecado, e estendo pra você a minha mão para que não caia no abismo.

— Padre-mestre! Falou baixinho Estácio, cujo coração recebia a influência da palavra de Melchior, ao mesmo tempo severa e meiga.

— Não fale, continuou o padre; se você negar estará mentindo; dizer é inútil. Como nasceu em teu coração um sentimento deste? Quis a sorte que entre vocês dois não houvesse a imagem

da infância e a comunhão dos primeiros anos; que, em plena mocidade, passassem, do total desconhecimento um do outro, para a intimidade de todos os dias. Esta foi a raiz do mal. Helena apareceu para você já mulher, com todas as seduções próprias da mulher, e mais ainda com as de seu próprio espírito, porque a natureza e a educação concordaram em fazê-la original e superior. Você não sentiu a transformação lenta que aconteceu em você, nem podia compreendê-la... São Paulo disse: para os corações limpos, todas as coisas são limpas. Você via o amor autêntico naquilo que já era amor falso; daí vieram os cuidados, a desconfiança, um egoísmo exigente, cujo resultado seria retirar da alma de Helena todas as alegrias da terra, unicamente para o fim de que você pudesse admirá-la sozinho, como um egoísta.

Ouvindo a palavra do padre, Estácio soletrava o próprio coração e lia claramente o que até então era para ele como um livro fechado. A situação se tornava, entretanto, muito angustiante, a vergonha era muito grande e o remorso intenso. Estácio se levantou: e deu de cara de com o retrato do conselheiro que, na sombra em que ficava, parecia olhar para o filho e **interrogá-lo**. Isso desorientou o moço:

— Não, padre! Ele exclamou caindo na cadeira. É impossível! Isto que o senhor está dizendo é um sonho mau, é um triste engano; é impossível; eu juro que é impossível. É certo que eu amo... Que a amava, com sentimentos de irmão; mas, esquecer isso, e colocar em minha alma um sentimento tão perverso... Oh! Era impossível!

Melchior levantava-se. Depois de meia dúzia de passos, se aproximou de Estácio, colocando a mão direita sobre sua cabeça, enquanto com a outra levantava o seu queixo, obrigando-o a olhar para ele.

— Digo que você tem uma raiz má no coração; esta é a dura verdade. Há no homem uma ligação de sentimentos, às vezes inexplicável. Produtos de sentimentos opostos aí se alternam ou se confundem... Mas, você quer saber o resto?

— O resto?

— Escute, continuou o padre, sentando-se. A planta daninha germinou um ramo para o coração virgem e puro

de Helena, e o mesmo sentimento os juntou em seus fios invisíveis. Nem você percebia, nem ela; mas eu percebi, eu fui o triste espectador dessa violenta e miserável situação. Vocês são irmãos e se amam. A poesia trágica pode fazer do assunto uma ação teatral; mas o que a Moral e a Religião reprovam, não deve achar proteção na alma de um homem honesto e cristão.

— Impossível! Impossível! Exclamou Estácio. Mas, como era verdade, por que juntar à dificuldade presente o horror de uma revelação como esta?

— Porque a revelação explica a dificuldade. Helena não saberá que ama, mas ama. Ora, um amor clandestino, de parceria com esse outro amor proibido, embora inconsciente, provaria da parte de Helena uma depravação que ela não pode ter, e que, em tal idade, faria dela um monstro. Será Helena esse monstro? Se o fosse, eu desesperaria da natureza humana. Não! Essa casa, onde a viste entrar, é com certeza asilo de miséria: o que ela aí vai levar é a esmola e a compaixão.

Um raio de esperança iluminou a testa de Estácio. O raciocínio do padre era exato, e por mais perigosa que fosse a situação revelada por ele, agora já não se podia desejar outra coisa; a dignidade da família ficava intacta. Estácio refletiu durante muito tempo no que acabava de ouvir. Mas a esperança foi curta, embora a necessidade dela fosse grande.

— Helena continua recolhida? Perguntou o padre.

Estácio fez um leve sinal afirmativo.

— Vou falar com você amanhã; por hoje é bom não dizer nada nem deixar escapar coisa nenhuma.

Dizendo isto, Melchior ficou em silêncio, como se ainda pensasse em alguma coisa. Estácio levantou-se e começou a andar lentamente. De vez em quando, apertava a cabeça entre as mãos; tantas emoções bastavam para perturbar fortemente o espírito. O mistério o cercava de todos os lados. Ele ia até à janela, daí até à porta, alternando as reflexões interiores com sacudidas nervosas do braço ou da cabeça. De vez em quando, olhava rapidamente e atravessado para o capelão, como o criminoso olha para a consciência; não podia evitar o sentimento

de terror, e ao mesmo tempo de respeito, que lhe provocava aquele investigador exato e profundo de seus sentimentos mais escondidos e inacessíveis. Meditava o que o padre lhe dissera; cada minuto ia ficando mais clara pra ele a verdade revelada, e o que era difícil de entender se fazia enfim transparente. É assim que a luz de um astro, acesa desde séculos, chega finalmente a ferir a retina de nossos olhos mortais.

Uma vez, interrompendo os passos, olhou para o retrato do conselheiro. Não teve medo; fixou-os firmemente com ar de reprimenda e de amargura, no que o padre percebeu, e o fez sorrir tristemente. O olhar do filho pedia contas ao pai.

— Paz aos mortos! Disse Melchior. Os atos de seu pai já não pertencem a este mundo.

Melchior disse estas palavras já de pé.

— O Dr. Camargo, disse ele mudando de tom, deve chegar qualquer dia, segundo ele me disse. Há alguma razão para o casamento demorar pra ser realizado?

— Nenhuma.

— É conveniente realizá-lo logo?

— Imediatamente.

Melchior caminhou para a porta. Ia dar volta na chave e parou.

— Antes de nos separarmos, disse ele, desejo a promessa de que o senhor não falará nada a Helena antes de amanhã.

— Prometo.

O padre refletiu um instante; Estácio pareceu adivinhar o que ele pensava.

— Quer ainda outra promessa, perguntou ele. Quer que eu evite encontrar com Helena de todos os modos?

— Sim; quero que o senhor a considere como uma pessoa totalmente estranha.

— Poderia ser de outra maneira? Observou com ar de tristeza Estácio. Os acontecimentos destes dias são, por enquanto pelo menos, uma barreira entre ela e sua família. No mais, eu estaria completamente carente de todo o senso moral...

— Você jura?

— Juro.

Melchior desabotoou a camisa, e segurou um crucifixo de marfim, que estava pendurado por uma fita preta no seu pescoço.

— Este, disse ele com voz singela, é a representação do seu Deus. Um exemplo de tamanha pureza não foi visto durante os séculos, nem antes nem depois que ele desceu à terra. Você jura o que me promete?

— Padre-mestre, disse de volta Estácio; basta a minha palavra. Mas, se é preciso uma afirmação mais formal, eu farei o que o senhor me pede.

Estácio inclinou a cabeça sobre o crucifixo e o beijou respeitosamente; depois beijou a mão ao padre. Melchior o abençoou e saiu.

Saindo do gabinete de Estácio, dirigiu-se para a sala de costura, onde achou D. Úrsula um pouco menos agitada.

— Falou com Helena? Perguntou ela ao padre.

— Ainda não; sei que ela não quer sair do quarto; vamos deixar passar a primeira emoção. Amanhã eu venho pra saber de tudo. Por hoje é preciso que a senhora fique sossegada.

— Oh! Eu estou sossegada! Não perdi a confiança.

D. Úrsula disse estas palavras com tanta calma e grande convicção que fortaleceu o espírito do próprio Melchior, aliás não convencido a crer no mal. O velho ficou por alguns instantes olhando para o rosto calmo de D. Úrsula, admirando a força secreta que a tornava surda ao grito da realidade, — pelo menos, da realidade aparente. Olhou para ela em silêncio, e desceu para a chácara.

## Capítulo XXIV

A noite estava escura. Pisando a terra e a areia dos largos caminhos da chácara, Melchior, em sua imaginação, fazia o passado retornar, nem sempre feliz, mas geralmente quieto. Mais de uma vez buscou amenizar o peso que alguns erros do conselheiro acumularam na testa da esposa. Será que havia naquela casa uma geração de dores, destinadas a abater o orgulho da riqueza com o irremediável espetáculo da fraqueza humana?

“Não, dizia ele consigo mesmo. A verdade é que tudo se encaixa e desenvolve logicamente. Jesus disse: não se colhem figos das plantas espinhosas. A vida promíscua do marido produziu o infortúnio calado e profundo daquela senhora, que se foi em pleno meio-dia; o fruto é tão amargo como a árvore; tem o sabor travado de remorsos.”

Neste ponto chegava ao portão. Parou um instante. O passo cuidadoso e tímido de alguém fez ele voltar à razão. Alguém, cujo rosto ele não via, tão escuro como a noite, estava ali e tocava respeitosa e humildemente as extremidades do seu casaco comprido. Era o escravo de Helena.

— Seu padre, disse ele, me diga, por favor, o que aconteceu em casa. Estou vendo que todos estão tristes; Nhanhã Helena não aparece; se trancou no quarto... Perdoe-me a intromissão. O que foi que aconteceu?

— Nada, respondeu Melchior.

— Oh! é impossível! Alguma coisa aconteceu. Seu padre não tem confiança num escravo. Nhanhã Helena está doente?

— Sossegue; está tudo bem.

— Hum! Gemeu sem acreditar no que ouviu o escravo. Tem alguma coisa que eu não posso saber; mas também o escravo pode saber alguma coisa que os brancos tenham vontade de ouvir...

Melchior ia fazer uma pergunta, mas desistiu. A noite não deixava que ele visse o rosto do escravo, mas a voz era triste e sincera. A **ideia** de perguntá-lo passou pela mente do padre, mas não fez mais do que passar; ele desistiu logo, como tinha desistido algumas horas antes. Melchior preferia a linha reta; não queria empregar um meio tortuoso. Ele mesmo iria pedir a Helena uma solução para dificuldades. Entretanto, o escravo, como entendesse no silêncio do sacerdote uma afirmação, continuou:

— Nhanhã Helena é uma santa. Se alguém a acusa, acusa o bom procedimento dela. Eu vou contar tudo ao senhor...

Melchior ia recusar, mas um incidente interrompeu a palavra do escravo, contra a vontade deste, e talvez contra o desejo de Melchior. Ouviram-se passos; era um escravo que vinha fechar o portão.

— Tá vindo gente, disse Vicente; amanhã...

O escravo tateou na escuridão à procura da mão do padre; achou, enfim, beijou-a e se afastou. Melchior foi para casa, abalado com a revelação pela metade que acabava de ouvir. Qualquer outro podia duvidar um instante da sinceridade do escravo; podia supor que o ato dele era menos espontâneo do que parecia; enfim, que a própria Helena poderia ter tramado isso como meio de desviar a atenção e harmonizar os sentimentos. A interpretação era digna de verdade; mas isso tudo não passou pela cabeça do padre. Para ele era principalmente aplicável o princípio apostólico: para os corações limpos, todas as coisas são limpas.

O nascer do sol do dia seguinte iluminou um céu sem de nuvens. Estácio acordou com ela, depois de uma noite mal dormida. Nunca a manhã pareceu pra ele mais agitada e alegre; nunca o ar tinha apresentado uma transparência tão fina nem a folhagem cor tão brilhante. Da janela onde se encostava, via as flores de todas as cores, quebrando a monotonia do verde das plantas, e trazendo até ele, o ar cheio de aromas; aspecto de festa e zombaria da natureza. Estácio se sentia como de ressaca após horas de festa.

Almoçou sozinho; D. Úrsula estava com Helena. Logo depois do almoço, ele recebeu uma carta de Mendonça, que, tendo ido à véspera ao Andaraí recebeu a resposta dada a todos, e mandava saber se havia dalgum doente na casa. Estácio respondeu que sim, acrescentando que, por não se tratar de coisa grave, só esperava que ele viesse dois dias depois. A resposta podia ser mais prudente; no estado em que ele se achava, no entanto, achou a resposta excelente.

Por volta do meio-dia, Melchior chegou. Na sala de visitas achou D. Úrsula, que o espiava de uma das janelas.

— Helena? Ele perguntou ansioso.

— Desceu hoje, respondeu D. Úrsula. Está mais **tranquila**. Não perguntei nada a ela, mas quando disse que o senhor viria visitá-la, se mostrou ansiosa por vê-lo, e me pediu até que mandasse chamá-lo.

Os dois foram até à pequena sala que ficava ao pé da sala de jantar. Helena estava sentada, com a cabeça caída sobre as costas da cadeira, e os olhos meio fechados. Logo que o padre entrou, Helena abriu os olhos e levantou-se. Seu rosto pálido, pela insônia e aflição, ficou rápida e passageiramente corado. Levantou-se e deu dois passos para o padre, que lhe apertou as mãos entre as suas.

— Imprudente! Murmurou Melchior.

Helena sorriu um sorriso pálido e tão passageiro como a cor do seu rosto. D. Úrsula se dispôs a ir chamar Estácio, que estava no andar de cima. Assim que ela saiu, Helena segurou em uma das mãos do padre.

— Queria ver o senhor! Disse ela. Não tenho ânimo de falar a mais ninguém, de dizer tudo...

— E inútil; sei de tudo, interrompeu Melchior sorrindo. O Vicente foi hoje de manhã à minha casa; foi por iniciativa própria; contou-me tudo o que sabia; disse-me que esse homem é seu irmão; que a senhora ia encontrá-lo, escondida, não podendo ou não querendo apresentá-lo em casa de seus parentes. O cuidado era excessivo, e o ato imprudente. Por que motivo dar aparência incorreta a um sentimento natural? Teria poupado muita aflição e muita lágrima, a si e aos seus, se tivesse tomado antes o caminho certo, que é sempre o melhor.

Helena ouviu estas palavras do padre com a alma debruçada nos olhos. Não parecia sequer respirar. Quando ele acabou, perguntou ansiosa:

— Com que intenção ele falou com o senhor?

— Com a mais pura de todas; desconfiou que a senhora sofria e por isso veio me contar tudo.

Helena cruzou os dedos e levantou os olhos. Melchior não quis interromper nessa subida mental ao céu; se limitou a observá-la. A beleza de Helena nunca lhe parecera mais tocante do que nessa atitude de implorar por algo.

— Orei a Deus, disse ela, descendo as mãos, porque colocou aí no corpo desprezível do escravo um espírito tão nobre de dedicação. Denunciou-me para me devolver o respeito de minha família. Aquilo que ninguém me arrancaria do coração,

Helena

ele mesmo conseguiu tirar no dia em que viu em perigo o meu nome e a paz de meu espírito. Infelizmente, mentiu.

Melchior ficou pálido.

— Mentiu sem saber, continuou a moça. Disse o que achava ser verdade, o que eu o fiz entender. Esse homem não é meu irmão.

Melchior se inclinou para a moça e pegando-lhe nos pulsos, perguntou-lhe como que dando uma ordem:

— Então quem é? Seu silêncio é uma denúncia; não tem direito de ter receio.

— Não tenho receio, respondeu Helena; em tais situações, uma criatura, como eu, caminha direito a um rochedo ou a um abismo; despedaça-se ou some-se. Não há escolha. Este papel,

— Continuou, tirando do bolso uma carta, — este papel dirá tudo ao senhor; leia e conte tudo a Estácio e a D. Úrsula. Não tenho ânimo de olhar pra eles nesta ocasião.

Melchior, atordoado, fez um leve sinal de cabeça.

— Depois que ler o papel, todos os vínculos que me prendem a esta casa estão rompidos. A culpa do que me acontece, não é minha, é de outros; aceitarei, contudo as **consequências**. Posso contar ao menos com a sua bênção?

A resposta do padre foi lhe dar um beijo na testa, beijo de absolvição ou de cegueira, que ela lhe pagou com muitos beijos na mão direita enrugada e trêmula de emoção. Helena correu depois para o corredor, deixando o padre só, com a carta nas mãos, sem ousar abri-la, com medo dos males que iam sair dali, sem certeza ao menos de que ficaria no fundo a esperança. Ia abri-la, e refletiu se o devia fazer na ausência de Estácio e D. Úrsula; venceu a prudência, leu a carta.

D. Úrsula, que entrou na ocasião em que ele fechava a carta, deu uns passos pra trás aterroriza. Melchior estava pálido como um defunto. Antes que nenhum deles falasse, entrou Estácio na pequena sala. Melchior se dirigiu a ele e entregou a carta. Estácio leu e dizia assim:

“Minha boa filha. Sei através de Vicente que alguma existe algo aí que atormenta você. Acho que posso adivinhar o que seja. O Estácio esteve comigo, logo depois que você saiu da-

qui da última vez. Entrou desconfiado, e deu como desculpas ou pretexto a necessidade de tratar algumas feridas na mão. Talvez ele próprio tivesse se ferido para entrar aqui em casa. Fez-me algumas perguntas; respondi conforme pedia o caso. Como eu achava que ele soubesse de suas visitas, não escondi nada dele sobre a minha pobreza; era o meio de atribuí-las a um sentimento de caridade. A virtude serviu assim de motivo para esconder os impulsos da natureza. Não é isso em grande parte a essência da vida humana? Fiquei, entretanto, inquieto; talvez não tivesse arrancado o espinho do coração dele. Pelo que me disse o Vicente, receio que foi assim que aconteceu. Conte pra mim o que há, pobre filha do coração; não me esconda nada. Em todo caso, aja com cuidado. Não provoque nenhuma intriga. Se for preciso, deixe de vir aqui algumas semanas ou meses. Me bastaria a **ideia** de saber que você vive em paz e feliz. Te abençoo, Helena, com quanto sentimento pode haver no peito do mais bem-aventurado dos pais, a quem a sorte, tirando tudo, não tirou o gosto de se sentir amado por você. Adeus. Me escreva. — Salvador.

“P. S. Recebi o seu bilhete. Pelo amor de Deus, não faça nada; não saia daí; seria um escândalo.”

Estácio não compreendeu de início o que acabava de ler. A verdade parecia difícil de acreditar, O primeiro impulso foi sair dali e ir falar com Helena. Melchior o impediu a tempo.

— Não vamos agir com precipitação, disse ele. Se acalme primeiro.

Estácio se deixou cair numa cadeira. Melchior comunicou o conteúdo da carta a D. Úrsula, cujo espanto foi ainda mais profundo que o do sobrinho, porque ela não soltou uma palavra, não fez um gesto; ficou olhando desagradavelmente para o papel. Houve então entre aqueles três personagens dez minutos de um silêncio mortal. D. Úrsula não pensava; olhava para a carta, logo depois para o sobrinho e o padre, como esperando uma conclusão que seu próprio espírito não podia deduzir dos acontecimentos. Estácio ficou desorientado; procurava em vão uma conexão entre as **ideias**; a revelação nova era uma complicação a mais. Se a carta era sincera, como explicar a declaração do

testamento de seu pai? Se não era, como explicar o atrevimento de uma invenção igual a essa? Ele não podia distinguir o que era favorável a Helena, nem ousava afirmar o que lhe era adverso.

No meio daquela família, arriscada a se destroçar, Melchior considerava ser melhor a morte a alguns lances terríveis da vida. Se a morte de Helena tomasse o lugar da carta, a dor seria violenta, mas o irremediável desfecho e o consolo da Religião contribuiriam para sarar a alma dos que ficassem e converter o desespero de alguns dias na saudade da vida inteira. Em vez disto, ele estava, talvez, diante de um destino reduzido a nada; via um abismo possível entre corações vinculado pela vontade de um morto. Qualquer que fosse a veracidade da carta, talvez esse fosse o resultado.

Melchior foi conversar com Helena, para ter uma melhor explicação do que acabava de ler. Ela se levantou quando o viu, e pareceu reviver ao contemplar o gesto amável com que ele lhe falou. Um longo suspiro de alívio saiu do íntimo do seu coração: os braços caíram sobre os ombros do padre, em cujo peito escondeu o rosto e repousou enfim, — um minuto — das dores que a agonizavam.

— Me perdoaram? Disse ela.

— Vão lhe perdoar; Conte-me tudo.

— Oh! Não posso, não sei; sei que é meu pai.

O capelão não insistiu; olhou para os outros dois, a quem achou na posição em que os deixara. Interrogaram-no com os olhos.

— Nada, disse ele. O coração dela não possui nesta ocasião a necessária força para responder a quanto lhe devia perguntar; além do mais não saberá tudo. Temos a primeira confissão da verdade...

— Da verdade? Interrompeu com ar de tristeza Estácio. Quem sabe se é verdade o que lemos nesse papel?

— É, deve ser. Faltam-nos, é certo, os fundamentos da afirmação; mas eu me comprometo de descobri-los.

— Iremos nós dois.

D. Úrsula quis impedir o sobrinho de ir à casa do homem, causa dos desastres da família, nem tanto porque lhe parecia que entre Estácio e ele não deveria ser estabelecida nenhuma

relação, mas, sobretudo porque ela precisava de alguém que lhe fizesse companhia em tão grave circunstância. Melchior rendeu-se, inclinou-se ao conselho de D. Úrsula.

— Irei eu só, disse ele; depois o trarei até aqui, se for preciso.

— Não posso esperar, insistiu Estácio; preciso falar com esse homem, ouvi-lo, ler-lhe a verdade ou a enganação nas linhas do rosto. Talvez a dignidade da família exigisse outra coisa; mas, padre-mestre, meu coração sofre...

Era impossível impedi-lo: Melchior tratou somente de acalmá-lo. De resto, a crise era violenta; era preciso resolvê-la sem demora nem hesitação. O padre animou D. Úrsula, e saiu acompanhado de Estácio, cujo coração, recuperando-se do primeiro abalo, deixava as regiões da dúvida para entrar na atmosfera da verdade, — pelo menos da esperança. Quaisquer que fossem as **consequências** da nova revelação, esta vinha como um consolo, após tão dolorosas emoções; era um rasgão azul no céu tempestuoso daqueles dias. Ele ia pensando assim, — ou antes, sentindo, — porque o pensamento não ousava orientá-lo, desde que a vida inteira do moço fora concentrada com as coisas do coração.

Chegando à frente da casa, Estácio desviou os olhos; era difícil encarar a casa, mas conseguiu. Houve demora em abrir a porta; enfim, quando esta se abriu, o dono da casa apareceu aos dois. Quando viu os dois a sua porta, empalideceu um pouco, mas um sorriso procurou disfarçar a impressão. Estácio foi direito ao ponto.

— Suponho que se lembra de mim? Ele disse.

— Perfeitamente.

— Sabe que motivo nos traz à sua casa?

— Não, senhor.

— O senhor confessa que escreveu esta carta?

Salvador estremeceu; depois respondeu com um gesto afirmativo.

— Diz que Helena é sua filha, disse o moço depois de um instante. Confirma verbalmente o que escreveu?

— Helena é minha filha.

Melchior interveio:

— Há um ano, quando meu velho amigo Conselheiro Vale

morreu, reconheceu Helena, por uma cláusula do testamento; recomendava à família que a tratasse com afeto e carinho e indicava o colégio em que ela seria educada. O fato do reconhecimento e as circunstâncias que apontou, dão todo crédito de verdade à palavra do morto. Que prova apresenta o senhor em contrário a ela?

— Nenhuma, disse Salvador; não tenho prova de nenhuma natureza.

— Na falta de provas, prosseguiu o capelão, poderia nos dizer como supor que o conselheiro tenha mentido, **tratando-se** de um fato tão grave como esse de introduzir uma pessoa estranha na família?

Salvador sorriu amargamente.

— Vamos supor, disse ele, que eu havia enganado conselheiro, e que ele acreditava ser pai de Helena.

— Era isso?

— Não era. Na posição em que nos achamos, já não há lugar para meias palavras. É necessário falar a verdade. Dez minutos apenas.

Os três se sentaram. Melchior olhava para o dono da casa com a persistência e a curiosidade naturais da ocasião. Salvador ficou calado alguns instantes; enfim, voltou-se para o capelão.

— Desejo, disse ele, que o senhor padre venha; sua caridade amenizará a legítima raiva deste moço; e eu farei as declarações indispensáveis na presença das duas pessoas a quem mais amo, abaixo de Helena.

— Eu Queira falar, disse secamente Estácio.

## Capítulo XXV

— A mãe de Helena, disse Salvador, cuja beleza foi a causa, a um tempo, da sua má e boa sorte, era filha de um nobre lavrador do Rio Grande do Sul, onde também nasci. Apaixonamo-nos um pelo outro. Meu pai se opôs ao casamento; tinha alguns bens, me mandara estudar, queria me ver em posição brilhante. Ângela podia ser obstáculo à minha carreira, dizia ele. Opôs-se, e eu resisti; raptei-a; fomos viver na campanha oriental, donde mudamos para Montevidéu, e mais tarde para o Rio de Janeiro. Eu tinha vinte anos quando deixei a casa de meu pai; possuía alguns estudos, poucos, algumas reservas financeiras, muito amor e muita esperança. Era de sobra para a minha idade, mas insuficiente para o meu futuro. A lua de mel foi desde logo uma noite de privações e trabalhos. Minha vida começou a ser um misturado de profissões; aqui onde me veem, fui ambulante, agente do foro, guarda-livros, lavrador, operário, recepcionista de pensão, escrevente de cartório; sustentei-me algumas semanas tirando cópias de peças e papéis para teatro. Trabalhava com energia, mas a sorte não era constante, e o melhor dos anos gastei numa luta áspera e desigual. Mas, havia uma compensação, a mais doce de todas: era o amor e o contentamento de Ângela, a igualdade do ânimo com que ela encarava todas as mudanças. Pouco tempo depois da nossa fuga, havia outra compensação mais: era Helena. Essa menina nasceu em um dos momentos mais tristes da minha vida. Os primeiros alimentos da mãe foram obtidos pelo favor de uma mulher da vizinhança. Mas nasceu em boa hora, e foi um laço a mais que nos prendeu um ao outro. A presença de um ente novo, sangue do meu sangue, me fez redobrar de energia. Trabalhava com alma, lutava com determinação contra todas as forças contrárias, certo de encontrar à noite o carinho da mãe e as carícias inocentes da filha. Os senhores não são pais; não podem avaliar a força que possui o sorriso de uma filha para pôr fim a todas as tristezas acumuladas na cabeça de um homem. Muitas vezes, quando o trabalho me tomava parte da noite, e eu, apesar de forte, me sentia cansado, me levantava, ia ao berço de Helena, olhava pra



ela por um instante e parecia renovar as forças. Se o próprio berço era obra de minhas mãos! Eu mesmo Fabriquei-o de alguns pedaços de pinho velho; obra grosseira e simples; servia para adormecer metade da minha felicidade na terra.

Salvador se interrompeu comovido.

— Me perdoem, continuou ele, depois de alguns instantes, se estas lembranças abalam meu coração. Eu era pobre, tão pobre como hoje. Desse tempo só resta um eco doloroso e consolador. Helena crescia e cresciam suas graças. Era o encanto e a esperança da minha hospedaria. Quando pôde aprender as primeiras letras, lhe dei as primeiras lições; assisti de boca aberta ao início daquela inteligência que os senhores veem hoje tão desenvolvida e lúcida. Aprendia com facilidade, porque estudava com amor. Ângela e eu construíamos os mais lindos castelos do mundo. Nós a víamos já mulher, formosa como viria a ser, porque ela já era inteligente e repleta de qualidades, e seria esposa de algum homem que a adorasse e fizesse crescer mais. Nós vivíamos dessa antecipação, que era apenas um sonho, e não sentíamos os golpes do destino.

— Por que razão, perguntou Melchior, com todo esse amor e tendo nascido uma filha, o senhor não legalizou a situação em que se achavam?

— A curiosidade é justa, respondeu Salvador, mas a resposta é decisiva. Casar era a nossa justificação; era um argumento contra o ressentimento de meu pai. Nos primeiros dias da nossa fuga do Rio Grande, a própria embriaguez da felicidade desviou qualquer **ideia** de santificar e legalizar uma união permitida pela natureza. Depois vieram os trabalhos e as necessidades. Como eu tinha certeza de não fugir ao dever que tomara em meus ombros, eu adia tal ato de mês para mês, de ano para ano. Afinal o projeto foi arruinado totalmente. Nós estávamos ligados pela miséria e pelo coração, não queríamos o respeito da sociedade; triste desculpa; e ainda mais triste recordação, porque o casamento teria talvez impedido os acontecimentos posteriores. Helena tinha seis anos. Minha sorte, adversa sempre, com pequenos intervalos favoráveis, parecia abrandar um pouco. Eu ia iniciar um novo meio de vida, quando uma circuns-

tância grave me chamou ao Rio Grande. Meu pai tinha adoecido; mandava-me o seu perdão, ordenando que eu fosse vê-lo sem demora. Obedeci prontamente. Do dinheiro que ele me mandou para as despesas de viagem e outras, deixei algum para Ângela e Helena, e parti. Vinte e quatro horas depois de ter visto meu pai experimentei a dor de perdê-lo. A resolução do inventário foi curta; todos os bens ficaram pertencendo aqueles a quem meu pai devia; ficou pra mim pouquíssimo dinheiro. Recebi esse golpe novo com a filosofia da insensibilidade. Quem sabe se não era eu o culpado do acontecimento? Os negócios que eu tinha, entretanto, apesar de curtos, duravam mais do que eu pretendia e aproveitava. A ânsia de voltar cresceu desde que não recebi a resposta das últimas cartas que escrevi para Ângela. Enfim, pude regressar ao Rio de Janeiro com um luto a mais e uma esperança a menos. Neste ponto entra a pessoa de seu pai.

Estácio desviou os olhos.

— Logo que cheguei, continuou Salvador, corri à casa; encontrei ela fechada. Um vizinho, testemunha da minha aflição, me contou que Ângela tinha se mudado para S. Cristóvão. Não sabia nem o número nem a rua; mas me deu algumas indicações que me guiaram. Ainda hoje tenho diante dos olhos o sorriso com que aquele homem me respondia. Era um sorrir de compaixão que humilhava. Sem nunca haver recebido de mim a menor ofensa, vejo que ele tinha um prazer secreto com o meu sofrimento. Por quê? Deixo aos filósofos decifrarem esse enigma da natureza humana. Fui correndo para S. Cristóvão; demorei pra encontrar a casa, mas encontrei. Quando vi a casa, duvidei dos meus olhos ou das indicações. Era uma casa elegante, escondida entre árvores, no meio de um pequeno jardim. Podia ser aquela a residência da companheira de minha miséria? Com medo de bater, vi aparecer no portão um homem, que me pareceu ser o jardineiro. Perguntei pela dona da casa, a quem dei o seu próprio nome, dizendo que eu desejava falar com ela. “A senhora saiu”, respondeu ele distraidamente. Prontifiquei-me a esperar, mas o jardineiro me disse que iria sair e trancar o portão, e que a senhora só voltaria à noite. “Eu vou esperar até à noite”, respondi. O jardineiro me olhou dos pés à cabeça, olhou cuidadosamente para a rua e me

disse baixinho: “Eu aconselho ao senhor que não volte; o patrão não vai gostar”. Não escrevo um romance; por isso me dispense de escrever o efeito que essas palavras produziram em mim. O que senti vai além de toda a descrição. Há catástrofes mais formais, há situações mais ridículas; mas naquela ocasião me parecia que todas as dores do mundo tinham convergido para meu coração. O jardineiro era verdadeiramente bondoso; lendo em meu rosto o efeito de suas palavras, me disse alguma coisa de que absolutamente não me lembro. Convidou-me com delicadeza a sair; obedeci automaticamente. Mesmo podendo me informar sobre Ângela, não me informei. A febre me deixou de cama por três dias, numa pobre cama alugada em péssima hospedagem da Cidade Nova. No terceiro dia recebi uma carta de Ângela. Pedia-me que lhe perdoasse o que tinha feito; que uma paixão nova e delirante a havia guiado, e que, se viesse a se arrepender, seria essa a minha vingança. Quando li a carta, tive o impulso de ir falar com ela e esganá-la; mas o impulso passou, e a dor se desfez em reflexões. Poucos dias antes, a bordo, um engenheiro inglês que vinha do Rio Grande para esta cidade, me emprestou um livro incompleto de Shakespeare. Eu sabia apenas um pouco do inglês que tinha aprendido; fui soletrando como pude, e uma frase que ali achei me fez estremecer, na ocasião, como uma profecia; lembrei-me dela depois, quando Ângela me escreveu. “Ela enganou seu pai, diz Brabantio a Otelo, há de enganar-te a ti também.” Era justo; pelo menos, era explicável. Dois dias depois da carta de Ângela, escrevi pra ela pedindo meia hora de conversação; nada mais. Ângela me concedeu o encontro. Meu plano era tomar Helena dela; ela parece que previu isso, me recebendo sozinha, no jardim, às nove horas da noite.

— Por que razão o senhor relembra todos esses detalhes? Interrompeu Melchior educadamente; nós desejamos somente saber o essencial.

— Tudo é essencial no que estou contando, disse Salvador. Aquele encontro me mostrou claramente o caráter de Ângela. Que outra mulher se arriscaria, em tais circunstâncias, a afrontar a ira do homem desprezado? Ângela era um complexo de qualidades únicas. Ela era capaz de suportar as maiores angústias, forte e

risonha no meio das maiores privações. Esqueceu num instante as virtudes que tinha para correr atrás de uma fantasia de amor. Não foi a riqueza que a seduziu; ela iria fazer o que fez, ainda que tivesse de trocar a riqueza pela miséria. Ângela nasceu metade freira e metade bailarina; capaz do rigor de um mosteiro, e não menos do luxo do palco. E daí... Não fui eu mesmo que a desviei da estrada real para metê-la por um atalho duvidoso? Eu disse a ela naquela noite em que procurei ser **tranquilo** e superior aos acontecimentos. “Minha intenção, declarei, é só uma: levar Helena; Helena é minha filha, não quero deixá-la entregue a seus maus exemplos.” As lágrimas com que me molhou as mãos, os clamores que me fez, ajoelhada aos meus pés, para que deixasse Helena com ela, não há como negar que foi tudo sincero. Cedi aparentemente. Minha decisão estava tomada; sem Helena, a vida parecia impossível para mim. Que outro vínculo me prendia ao mundo? A morte e a miséria tinham feito ao meu redor completa solidão. A única felicidade sobrevivente era ela.

— Segunda transgressão, observou o padre. O senhor se condenava a só adquirir um vestígio de felicidade por meios violentos.

— Tem razão, respondeu Salvador com tristeza; um abismo chamava outro abismo. Felizes os que sabem o caminho reto da vida e nunca se distanciam dele! Eu quis tomar Helena; vigiei-a noite e dia. Não a via nunca; a própria casa dificilmente tinha uma porta ou janela aberta. Estavam ali a discrição e o mistério. Um dia resolvi conversar com a segurança de Ângela. A notícia que me deram do Conselheiro Vale era a mais honrosa do mundo. Deduzi que ele me ouviria e cederia aos meus justos desejos. O demônio do orgulho impediu a execução do plano. Quando estava prestes a entrar na casa do conselheiro, recuei. Passaram-se assim cerca de dois meses. Emagreci; as longas noites de sono me tornaram pálido; o trabalho não me atraía; cheguei a passar fome. O poeta que disse que a saudade é um estímulo delicioso, não consultou meu coração. Acho que ele estava angustiado; é certo que à saudade se misturava a raiva, a raiva da impotência e o desgosto mortal do abandono. Um dia, me dirigi para S. Cristóvão, disposto a empregar a violência, desde que trouxesse

Helena ou fosse dali para a cadeia. Era à tardinha. Me aproximei do jardim de Ângela, ouvi a voz de minha filha. Era a primeira vez depois de longos meses! Fiquei sem uma gota de sangue. Passado o primeiro abalo, caminhei cuidadosamente, encostado no muro; Helena falava com alguém. Por uma brecha do muro, pude espí-la. Estava no colo de um homem. Esse homem era o conselheiro. Olhei para um e outro; ora para o meu rival, ora para a minha Helena. Helena acariciava as barbas dele; este sorria para ela com um ar de ternura, que o absolvía quase da ofensa que havia feito a mim. Senti o coração apertado, ao ver Helena dar a outros os carinhos aos quais só eu tinha direito. Era um roubo feito à natureza; mas, se meu próprio sangue me abandonava, o que eu podia exigir dos corações dos outros? Daí a algum tempo, — não sei se foi curto ou longo, porque eu fiquei olhando para os dois, espantado de amor e de raiva, ouvi que falavam de mim. “Mas, olhe, dizia Helena, quando papai volta?” O conselheiro deu um beijo na menina, e falou de uma borboleta que nesse momento voava sobre a cabeça dela. As crianças, porém, não esquecem; ela repetiu a pergunta. “Papai não vai voltar”, respondeu o conselheiro. Helena ficou séria. “Não? por quê?” “Sua mamãe disse ontem que papai está no céu.” Helena levou as mãos aos olhos, de onde saíram muitas lágrimas. Uma nuvem passou pelos meus olhos... Tentei dar alguns passos, entrar no jardim, dizer quem era e exigir minha filha de volta. Os músculos não corresponderam à minha intenção; senti uma fraqueza nas pernas; coloquei-me de bruços. Quando dei por mim, voltei de novo os olhos para o lugar onde vi os dois. Eles ainda estavam lá, mas a atitude era diferente. O conselheiro se levantou, tendo nos braços Helena, que já não chorava. Ele beijava suas mãozinhas e dizia: “Se papai foi para o céu, eu fiquei no lugar dele, para te dar muito beijo, muito doce e muita boneca. Você quer ser minha filha?” A resposta de Helena foi a do náufrago; estendeu-lhe os braços em volta do pescoço, como se dissesse: “Se não tenho ninguém mais no mundo!” O gesto foi tão expressivo que eu vi borbulhar uma lágrima nos olhos do conselheiro. Essa lágrima decidiu o meu destino; vi que ele amava a Helena, e de todos os sacrifícios que o coração humano pode fazer, aceitei o maior e mais doloroso: eliminei a

Helena

minha paternidade, desisti da única herança que tinha na terra, força da minha juventude, consolo de minha miséria, coroa de minha velhice, e voltei a ser solitário e abatido como nunca!

Salvador interrompeu a narração; levou a mão direita aos olhos; por entre seus dedos escorreram algumas lágrimas, que ele, envergonhado, enxugou rapidamente.

— Essas recordações são penosas, disse o padre; não convém despertá-las de uma vez; seria abrir feridas que o tempo cicatrizou. Sabemos o essencial...

— Não, tem mais uma coisa, disse Salvador.

Estácio levantou-se. Visivelmente comovido, procurava lutar contra o sentimento que o dominava, a fim de conservar a necessária independência de espírito para julgar a narrativa e o alcance que ela podia ter. Tinha, sem querer, apertado a mão de Salvador, ao escutar as últimas palavras; e se arrependeu desse primeiro movimento, que podia parecer um perdão absoluto. A verdade é que ele não refletia nem sentia claramente, a mente e o coração eram um campo de ideias e emoções contrárias.

— Vou acabar, disse Salvador, depois de alguns minutos. Resta explicar o que fez Helena.

## Capítulo XXVI

— Seu pai, continuou Salvador se dirigindo a Estácio, que, para acabar de recompor o rosto, tinha ido até à janela e voltara a se sentar, — seu pai era honrado e cavalheiro. Tirando Ângela de mim, não me traiu, porque nunca tinha me visto; não contribuiu diretamente para a traição dela, porque supunha que nós tínhamos nos separado. Eu soube depois que Ângela, quando eles se apaixonaram um pelo outro, lhe escondera completamente o motivo da minha viagem; se considerava separada de mim. Mentiu como mentiu mais tarde, dizendo que eu havia morrido. O conselheiro não sabia sequer o meu nome. A mentira no primeiro caso não teve objetivo nenhum; não houve premeditação; foi um gesto de amor ou um esquecimento; foi, talvez, um modo de me respeitar; no segundo caso, houve premeditação: era o de redobrar o afeto que o conselheiro tinha por Helena.

Assim aconteceu, porque o conselheiro se sentiu pai de Helena, e assumiu esse caráter desde aquela tarde. Do contrato, feito ali entre o homem e a criança, ele cumpriu todas as cláusulas com nobre pontualidade. Pode crer que fiquei profundamente grato a ele. Uma vez, quando eu passava por uma oficina de litografia, vi um retrato dele; comprei e tenho até hoje ao lado do de Helena.

Melchior e Estácio olharam para a parede, onde estavam pendurados dois quadrinhos, ainda cobertos, conforme Estácio tinha visto, no primeiro dia em que foi ali.

— Os meses e os anos passaram, continuou Salvador. Helena começou a estudar em um colégio de Botafogo, onde recebeu uma boa educação. O conselheiro a matriculou ali, dizendo se tratar de uma órfã de um amigo de Minas; Ângela, que se apresentou como sua tia, ia buscá-la aos sábados. Estou deixando de conta milhares de circunstâncias intermediárias, e às vezes, poucas, em que pude ver minha filha, de passagem e às escondidas. Se o tempo tivesse produzido em mim os seus naturais efeitos, se a natureza não se ajustasse em fazer contraste com a sorte, me conservando o vigor e a vitalidade da mocidade, é possível que eu achasse um meio de me empregar no colégio ou nas imediações, a fim de ver mais **frequentemente** Helena. Mas eu era o mesmo; passado o primeiro abalo, voltaram-me as carnes, voltou-me a cor, e eu era o mesmo que antes de partir para o Rio Grande. Helena podia me reconhecer; e eu faltava à convenção tácita que fizera com o conselheiro. Um sábado, porém, Helena tinha doze anos, vindo ambas do colégio, parou o carro defronte do Passeio Público. Vi-as descer e entrar. Levado por um impulso irresistível entrei também. Queria olhá-las de longe, sem falar com elas; mas a resolução estava acima das minhas forças. Que pai não faria da mesma forma? No lugar mais solitário do Passeio, corri para Helena. Quando a menina me viu, pareceu não me reconhecer logo; mas tentou um pouco, recuou assustada e se agarrou à mãe, abraçando-a pela cintura. Reconheci que não estava ali um pai, mas um fantasma que regressava do outro mundo. Ia me afastar, quando ouvi a voz de Helena perguntar à mãe: “Papai?” Dei meia-volta. Ângela cobriu o rosto da

criança entre o vestido. O gesto equivalia a uma confissão; mas esta foi ainda mais clara quando a mãe, cedendo à boa parte da sua natureza, se levantou decidida, descobriu o rosto da filha, deu-lhe um beijo na testa, olhou pra trás e fez com a cabeça um gesto afirmativo. A menina não exigiu mais; correu para mim e se atirou nos meus braços. Ângela não se atreveu a impedir o movimento da filha; o passado e o sacrifício falavam em meu favor. Abracei Helena e a beijei como doido. Ângela interveio: “Basta!” disse ela. Pegou na mão da filha e estendeu-me a sua. Apertei-a automaticamente; meus olhos estavam pregados na criança. Era tão gentil, com o vestido rico que usava, os cabelos enlaçados com fitas azuis, um chapeuzinho de palha e os pezinhos calçados com botinhas de seda! “Você fez bem, disse eu a Ângela, depois de alguns instantes; deu-lhe um pai melhor do que eu.” Reparei então que ela própria se transformara; se trajava com elegância e estava muito mais bela. A fartura aperfeiçoara a natureza. Olhei pra ela sem inveja nem raiva, — mas com saudade, — dessa vez deliciosa, porque relembrei os bons tempos da nossa embriaguez e loucura. O passado é um patrimônio para os que já não esperam nada do presente ou do futuro; há nele sensações vivas que preenchem os espaços de todo o tempo. “Você fez mal”, ela me disse baixinho. E suspirou. “Sei que morri, eu disse, e não pretendo ressuscitar.” Depois me voltei para Helena: — “Minha filha, faça de conta que não me viu; morri para você e para o mundo. Teu pai é outro. Promete-me que não vai dizer nada?” Helena fez um leve sinal de cabeça e me beijou a mão sem que eu esperasse, como se não quisesse ser vista por Ângela. Nesse simples gesto reconheci que ela ia me obedecer; mas a tristeza que sobrou pra ela, foi o castigo de sua mãe. Nós pedíamos à natureza mais do que ela podia dar.

Salvador fez uma pausa, se levantou, foi à cômoda, e de uma das gavetas tirou uma caixinha, que colocou sobre a mesa. Melchior e Estácio trocaram um olhar de curiosidade. Salvador se sentou de novo.

— Ângela morreu, prosseguiu ele, daí a um ano. Seu pai e alguns amigos, poucos, foram ao enterro. Eu também fui. A diferença é que ele enterrava uma aventura, e enterrava o meu

passado. Eu vi que ele estava triste e calado, como sinceramente com saudade da criatura que perdera. Helena, entretanto, não podendo estar só na mesma casa, foi internada no colégio, onde ficou residindo definitivamente. O conselheiro ia visitá-la todas as semanas. Pela minha parte, certo da discrição de minha filha, comecei a me corresponder com ela, o que era toda a consolação que eu podia ter. Uma escrava do colégio servia de intermediária entre nós. Então como hoje, achei uma alma bondosa que me ajudou a ser feliz em segredo; a diferença é que naquele tempo eu precisei gastar algum dinheiro pra que ela não abrisse a boca. Eu tinha pouco, mas dava o jantar de um dia para ler cartas de Helena. Guardei todas as cartas, tanto as mais antigas quanto as mais recentes, destes últimos meses; estão fechadas aqui.

Salvador mostrou a caixinha que colocou sobre a mesa.

— Um dia, almoçando em um botequim, li a notícia da morte do conselheiro. O fato me entristeceu; mas eu peço licença para contar tudo a vocês: envolvido num sentimento de dor, houve em mim alguma coisa semelhante a uma satisfação. Enfim eu respirava! O contrato terminava com a morte do conselheiro; eu teria novamente a guarda de minha filha. Não escrevi logo para Helena; Só fiz isso depois de alguns dias. Tive duas respostas: a primeira era no sentido da minha carta; a segunda me anunciava que o conselheiro a reconhecera como filha no testamento. Eu poderia procurar e ler pra vocês a segunda carta: é um documento da elevação dos sentimentos daquela menina. Ela se expressava com a maior gratidão e saudade a respeito do conselheiro; mas se negava a aceitar o favor que o mesmo a fizera após a morte. Sabendo a verdade, não queria escondê-la ao mundo. Aceitando o reconhecimento, entendia que prejudicava direitos de outras pessoas, além de me repreender formalmente, o que não queria fazer desde que adquiria a liberdade de ação. Entre a herança e o dever, dizia ela, escolho o que é honesto, justo e natural. Esta carta me tirou o sono por uma noite inteira, sem saber o que fazer, como fiquei entre o ato do falecido e a resolução da herdeira. Que mão invisível tocara no coração do conselheiro essa corda de sensibilidade? Melhor seria que ele tivesse traduzido em uma simples lembrança a afeição que tinha por Helena. Eu refleti nisso

por um longo tempo; o pai lutava com o pai. Tê-la comigo era a minha sorte, o meu sonho, a minha ambição; era a realidade que eu chegara a tocar com as mãos. Mas, será que eu não iria arruinar a vida dela, já que eu não tinha muitas posses, dando-lhe o pão amargo de todos os dias? A família do conselheiro ia financiar o futuro dela, respeito, prestígio; a lei ia ampará-la. Perguntei a mim mesmo se, depois de haver morrido para o mundo, era ético que eu ressuscitasse para reclamar e reaver um título de que me havia deixado retirar; finalmente, se eu tinha o direito de fazer um escândalo. Estas reflexões se viessem sozinhas, teriam vencido logo; mas, em oposição a elas, vieram as sugestões do coração. Disse a mim mesmo que, cedendo à vontade do morto, cavaria um abismo entre mim e Helena, e que não mais, ou só raramente e às escondidas, eu poderia desfrutar a felicidade de lhe dizer que a amava, de ouvir a mesma palavra de seu coração. Nessa luta gastei três longos dias. Helena me escreveu outra carta, insistindo na resolução que dizia haver tomado. Na pressa em **responder-lhe**, fiz isso me sacrificando. Não a convenci. Procurei ter um encontro com ela. Não era fácil; mas o interesse venceu tudo; a escrava intermediária aumentou o preço do silêncio. Não posso repetir agora o que se passou entre nós; o tempo do encontro era curto, mas a luta foi sangrenta e longa. Busquei convencê-la com reflexões e pedidos desesperados; ela resistiu com raiva e lágrimas. A nobre alma rejeitava a cumplicidade e o lucro de uma posse do que não é seu. Eu não via dessa forma, porque aos meus olhos nem os interesses da família do conselheiro, nem as noções da simples moral prevaleciam; eu via minha filha e seu futuro: nada mais. Talvez os culpados desse meu proceder fossem somente Ângela e seu benfeitor. Eles me acostumaram a amá-la de longe, a não disputar com outro o benefício que ela recebia. Enfim, meu coração, egoísta e ferido, entendia que o reconhecimento daquela pobre criança era o simples retorno das carícias de que eu havia sido impedido de aproveitar; tais foram os motivos da minha consciência. Helena resistiu até à última; cedeu somente à necessidade da obediência, à imagem de sua mãe que eu implorei, como um grande esforço, com a garantia que lhe dei de que a acompanharia sempre, de que iria viver perto dela, onde

quer que o destino a levasse; cedeu cansada, sem estar certa de fazer o correto nem com determinação. Se nesse ato decisivo de Helena há culpa, é toda minha, porque eu fui o único autor; ela não passou de simples instrumento, instrumento rebelde e sem iniciativa. O erro dela foi não ter a prudência necessária para não ultrapassar o abismo que nos separava. Eu devia contar com as resoluções súbitas e prontas dessa menina; nisso ela puxara à sua mãe. Eu mandando dizer a ela, com as indicações precisas, onde eu morava. Estava longe de esperar que ela viesse me ver. A princípio fiquei assustado com as possíveis **consequências**; mas se o homem se habitua ao mal e à dor, por que se não há de acostumar ao prazer e ao bem? Helena veio mais vezes; o gosto de vê-la me fez esquecer o perigo, e eu bebi, em poucos e escassos momentos, a única felicidade que me restava na terra, a de ser pai e a de me sentir amado por minha filha.

## Capítulo XXVII

Acabou; grossas lágrimas, presas a muito enfim desceram dos seus olhos e rolaram pelo rosto abaixo do homem que contava a história. A comoção não ficou só nele; os dois ouvintes sentiram também. Acabou; e o pior que podia acontecer, era isso mesmo. Uma vez terminada a narração, ficaram os dois calados e perplexos, sem que ousassem contradizê-lo. Depois de uma curta pausa, Salvador falou assim:

— De tudo o que disse a você não tenho outras provas além destas cartas, que seriam bastantes e de minhas lágrimas, que serão eternas. Mas, ainda que haja outras, creio que não serão precisas. Na situação em que estamos só há duas soluções possíveis; ou nada se altera do que o conselheiro determinou no testamento, e somente eu carregarei as **consequências** da sorte, desaparecendo; ou a família rejeita Helena, e eu a levarei comigo. Se dirá que a lei a protege a todo custo? Pois ela assinará todas as desistências necessárias.

Estácio interrompeu-o, dizendo que no momento certo lhe dariam resposta. Saíram logo depois; não trocaram uma só palavra; cada um deles ia distraído. Contudo, o padre observava



de vez em quando o sobrinho de D. Úrsula, buscando adivinhar os seus pensamentos.

Chegando à porta da chácara, o padre perguntou ao moço:

— O que você pretende fazer?

— Não sei ainda.

— Eu sei o que você deve fazer: nada.

— E manter esta situação?

— Com certeza. Helena obedeceu à vontade de seus dois pais, aceitando o engano em que ambos a colocaram. Obedeceu à força. Agora, está reconhecida; é um fato que não podemos discutir nem alterar.

Estácio ficou em silêncio alguns instantes.

— Mas, eu posso, tendo em vista o que acabamos de ouvir, conservar a Helena um título que rigorosamente não lhe pertence? Helena não é minha irmã; é absolutamente estranha à nossa família; o título que nos ligava, desapareceu. Por que motivo nós continuaríamos nesta farsa.

— De seu pai? Interveio Melchior.

— Padre-mestre!

— Aquele homem falou a verdade; mas nem a lei nem a Igreja se contentam com essa simples verdade. Em oposição a ela, há a última declaração de um morto. A justiça civil exige mais do que palavras e lágrimas; a justiça da Igreja não extingue, com um traço de caneta, a afirmação pós-morte. No mais, não espere que esse homem repita perante ninguém as declarações de agora há pouco; só fará isso quando perder a última esperança. É evidente que ele não quer alterar nada do que seu pai estabeleceu, e antes se sacrificará do que envergonhará a filha. Você está disposto a fazer o que ele recusa?

Estácio não respondeu; tinham entrado na chácara, e caminhavam lentamente na direção da casa. Melchior parou-o.

— Estácio! Disse o padre, depois de olhar para ele um instante. Compreendo! Você quer retirar de Helena o título que seu pai lhe deixou, para lhe dar outro, e ligá-la à sua família por um vínculo diferente.

Estácio fez um gesto como protestando.

— Você esquece duas coisas graves: o escândalo e o ca-

samento de um e outro; você já não se pertence, nem ela se pertence a si. Vamos lá; seja homem. Sepultemos tudo quanto se passou no mais profundo silêncio, e a situação de ontem será a mesma de amanhã.

Quando Estácio e Melchior entraram em casa, D. Úrsula já sabia de tudo; conseguiu desatar a língua de Helena. Abatida com a leitura da carta, não ficou animada com a narração verbal da moça; preferia talvez que Helena fosse verdadeiramente filha do conselheiro. Alguns meses de espaço e a convivência afetuosa produziram a diferença de sentimento entre o primeiro e o último dia.

— Nada podemos fazer agora, disse o padre; provocaríamos um escândalo sem esperança do resultado.

D. Úrsula fez um gesto de consentimento. Chamada a ouvi-los, Helena desceu em alguns minutos. A cor da vergonha pintou-lhe a face; logo que ela viu Estácio, que a esperava, ao lado de Melchior, ambos calados, mas sem nenhuma demonstração de irritação. Após um silêncio longo e abafado, Estácio comunicou a Helena a resolução da família e seus sentimentos de generosidade e confiança; concluiu dizendo que, sobre todas as coisas, prevalecia a última vontade de seu pai. Helena empalideceu e fechou os olhos; D. Úrsula correu para ampará-la. O organismo debilitado pelas noites de sono e as emoções das últimas horas não pôde resistir; mas o mal-estar foi leve e curto. Voltando a si, Helena beijou ardentemente as mãos de D. Úrsula e as do padre, estendeu a sua a Estácio, que a apertou; depois, com voz trêmula, disse:

— Meu coração ficará eternamente grato ao resto de estima que não perdi; a situação mudou, e força com que eu mude com ela. Não quero a proteção da lei, nem poderia receber a benevolência de corações amigos. Cometi um erro, e devo repará-lo. Enquanto a vergonha vivia só comigo, era possível continuar nesta casa; eu me atordoava para esquecê-la; mas agora que é pública, vou vê-la nos olhos de todos e no sorriso de cada um. Peço a vocês que me perdoem e me deixem ir! Não deveria ter entrado, é certo. Reparo a fraqueza de um coração que eu me habituara a amar de longe, com o prestígio do mistério e o encanto do fruto proibido. De hoje em diante, vou amá-los de

longe ou de perto, mas como uma estranha... e perdoada!

Dizendo isto, Helena abraçou D. Úrsula, como se pedisse o benefício da sua intervenção.

D. Úrsula abraçou-a igualmente, mas fez com a cabeça um gesto negativo. Melchior observou que a repulsa era pelo menos um sintoma de desprendimento pouco explicável em relação à família que, em que pesem os últimos acontecimentos, não lhe retirou a estima nem a proteção.

— Herdou o orgulho do pai! Murmurou Estácio.

A frase foi dita em voz baixa, mas Helena ouviu, e seus olhos brilharam de momentânea satisfação. Atribuir a orgulho o que era vergonha e remorso, dava-lhe certa superioridade que a moça julgava não ter naquele lance. Protestou em favor de seus sentimentos de gratidão, com a palavra viva, animada, cordial que todos três lhe conheciam, interrompida a intervalos pela comoção interior, e pelas lágrimas que lhe escorriam dos olhos, quase exaustos de chorar. Estácio pôs fim a todas as hesitações.

— Pois bem, disse ele, será isso o que vai acontecer; a lei é por nós; e nossa vontade é que nos obedeça.

Helena mordeu o lábio com desespero, mas não respondeu. A cabeça caiu lentamente como ao peso de uma **ideia**, a mais e mais opressora. Depois, ergueu-a; os olhos tristes, mas animados dos últimos raios de uma esperança, dirigiram-se para os de Estácio, que nessa ocasião pareciam falar as dores todas da paixão sufocada e rebelde. Ambos eles os baixaram à terra, medrosos de si mesmos.

— Não creio que ela aceite facilmente a sua decisão, disse Melchior a Estácio, logo que pôde achar-se só com ele. Tenha cuidado; é capaz de fugir da gente.

— Você acredita?

— Você não conhece ela ainda? A posição em que estes acontecimentos a deixaram, causa nela repulsa mais que tudo. Prefere a miséria à vergonha, e a **ideia** de que interiormente não a absolvemos, é o verme que lhe fica no coração.

De noite, recebeu Estácio uma carta de Salvador, acompanhada de um pacote. “Refleti muito durante estas duas horas, dizia ele, e cheguei a uma conclusão. Elimino-me. É o meio de

conservar a Helena a consideração e o futuro que lhe não posso dar. Quando esta carta lhe chegar às mãos, terei desaparecido para sempre. Não me procure, porque é inútil. Irei abençoá-lo de longe. Reçaia, entretanto, sobre mim todo o ressentimento; eu só o mereço, porque só eu o provoquei. Envio as cartas de Helena; guardo três apenas, como recordação da felicidade que perdi.”

Estácio teve vontade de ler as cartas de Helena, mas a tempo recuou; mandou entregá-las à moça. Helena, que estava com D. Úrsula, entregou as cartas a esta.

— São a minha história, disse ela; peço-lhe que as leia e me julgue.

Havia em seus olhos uma expressão que não era normal. Recolheu-se imediatamente a seu quarto, onde permaneceu longo tempo, calada, quieta, sombria, o corpo atirado em um sofá, a alma sabe Deus em que regiões de infinito desespero.

## Capítulo XXVIII

Naquela noite, a segunda de tão extraordinários acontecimentos, foi que Estácio sentiu toda a violência do amor que Helena lhe inspirara. Enquanto os detinha um vínculo sagrado, amara sem consciência; e ainda depois de esclarecido pelo padre, o esforço empregado em vencer-se e a própria natureza da catástrofe não lhe permitiram ver a extensão do mal. Agora, sim; rompido o vínculo, restituída a verdade, ele conhecia que a voz da natureza, mais sincera e forte que as combinações sociais, os chamavam um para o outro, e que a mulher destinada a amá-lo e ser amada era justamente a única que as leis sociais lhe proibiam possuir.

Durante as primeiras horas o coração mordeu rebelde o freio da necessidade. A vigília foi longa e crua; e a reflexão veio enfim dominar a tempestade interior, ou antes, iluminar seus destroços. Ele viu que o padre tinha razão; que era força desfolhar a esperança de um dia. Ao mesmo tempo, o exemplo de Helena deu-lhe ânimo. Senhora do segredo de seu nascimento, e consciente de amar sem crime, a moça apressara, não obstante, o casamento de Estácio e escolhera para si um noivo estimado



apenas. Se uma vez a palavra delatora lhe rompeu dos lábios, ela a retraiu logo, fazendo o mais oculto dos sacrifícios.

Não quis Estácio ser menos generoso. Logo de manhã escreveu a Mendonça, pedindo-lhe que não deixasse de **visita-los** nesse dia. Não o fez sem custo, mas sem arrependimento. Tinha por finalidade apressar o casamento de Helena e o seu, condenando-se a sofrer calado os golpes do avesso destino.

A manhã, entretanto não trouxe a Helena o esquecimento e a paz. A noite não lhe serviu de remédio, antes deixou ao nascer do sol toda a sua mortal angústia. Debilitada, nervosa, impaciente, não podia a moça se vencer nem se suportar. Ora, repelia com indiferença as boas palavras de D. Úrsula; ora, pedia intercedesse com Estácio para a resolução que ela admitia como único meio de poupá-la da vergonha. A excitação moral era grande; cumpria aquietá-la por meios persuasivos. Helena fugia a todos; não encarava Estácio e D. Úrsula, sem que o pudor lhe colorisse a face, mudança tanto mais visível quanto que a vigília e a dor a tinham empalidecido muito. Diziam-lhe que a vontade do conselheiro estabeleceu uma lei na família, segundo a qual ela continuava a ser parenta como dantes, e tão amada como era. A moça agradecia a generosidade, mas não podia fugir à **ideia** de haver contribuído para uma usurpação. Queria que a deixassem ir encontrar-se com o pai, ao pé de quem a natureza e a consciência lhe indicavam que poderia estar sem remorso. Estácio e D. Úrsula respondiam-lhe com afagos e protestos; mas quando viram que estes eram inúteis, não houve mais que revelar-lhe a carta de Salvador.

O Padre Melchior se incumbiu de lhe fazer essa delicada comunicação.

— Seu pai, disse ele, praticou em seu favor um ato **heroico**; fugiu para não fazer você perder a consideração e o futuro. Leia esta carta, e veja se ela lhe dá a força necessária para resistir.

Helena pegou na carta com ansiedade, leu-a de um lance d'olhos. O gemido que lhe rompeu do coração mostrou bem a ferida que acabava de receber. O padre acolheu-a lacrimosa e esvaecida em seus braços; disse-lhe palavras de conforto e de esperança. Nos primeiros minutos, Helena nada pôde ouvir; o

golpe ensurdecera a alma. Melchior a fez sentar ao pé de si; ela obedeceu sem consciência. Após alguns minutos de silêncio e concentração, a moça dirigiu a palavra ao padre e agradeceu a caridade. Depois contou os acontecimentos de sua infância, os mesmos que o capelão ouvira. A astúcia natural do espírito cedo lhe fizera ver que a posição de sua mãe não era a mesma das outras mães: essa descoberta, porém, não teve outra virtude mais que comunicar ao amor de filha uma intensidade e energia capazes de afrontar os mais fortes obstáculos, como se ela quisesse reunir em si toda a soma de afetos e respeitos que a sociedade afiança às situações regulares. Melchior ouviu-a comovido; nutrido da medula do Evangelho, reconheceu um efeito da graça divina nesse amor imaculado, que valia por todas as absolvições da terra. Ele a aplaudiu e confortou; falou-lhe do futuro, do carinho de sua família, — sua, a despeito de tudo; enfim da obrigação em que ela estava de corresponder a tanta confiança.

Talvez Helena, em sua razão, correspondesse aos conselhos de Melchior; mas a razão é o que menos a dirigia naquelas circunstâncias aflitivas. Ela deixou o padre para recolher-se aos aposentos. Quando D. Úrsula foi vê-la, meia hora depois, encontrou-a profundamente abatida; a violência da crise passara. A linguagem que lhe falou foi maternal, cheia de amor e perdão; Helena ouviu-a agradecida, mas um sorriso descorado e sem convicção lhe entreabria os lábios. Supunha ler piedade onde havia afeto e respeito, e o orgulho rebelava-se de inspirar o único sentimento que a consciência lhe dizia merecer.

Os pedidos de D. Úrsula para que Helena se alimentasse foram inúteis; ela apenas recebia o que bastava para não sucumbir à fome. A companhia causava-lhe repulsa; assim, poucas vezes a viram desde os dias que se seguiram aquela triste manhã. Mendonça não conseguiu mais do que os outros. A família teve o cuidado de anunciar que Helena se achava doente. A aflição do noivo foi grande; mas todos buscaram **tranquilizá-lo**. Nada havendo transpirado do acontecimento, fácil foi sustentar aquela explicação.

Melchior encomendara muito à família que vigiasse a moça, cujo espírito lhe parecia atrevido e teimoso; ele receava que Helena ou fugisse de casa, ou recorresse a algum ato de

desespero. O mesmo padre desvelou-se em trazer a alma de Helena ao sentimento da resignação. A autoridade do caráter religioso, a influência que ele tinha no espírito de Helena, eram armas poderosas, temperadas com o amor verdadeiro e paternal que o ligava à donzela. Nada poupou; mas tais esforços não tiveram mais fruto que os da família. Helena mal podia tolerar a situação.

Uma vez, como ela descesse à chácara, Estácio foi **procurá-la**, não a encontrando senão depois de alguns minutos. Achou ela ao pé do tanque, no lugar em que lhe falara poucos dias antes, sentada no mesmo banco de pau. Quando viu o rapaz, estremeceu; ele se aproximou, contente por tê-la encontrado enfim. O dia estava feio; grossas nuvens negras carregavam o ar, indicadoras de temporal próximo. Estácio convidou-a a recolher-se.

— Deixe-me ficar aqui mais um instante, respondeu ela.

— Dois minutos apenas.

Sentou-se ao pé dela e ficaram calados. Helena tinha uma taquara na mão; Estácio quis tomar dela; ela arremessou-a para longe. Levantou-se então o moço e foi buscá-la; só então viu que estava molhada até certa altura; calculou que seria o fundo do tanque. O tanque era raso; não dava pra se afogar; mas, a suspeita de que Helena não recuaria diante do suicídio, atordoou naturalmente o espírito de Estácio. Parecendo-lhe que a causa não comportava o efeito, perguntou a si mesmo se os acontecimentos daqueles dias não teriam enfraquecido o juízo da moça. Sentou-se de novo e falou com brandura.

Ao escutá-lo, sentiu Helena como uma ressurreição de outras horas, que ela julgava perdidas para sempre; um sorriso lhe animou os lábios sem cor, ao passo que os olhos doridos e murchos pareciam reviver de um resto de luz. Estácio falou de si, da tia, do padre e de Mendonça, dos próximos casamentos, da felicidade futura. Depois insistiu com ela para que entrasse. Uma brisa mais forte começava a agitar as árvores, e a tempestade ameaçava cair de repente.

— Ainda não, disse a moça; alguns minutos mais.

— Mas pode adoecer...

— Talvez, se todos quiserem a minha saúde. Há criaturas

tão desgraçadas que aqueles mesmos que as desejam fazer afortunadas não conseguem mais do que lhe preparar a desgraça. Tal foi o meu destino. Seu pai e minha mãe não tiveram outro pensamento; meu próprio pai foi levado pelo mesmo impulso, quando me obrigou a ser cúmplice de uma generosa mentira. Agora mesmo que ele fuja de mim, com a finalidade única de me não tirar a felicidade, me arranca o último recurso em que eu tinha posto a esperança...

— Helena! Interrompeu Estácio.

O último, repetiu a moça.

O sorriso fugira de seu rosto, e o olhar se tornara sem brilho. Estácio teve medo daquela fraqueza e concentração; travou-lhe do braço; a moça estremeceu toda e olhou para ele.

A princípio foi esse olhar um simples encontro; mas, dentro de alguns instantes, seria alguma coisa mais. Era a primeira revelação, silenciosa, mas consciente, do sentimento que os ligava. Nenhum deles procurara esse contato de suas almas, mas nenhum fugiu. O que eles disseram um ao outro, com os simples olhos, não se escreve no papel, não se pode repetir ao ouvido; confissão misteriosa e secreta, feita de um a outro coração, que só ao céu cabia ouvir, porque não eram vozes da terra, nem para a terra as diziam eles. As mãos, de impulso próprio, uniram-se como os olhares; nenhuma vergonha, nenhum receio, nenhuma consideração deteve essa fusão de duas criaturas nascidas para formar uma existência única.

O vento tornara-se mais forte; uma lufada os despertou, em má hora, porque há sonhos que deviam acabar na realidade do outro século. Estácio se levantou; sacudiu valorosamente o torpor da felicidade, e reassumiu o papel que o pai lhe assinara ao pé de Helena. Esta desviou os olhos e cravou-os na água, fascinada e imersa nos seus pensamentos. A **ideia** do suicídio roçaria deveras sua asa invisível pela frente da moça? Estácio foi até ela, pegou-lhe nas mãos e convidou-a a sair dali.

— Entremos, disse ele pela terceira vez, vai chover.

Helena se deixou levantar; um calafrio percorreu o seu corpo todo, e as mãos, que o moço ainda tinha entre as suas, estavam muito mais quentes que o natural.

Helena

— Cuide em repousar, continuou Estácio; pode adoecer, e não tem direito para tanto; nossa afeição não o consentirá nunca. Vamos...

— Vocês me amarão sempre? Perguntou Helena.

— Oh! Sempre!

— Impossível! Há uma voz no fundo de seu coração, que lhe dirá, de quando em quando, esta triste palavra: aventureira!

— Helena!

— Não posso ser outra coisa a seus olhos, prosseguiu a moça, tristemente. Quem o convencerá de que a declaração de seu pai não foi obtida por artifício de minha mãe? Quem lhe dará a prova de que, cedendo aos pedidos de meu pai, não fiz mais do que executar um plano premeditado? São dúvidas que lhe hão de envenenar o sentimento e me tornar suspeita a seus olhos. Resista quem puder; é impossível para mim encarar semelhante futuro!

Helena caíra ofegante no banco. Estácio falou com abundância e ternura; jurou que sua família era incapaz da mínima suspeita; pediu por seu pai que não julgasse mal deles. Ela sorriu, mas foi um sorrir de incrédula.

Grossos pingos de chuva começavam a estalar nas árvores. Estácio pegou na mão de Helena para conduzi-la até sua casa. A moça fugiu dele, indo se colocar alguns passos adiante, onde a chuva lhe caía mais em cheio na cabeça nua e no corpo levemente coberto. Quando Estácio, desvairado de terror, correu para ela, Helena se afastou dele; mas nem seus pés o poderiam vencer nunca, nem lhe permitiam agora as forças quebradas por tantas e tão profundas emoções. Ele alcançou-a; estendeu o braço em volta da cintura da moça, dizendo:

— Que capricho é esse? Vamos embora; eu quero que venha comigo para dentro.

Ao sentir o braço de Estácio, Helena estremeceu e fez um movimento para tirá-lo de si; mas a fraqueza foi maior que o pudor. Ela viu no moço uns olhos de corça doente; as pernas fraquearam, e o corpo esmorecido iria a terra, se não lhe sustentassem as mãos de Estácio.

— Me deixe morrer! Murmurou ela.

— Não! Gritou o rapaz.

Com um gesto rápido, tomou nos braços, estendido, o corpo exausto de Helena, e caminhou na direção da casa. O vento flagelava-os; a chuva, que subitamente caía a jorros, **alagava-os** sem misericórdia; ele ia andando, o mais depressa que lhe permitia o peso de Helena, cuja cabeça pendia para a terra, e de cujos lábios brotavam trechos soltos de frases sem sentido.

D. Úrsula viu entrar aquele doloroso espetáculo; correu a receber Helena, que Estácio depositou em um sofá, donde foi transferida ao leito. A febre, já começada antes dela sair, tomara conta enfim da pobre moça. Um médico foi chamado às pressas; o Padre Melchior correu sob a chuva até à casa de Estácio. As primeiras horas foram de ansiedade e susto; o estado da doente era grave; assim disse o médico; assim tinham já sentido os corações amigos.

D. Úrsula pagou naquela ocasião os serviços que, em caso semelhante, lhe prestara Helena, mal grado o peso dos anos, que não lhe permitiam longas vigílias nem trabalho pesado. Velou a boa senhora à cabeceira da doente durante essa primeira noite de incerteza e terror. Mendonça, que ali fora sem suspeitar de nada, porque a doença que lhe disseram ter padecido Helena, ele supunha ser passageira, e em todo caso, estar quase extinta, Mendonça recebeu essa triste notícia com a morte no coração.

Durante sete dias o estado de Helena apresentou alternativas que lançavam na alma dos seus a confiança e o desespero. Houve algumas horas de delírio, durante o qual dois nomes voltavam **frequentemente** aos lábios da doente, — o de Estácio e o do pai. Nas horas de lucidez, falava pouco, não proferia nenhum nome, salvo o de Melchior que ela queria ver junto de si. O capelão obedecia docilmente. Ao pé dela, via-a com pena, mas sem desespero; primeiramente, porque ele aceitava sem murmúrio os decretos da vontade divina; depois, porque não sabia ao certo se, em tal situação, era a vida melhor do que a morte. Em todo caso, consolava-a.

No quarto dia chegou a família de Camargo, e, sabendo da doença de Helena, apressou-se a ir a Andaraí. Ao ver Eugênia, a moça sorriu tristemente, lampejo de inveja que para logo se apagou e morreu no coração.

Estácio mal ousava entrar no quarto da doente e não podia viver fora dela. Sua aflição era notória. Ele prometia a si mesmo todos os sacrifícios em troca da vida de Helena, via uma esperança no rosto do médico, e interrogava o coração da tia e do padre. Na noite do sétimo dia da cena do jardim, D. Úrsula, que ficara ao pé de Helena, mandou chamar às pressas o sobrinho e o Padre Melchior, que estavam na sala vizinha. Correram os dois. Helena tivera uma síncope, que D. Úrsula achou ser a morte. Voltando a si, a moça percebeu a sua sentença no rosto de todos três.

— Ainda não, murmurou ela; ainda não é a morte.

D. Úrsula chegou mais perto, beijou-a, disse-lhe algumas palavras de conforto.

— Deixe estar, respondeu ela, eu não vou morrer; estou só muito doente.

Estácio buscou animá-la, mas a voz morreu-lhe às primeiras expressões, e ele saiu. Melchior acompanhou-o.

— Uma coisa poderia talvez salvá-la, disse aflito o moço; era a presença do pai. Vou mandá-lo procurar por toda a parte. Temos de achá-lo; é preciso que o achemos.

Melchior aprovou a **ideia** do rapaz; e não lhe disse que o remédio viria talvez tarde, se viesse. Estácio ordenou as coisas para a manhã seguinte. Voltaram ao quarto da doente. Esta fechou os olhos, como se dormisse. Houve então entre aquelas quatro paredes meia hora de silêncio, interrompido apenas, de vez em quando, pelos movimentos que a doente fazia, como se quisesse mudar de posição. No fim desse tempo, abriu os olhos e murmurou algumas palavras. Chegou o médico, viu-a e desenganou a família.

Enquanto Melchior dava as ordens precisas para que Helena tivesse os socorros espirituais, Estácio saiu dali, para ir, longe, desabafar o desespero; desceu até a chácara, vagou por ela delirante, soluçando como uma criança, ora abraçado a uma árvore, ora ajoelhado e pedindo a Deus pela vida de Helena. O coração do moço não conhecia o fervor religioso; mas a imagem da morte deu a ele o que a vida lhe levava, e ele rezou, rezou sozinho, sem hipocrisia nem dúvida. Mendonça veio achá-lo nessa última luta entre a realidade e a esperança. Não o consolou;

não tinha consolações para distribuir, porque também a dor lhe devastara o coração. Nos braços um do outro, choraram o mesmo bem que estava indo embora.

Um escravo veio chamar Estácio às pressas; ele subiu cambaleante a escada, atravessou as salas, entrou desvairado no quarto, e foi cair de joelhos, quase de bruços, junto ao leito de Helena. Os olhos desta, já volvidos para a eternidade, deitaram um derradeiro olhar para a terra, e foi Estácio que o recebeu, — olhar de amor, de saudade e de promessa. A mão pálida e transparente da doente procurou a cabeça do rapaz; ele inclinou-a sobre a beira do leito, escondendo as lágrimas e não se atrevendo a encarar o último instante. Adeus! — suspirou a alma de Helena, rompendo o invólucro gentil. Morreu.

A noite foi cruel para todos. D. Úrsula, profundamente abatida pela dor e pelas noites de sono, não consentiu, ainda assim, que outras mãos vestissem a mortalha em Helena; ela mesma lhe prestou esse derradeiro e triste favor. A morte não diminuía a beleza da donzela; pelo contrário, o reflexo da eternidade parecia dar-lhe um encanto misterioso e novo. Estácio contemplou-a com os olhos cansados, o padre com os seus cheios de lágrimas. Melchior suportara a dor até ao momento da definitiva separação; agora, que a moça se ia de vez, deixou-se abater enfim, ao pé daqueles pálidos restos, últimos restos de generosas ilusões.

No dia seguinte, prestes a sair o enterro, as senhoras deram à donzela morta as últimas despedidas. D. Úrsula foi a primeira que lhe prestou esse dever; seguiu-se Eugênia e seguiram as outras. Estácio viu-as subir, uma a uma, o sobrado em que repousava a defunta. Depois, quando ia fechar-se o caixão, caminhou lentamente para ele; subiu o sobrado, e pela última vez contemplou aquele rosto, — há pouco repleto de vida, — e a coroa de saudades que lhe cingia a cabeça, em vez de outra, que ele tinha direito de colocar nela. Enfim, inclinou-se também, e a fronte do cadáver recebeu o primeiro beijo de amor.

Fecharam o caixão; ao moço pareceu que o fechavam a ele próprio. Saindo o enterro, Estácio se deixou cair numa cadeira,

sem pensar nada, sem sentir nada. Pouco a pouco, a casa ficou vazia; os amigos saíram; um só de tantos ainda ficou, lastimando consigo a noiva, tão cedo prometida e tão cedo roubada. Esse mesmo saiu, enfim, não ficando mais do que a família, cujo pai espiritual era Melchior.

Sozinho com Estácio, o capelão contemplou-o longo tempo; depois, levantou os olhos para o retrato do conselheiro, sorriu tristemente, voltou-se para o moço, levantou-o e abraçou-o com ternura.

— Ânimo, meu filho! Disse ele.

— Perdi tudo, padre-mestre! Gemeu Estácio.

Ao mesmo tempo, na casa do Rio Comprido, a noiva de Estácio abatida com a morte de Helena e atordoada com a cerimônia fúnebre, recolhia-se tristemente ao quarto de dormir, e recebia à porta o terceiro beijo do pai.

## Machado de Assis



## O autor

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839, falecendo na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Foi romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e teatrólogo.

Por ser mulato e pobre, filho de operário, Machado de Assis não pode frequentar uma instituição de ensino, embora tenha estudado mesmo longe da escola. Aos quinze anos, publicou uma obra literária pela primeira vez, no *Periódico dos pobres*, de 3 de outubro de 1854. Dois anos depois, começou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional, onde teve contato com textos e autores variados. Foi jornalista e revisor em vários jornais e revistas da época.

Seu primeiro livro foi uma tradução, ao qual seguiu seu primeiro livro de poesias: *Crisálidas*, de 1864. O primeiro romance veio em 1872, *Ressurreição*, seguido de *A mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro considerado pelos críticos como divisor de águas da obra machadiana. Ingressou pelos contos com *Papéis avulsos*, *Contos fluminenses* e *Relíquias da Casa Velha*.

No teatro, publicou várias peças, dentre as quais *Desencantos* e *Quase ministro*. Como crítico literário, comentou textos de autores nacionais e estrangeiros nos jornais em que colaborou, sendo inclusive um dos precursores dessa atividade no Brasil. Na crônica, destacam-se as obras *Bons dias!* e *Crônicas de Lélío* (esta publicada após a morte do autor).

Ocupou a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi patrono-fundador.



## Características da obra de Machado de Assis

Machado de Assis é seguramente **um dos maiores escritores da Língua Portuguesa** de todos os tempos. Cultivando os vários gêneros literários, como poesia, prosa e teatro, seus textos são considerados verdadeiros **documentos humanos** e de **paisagens sociais** do final do século XIX e início do século XX.

A importância do autor é mais evidenciada nos estudos relacionados a sua **prosa**, sendo seus **romances** as obras mais destacadas pelos estudiosos da literatura.

Sua prosa costuma ser dividida em **duas fases**: uma fase romântica e uma fase realista, sendo esta última considerada a de grande expressão para a Literatura brasileira.



O escritor francês Honoré du Balzac, que teve grande influência na literatura realista mundial.

Em todas as suas obras podem ser percebidas características que marcaram a prosa machadiana, como: o **diálogo com o leitor**; a **referência a autores e obras literárias e filosóficas** de outros tempos (Pascal, Montaigne e Shopenheuer); a **descrição psicológica** dos personagens; a divisão da obra em **capítulos curtos; frases breves**.

Suas temáticas giram em torno de conflitos em eventos cotidianos da vida burguesa, que o autor usa para analisar, à sua maneira, o próprio **caráter humano**. Assim, comumente observamos mulheres e homens desiludidos por amor não cor-

respondido; **casamentos** realizados **por interesse** (nem sempre em dinheiro); o **ciúme**; a **traição**.

Os  **fatos históricos** também estão presentes nas obras de Machado: nelas, há referência à Guerra do Paraguai (no conto Um Capitão de Voluntários, do livro *Relíquias da Casa Velha*); à declaração da maioridade de D. Pedro II, para que pudesse assumir o trono do Brasil Império (em *Dom Casmurro*); à escravidão e aos momentos logo **subsequentes** à libertação dos escravos; à monarquia e às batalhas políticas na transição para a República.



Muitos fatos históricos foram retratados na obra machadiana, entre eles a Guerra do Paraguai, retratada acima no quadro de Pedro Américo, *Batalha do Avaí*.

O **panorama político** é uma temática bastante presente nas obras machadianas. Em seus livros, há grande número de alusões à monarquia e à república. Exemplo disso podemos encontrar na obra *Esaú e Jacó*, na qual dois irmãos, que professam ideologia política diferente (um republicano, o outro monarquista), disputam o amor da mesma mulher.

Machado também se caracteriza por veicular, em suas obras, **ideias** filosóficas, sendo bastante conhecida sua filosofia *humanitista*, elaborada pelo personagem Quincas Borba.

O pensamento humanista afirma que há uma tendência do homem sempre lutar pela sua sobrevivência ou mesmo para sua escalada social, mesmo que isso prejudique a outrem. Essa filosofia está resumida na célebre frase “Ao vencedor, as batatas”, que o personagem diz após refletir sobre um episódio a seguir:

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Pode-se perceber, no trecho acima, uma relação com as **teorias naturalistas**, a lei da seleção natural, na qual os mais capazes de adaptarem-se ao ambiente têm mais chances de sobreviver.

O **pessimismo** das obras de Machado de Assis é também bastante conhecido e registrado pela crítica literária. Esse pessimismo se caracteriza principalmente pela predeterminação do homem a ser infeliz, ou seja, todo ser humano teria por destino a infelicidade. O clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta de maneira bem evidente essa característica logo na dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”. Em vez de homenagear alguém, ele dedica a obra a um verme, colocando-o acima do ser humano. No final, outra clássica demonstração de pessimismo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

Helena



Machado de Assis descreveu com grande sagacidade o estilo de vida, os modos e os elementos que constituíam o comportamento social do homem em sua época. Alguns críticos chegam a considerar seus escritos verdadeiros testemunhos da sociedade de então.

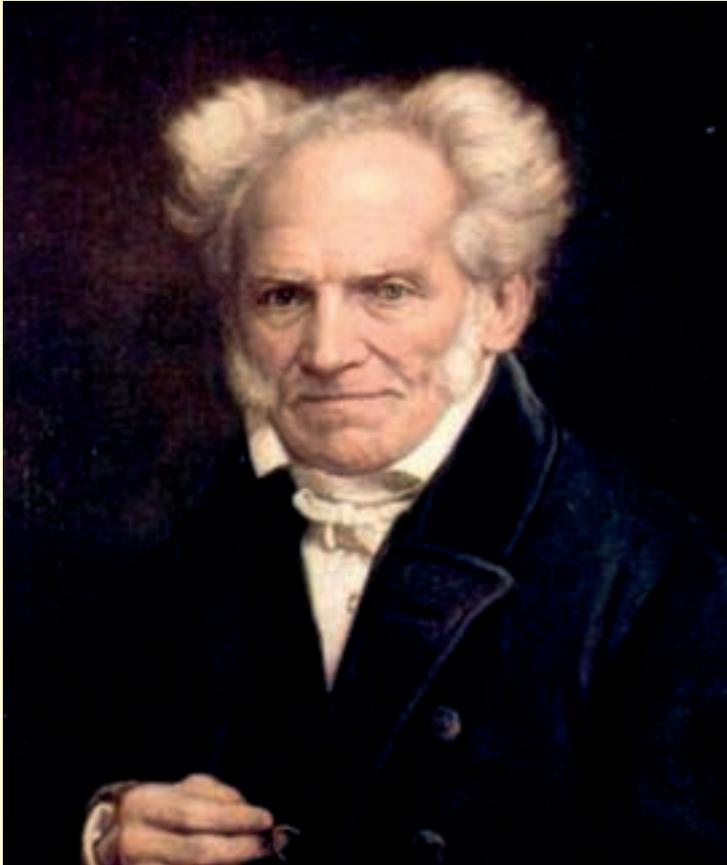
O tom pessimista de Machado é completado pela ironia e muitas vezes sarcasmo que sua obra apresenta. Na própria obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a ironia começa já no fato do autor ser um narrador-defunto, o que o liberaria para contar mais abertamente sua história, sem se preocupar em ferir pessoas.

Ainda nessa obra, a constatação do amor de Marcela pelo narrador (ou pelo que ele poderia oferecer-lhe) é também carregada de tom irônico: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”. Já em *Quincas Borba* e *O alienista*, o autor ironiza a filosofia positivista e o cientificismo, carregando de termos científicos e sugerindo a incapacidade de compreensão da realidade apenas pelo foco da ciência.

No conto *A cartomante*, o autor tece ironicamente uma crítica ao misticismo, quando narra a previsão de futuro não realizada por uma cartomante. Esse ceticismo será encontrado também em várias de suas obras.

## **Machado, pai do Realismo brasileiro**

O **Realismo** é um movimento literário que surge no **século XIX**, juntamente com o Parnasianismo e o Naturalismo. Esse movimento se caracterizou por buscar retratar a sociedade de maneira **objetiva**, mergulhando na análise da **psicologia humana**, contrariando o Romantismo, que supervalorizava o sentimento.



Arthur Schopenhauer. A filosofia pessimista do pensador alemão influenciou a prosa machadiana.

No Brasil, esse movimento teve início com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do nosso ilustre Machado de Assis, que acabou sendo a figura central do realismo brasileiro.

Machado imprimiu com sua obra quase todas as características desse movimento no Brasil: **análise psicológica** dos personagens; abordagem de temas relacionados à **sociedade** da época; ambientação urbana; narração permeada de **fatos cotidianos**; narrativa **não linear** e recheada por pitadas de **humor** e **pessimismo** resumem bem o que foi o Realismo no Brasil.



*As catadoras*, de Jean-François Millet. O Realismo se manifestou também em outras artes, como na pintura acima, que retrata trabalhadores em uma cena rural.

## **Contexto histórico em que a obra foi produzida**

O contexto histórico no qual a obra de Machado de Assis foi produzida é profundamente marcado por transformações político-culturais e no pensamento humano.

No Brasil, vivia-se um panorama caracterizado pela passagem do regime monárquico para o republicano, que ocasionou os seguintes fatos:

- O Brasil tinha se tornado independente de Portugal havia pouco tempo, o que interferiu no modo de ver as relações entre os portugueses e os brasileiros;



Cerimônia de coroação de D. Pedro II. A maioria do imperador do Brasil, considerado por muitos um grande líder, foi antecipada para que ele pudesse assumir o trono imperial do País. D. Pedro II foi coroado imperador do Brasil aos quinze anos de idade.

- Abolição da escravatura, que gerou uma mudança nos papéis sociais de donos de terra e trabalhadores rurais, mas não mudou, de imediato, a mentalidade desses atores sociais. Machado se serviu disso para abordar ironicamente as relações interpessoais nesse período.

- Proclamação da República, que intensificou o debate acerca dos ideais políticos liberais e conservadores e republicanos e monarquistas.

- Revoltas civis e campanhas militares, como a Guerra do Paraguai, a Guerra de Canudos.

- O Encilhamento, que foi uma crise financeira da época, registrado em *Esaú e Jacó*.

- Fortalecimento dos ideais positivistas e cientificistas.

Helena

## **A obra**

### **Helena**

*Helena* foi o terceiro romance a ser produzido por Machado de Assis, e sua publicação foi no ano de 1876. O autor era um profundo conhecedor de sua época e, facilmente, percebem-se em seus textos diversos elementos que reconstróem os contextos que marcavam as sociedades da época. Suas obras são verdadeiros estudos da dinâmica social e, para entendê-las, é necessário que se compreendam os contextos históricos.

A segunda metade do século XIX foi, na verdade, o momento de produção literária de Machado de Assis. Ainda que no início do século XX o autor tenha produzido alguns textos, foi mesmo entre os anos de 1854 e o final do século que ele mais produziu. E, como testemunha ocular de modificações profundas na organização social do mundo e do Brasil, Machado de Assis estruturou suas obras de forma que elas tecessem verdadeiras leituras de sua época.

A segunda metade do século XIX foi marcada por três eventos que modificaram fortemente as estruturas social, política e econômica da sociedade brasileira. A Guerra do Paraguai, conflito armado que se estendeu de 1864 a 1870, foi um dos grandes eventos bélicos da América do Sul, mobilizando tropas de diversos países e influenciando a economia de todos; a abolição da escravidão no Brasil, no ano de 1888, que extinguiu o tráfico negreiro; e a Proclamação da República em 1889 foram eventos vivenciados pelo autor.

Todos esses movimentos sociais, sendo guerra ou modificação na estrutura política do país, são fortes o suficiente para marcar uma mente crítica de sua época. Assim era com Machado de Assis. A dinâmica social sempre foi um elemento fundamental diante de sua escrita.

*Helena* foi um romance que filtrou diversos elementos das modificações sociais da época de Machado de Assis. A dinâmica da sociedade burguesa e seus valores efêmeros são a principal tônica do Romance. De forma mais ampla, pode-se dizer que há na obra uma inquieta análise da subjetividade humana quando

uma impressão sobre alguém é construída e é rapidamente destruída após revelações fatídicas. Assim, investigar o caráter das pessoas é um traço presente na obra de Machado de Assis.

### **Contribuições de outros autores contemporâneos**

Quando se trata de Machado de Assis, é muito difícil apontar outro escritor que tenha tamanha relevância. No entanto, é justiça reconhecer — se não na grandeza e na habilidade em construir textos, pelo menos na contribuição cultural para a época — outros autores que embelezaram também a Literatura brasileira. Como Machado de Assis viveu até os primeiros anos da primeira metade do século XX, acompanhou também o surgimento do pensamento moderno na Literatura brasileira e foi **plateia** e influência de toda uma geração que estruturaria o Modernismo brasileiro.

Euclides da Cunha, autor mais conhecido pela publicação de *Os Sertões* (1902) — obra de caráter documental, mas que extrapola a linguagem jornalística para uma descrição marcada pela subjetividade poética —, foi um dos autores que assistiram à morte de Machado de Assis. Desse evento, ele publicou um comentário sobre esse dia, em tom elogioso e descritivo. Nesse texto, ele aponta a presença de outros nomes da Literatura brasileira:

“(…)

Desapontamento. Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia e Rodrigo Octavio, comentários divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento. De um modo geral, não se compreendia que uma vida que tanto viveu as outras vidas, **assimilando-as** através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses riosas — que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só devera extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional”.

Helena

Graça Aranha, autor de *Canaã* (1902), foi um escritor que viveu entre os anos de 1868 e 1931. Assim com Machado de Assis, ele foi testemunha das modificações sociais pelas quais o mundo passava em sua época. No entanto, diferentemente da estética escolhida por Machado de Assis, enveredou pela produção de um romance descritivo dos movimentos migratórios para o Brasil da virada do século. Em seu principal romance, Graça Aranha faz uma verdadeira reflexão política no que diz respeito a todos os temas que atravessam a realidade do imigrante no Brasil.

Outro autor de importância relevante é José Veríssimo. Ele foi o principal idealizador da Academia Brasileira de Letras e também profundo defensor da obra de Machado de Assis. Como educador, escritor e jornalista, foi uma grande influência no contexto cultural brasileiro da segunda metade do século XIX.

Além dele, Raimundo Correia foi um autor que mereceu destaque em sua época e foi forte influência para autores como Olavo Bilac, a partir da publicação de obras como *Primeiros Sonhos* (1879).

Sem dúvida, à sombra de Machado de Assis, outros autores encontram espaço e notoriedade. Isso não é, de forma alguma, exagero, visto que, em sua época, o nome Machado de Assis é a maior tônica.

## **Resumo da obra**

A obra *Helena* começa com a informação da morte do conselheiro Vale, pai de Estácio e irmão de D. Úrsula. Na ocasião da morte, Dr. Camargo, amigo antigo do conselheiro, visitou a casa e anunciou que o testamento deveria ser lido. Esse seria o documento que provocaria a mudança da rotina e do próprio destino que a família teria.

Além de alguns bens repartidos entre o filho e a irmã do conselheiro, havia a citação de uma filha, chamada Helena, do conselheiro Vale e até então desconhecida de todos. Ela, segundo a vontade do finado, deveria ser acolhida e passaria a pertencer à família com todos os direitos que lhe cabiam a partir daquele momento. A notícia foi recebida com espanto por todos; D. Úrsula logo rejeitou a **ideia**, mas Estácio interessou-se em fazer válida a vontade do pai.

Ao chegar a casa, Helena empenhou-se em ganhar a confiança de todos. Ela era prendada nas coisas da casa, recebia bem as visitas, montava a cavalo, fazia tudo o que fosse preciso para ganhar o respeito e o carinho de todos. Mas, foi apenas diante de uma enfermidade de D. Úrsula que ela realmente conquistou o afeto da irmã do conselheiro, que sempre a olhava com indignação ou indiferença.

Em um dos passeios a cavalo, Helena e o irmão chegaram em frente a uma casa velha, com uma bandeira azul, que muito chamou a atenção de Helena, mas surtiu pouco efeito em Estácio. Aquela casa seria retratada em um desenho que Estácio ganharia como presente de aniversário de Helena. Ao receber o presente, percebeu que no desenho havia toda a alma de Helena.

Certo dia, a casa recebe a visita de um amigo muito antigo de Estácio. Mendonça chegou à casa de visita e logo ganhou a atenção de todos. Em um momento em que Estácio precisou viajar, pediu a Mendonça que o representasse em tudo o que fosse necessário junto à família.

Com Estácio ainda em viagem, Mendonça enviou uma carta a ele informando que havia se apaixonado por Helena e que tinha lhe falado em casamento. Estaria esperando apenas a volta do amigo para receber as felicitações. Ao chegar, Mendonça recebeu apenas a frieza como resposta do amigo, no entanto cedeu à questão por orientação do padre Melchior, grande amigo da família e uma pessoa muito respeitável.

Um dia, Estácio resolveu sair para caçar bem cedo. Em sua distração, viu que Helena, acompanhada de um escravo, entrou e saiu da casa que estava retratada no desenho que havia ganhado em seu aniversário. Curioso para saber o que ela havia feito ali, inventou uma desculpa e se aproximou da casa, sendo recebido por um sujeito alto, forte, apessoado, mas com aparência humilde de cansada.

O homem que atendeu Estácio era Salvador. Salvador contou sua história de pobreza até ali e toda sua má sorte. Compadecido, Estácio ofereceu sua ajuda assim que ele precisasse. Estácio se despediu de Salvador e foi em direção à sua casa.

Ao chegar, confrontou Helena acerca do sentido daquela casa. Ao se sentir pressionada, Helena saiu de sua presença

Helena

e ele ficou certo de que havia algo de despudorado entre ela e Salvador, mas nada do que ele pensava havia sido dito por Helena. Eram apenas suposições.

Estácio criou uma grande confusão acerca da situação. Tentando amenizar a dissolução, o padre Melchior chama Estácio para uma conversa e diz a ele que, na verdade, o que Estácio sente por Helena é amor. Ele estaria apaixonado pela própria irmã.

Quando a verdade acerca da relação entre Helena e Salvador se apresenta, descobre-se que ela era filha dele e que tinha aceitado a condição de se aproximar da família por causa do afeto que o conselheiro sentia por ela e por insistência de Salvador, que muito queria o bem da filha.

Sem saber o que fazer, Estácio entende que o melhor é não lutar contra a imagem que já tinha construído para a sociedade de que Helena era a filha do conselheiro. Apaixonado por ela, entende que o casamento entre ela e Mendonça deveria acontecer e seu amor pela menina seria suprimido. O casamento não acontece e Helena adoece, vindo a morrer.

Com ela em seus braços, Estácio dá-lhe um beijo apaixonado no cadáver de Helena e ali, com ela, morreria seu amor.

### **Análise Temática**

Durante os primeiros momentos de produção de romances, Machado de Assis ainda está fortemente ligado ao modo de pensar que os românticos tinham. Isso não quer dizer que os textos machadianos representavam em sua completude todo o idealismo romântico, mas havia neles a presença de traços que tentavam construir a subjetividade apresentada no Romantismo. Assim, não podemos dizer que obras como *A mão e a luva*, *Iaiá Garcia* e *Helena* sejam obras que anunciam a estética realista, que seria fortemente construída a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A temática central da obra *Helena* está voltada para a construção do ideal de amor que se apresenta como impossível. Aí se denuncia a estética romântica que acompanha todo o enredo. Mas é preciso afirmar que esse amor impossível não é tratado frivolamente ou, muito menos, apresentado de maneira gratuita.

Machado se debruça sobre a questão do amor impossível que passa a ser construído e controlado pela razão. Esse é um aspecto inovador na abordagem do amor. Estácio, como irmão afetuoso, desenvolve esse sentimento, mas não se sente perdido nele, visto que encontra no amor fraternal a maior expressão de sua afetuosidade.

Helena também lhe anuncia o mesmo amor fraternal, mas o ciúme e o cuidado excessivo acabam por delatar o sentimento de Estácio em relação à Helena, que foi desvendado pelo Padre Melchior. Ainda assim, o amor seria impossível, visto que o incesto não é, de maneira alguma nessa obra, anunciado como possibilidade de macular o seio familiar.

Esse sentimento continua negado e evitado a todo custo, até que a morte separa, por fim, Estácio e Helena. Aí reside a diferença da estética Romântica em relação ao que se era proposto por Machado de Assis. Diferentemente dos românticos, Machado não lança seus personagens à perdição dos sentimentos ou, muito menos, à explosão da subjetividade — todos eles são controlados pelo razão e pelo equilíbrio.

Diferentemente de obras como *Iaiá Garcia*, *Helena* não apresenta o dado histórico ou a profundidade do acervo cultural que se esperava. Trata-se de um texto que aborda a dinâmica da família e os elementos que lhe atravessam. Em outras palavras, é em *Helena* que Machado de Assis passa a analisar e estudar o comportamento e a reação que as pessoas poderiam ter em relação às outras.

Ao inserir na dinâmica de uma família, por ocasião da leitura de um testamento, uma pessoa nova e totalmente desconhecida até então, Machado verifica que sensações como a possibilidade de traição, o interesse pela riqueza, a valorização do material são elementos que podem alterar o ponto de vista que uma pessoa pode ter em relação à outra. O conselheiro Vale, tão respeitado, teria sua honra manchada pela presença dessa filha nova e oculta até então? O filho deveria ser obediente à vontade testamentária do pai? A irmã deveria aceitar aquilo que até agora não era reconhecido como sangue?

Sua análise passa a ser mais profunda quando a idoneidade de Helena passa também a ser questionada. Isso levaria o leitor a indagar se toda a impressão acerca de Helena deveria ser des-

Helena

construída devido ao fato de ela não ser filha legítima do conselheiro, mesmo tendo conquistado todos até então. Machado consegue, através desses cenários, analisar o comportamento da sociedade de sua época.

### **Análise Crítica**

Os textos de Machado de Assis são marcados pela proposição de elementos que comumente desconstroem o que se tem feito até então. Em outras palavras, é um texto que não busca amadurecimento após publicação, mas que amadurece para ser publicado. O que se quer dizer é que seus textos, além de representar a estética literária vigente, analisam a própria estética, propõem elementos novos, desconstroem os antigos, apresentam críticas sociais ao mesmo tempo que são carregados de subjetividade e poeticidade prosaica.

Em *Helena*, isso não é diferente. É verdade que Machado de Assis ainda não tinha encontrado toda a força do Realismo ou o cenário literário ideal para ampliar a esfera de suas observações sobre a dinâmica da sociedade de sua época. Mas, em *Helena*, ao passo que elementos literários cristalizados se afirmam, outros já apontam para uma nova forma de expressar a literatura.

O enredo é estruturado de forma linear, mesmo que se apresente uma proposta de *flashback*. Esse seria um artifício utilizado pela prosa de retorno ao passado para o desenvolvimento de novos núcleos de sustentação do enredo principal. Em outras palavras, o *flashback* busca criar contextos suficientes para que a lógica do enredo seja coerente.

Em *Helena*, não se trata realmente de um flash back. Quando o narrador passa a explicar o passado, ele não cria um novo núcleo de narrativa. Esse passado é contado a partir do presente. Não existe, assim, uma transposição de tempo. Isso ele só passaria a conseguir em obras mais apuradas na estética realista.

O narrador é sempre em terceira pessoa e onisciente. Em outras palavras, o narrador é o conhecedor pleno de todos os

elementos que estruturam sua narrativa. A seguir, há destaque para um trecho em que fica explícita a tipologia do narrador:

“Camargo não respondeu logo; olhou para o papel, como se quisesse adivinhar o conteúdo. O silêncio foi muito demorado para não causar impressão no moço, que aliás nada disse, porque acreditava que era efeito da comoção natural do amigo em tão dolorosa situação.”

No fragmento de texto, percebe-se que o narrador sabe das circunstâncias e também dos pensamentos que têm as personagens. Um narrador onisciente é assim: ele tem controle sobre toda informação em sua narração. Algo interessante, e comum à narrativa de Machado de Assis, é a emissão de juízo de valor por parte do narrador:

“Camargo era pouco simpático de primeira vista. Tinha as expressões duras e frias, os olhos analisadores e espertos, de uma esperteza incômoda para quem olhava para eles, o que o não fazia atraente. Falava pouco e seco. Seus sentimentos não transpareciam. Tinha todos os visíveis sinais de um grande egoísta(…)”

Ao descrever as personagens, o narrador das obras de Machado de Assis sempre emite um juízo de valor sobre elas. A descrição depreciativa no fragmento de texto escolhido em nada fortalece o espírito romântico dos textos da época, mas já anunciam um cenário que seria garimpado profundamente pelo Realismo, e muito mais em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Em *Helena*, é comum se perceber que a ironia, recurso muito utilizado pelo autor em suas obras, começa a se tornar algo **frequente** e assume condição de ferramenta depreciativa da sociedade. É como se o autor fizesse uso desse recurso para chamar a atenção do leitor em relação ao caráter duvidoso das pessoas. Observe o fragmento da descrição de uma cena:

“A gaveta estava fechada; Estácio deu a chave ao médico; este abriu o móvel sem nenhuma comoção exterior. Interiormente estava abalado. O que se lhe podia notar nos olhos era uma viva curiosidade, expressão em que, aliás, nenhum dos outros reparou. Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril. Quando achou o testamento, houve em seus olhos um breve lampejo, a que sucedeu a serenidade habitual.”

Dr. Camargo era amigo da família. Na sala estavam D. Úrsula e Estácio. Os dois estavam marcados pela dor da perda do conselheiro Vale. O normal seria o médico mostrar os mesmos sentimentos de sofrimento, mas, no lugar disso, mostra certo interesse material diante da procura de um testamento. Na expressão “viva curiosidade” está presente a descrição sutil do caráter do médico, que será desenvolvido ao longo da narrativa.

Outro aspecto levado em consideração sobre a ironia machadiana é o ataque sutil aos bons costumes burgueses. E, nessa obra, pode-se dizer de fato que esse ataque é sutil. Isso porque só vem a se tornar realmente uma marca distinta da prosa de Machado de Assis em obras posteriores, por exemplo. Podemos observar isso no fragmento a seguir:

“Recebê-la, porém, no seio da família e de seus afetos, legitimá-la aos olhos da sociedade, como ela estava aos da lei, D. Úrsula não compreendia, nem lhe parecia que alguém pudesse entendê-lo. A aspereza destes sentimentos tornou-se ainda maior quando lhe ocorreu a origem possível de Helena. Nada sabia da mãe, além do nome; mas essa mulher quem era? em que atalho sombrio da vida o conselheiro havia encontrado essa moça? Helena seria filha de um encontro passageiro, ou nasceria de algum afeto desaprovado embora, mas verdadeiro e único? A estas interrogações não podia responder D. Úrsula; bastava, porém, que lhe surgissem no espírito, para lançar nele o tédio e a irritação.”

A condição da sociedade burguesa era a de manter as aparências. Isso pode ser facilmente notado na preocupação de D. Úrsula tinha em relação à chegada de Helena à casa. O que poderia suscitar essa chegada era mais importante do que o acolhimento ou do que o realizar da vontade do conselheiro Vale em seu testamento.

As obras de Machado de Assis apresentam também um aspecto interessante em relação à construção das personagens. De forma geral, as personagens em um romance podem ser caracterizadas quanto à importância do papel que desempenham e quanto à representação desse papel. Quanto ao papel, podem ser principais ou secundárias — dividindo-se em protagonista, antagonista, secundário — e, quanto à representação dele, podem ser planas ou redondas. Se forem planas, não apresentam desenvolvimento ou alteração de postura psicológica ao longo da narrativa. Se forem redondas, apresentam modificação de caráter ao longo da história.

Em *Helena*, os personagens não são muitos, mas apresentam a continuidade, ao mesmo tempo que apresentam a descontinuidade de suas condições tipológicas. Em outras palavras, uma personagem que parecia ser principal assume roupagem secundária ao longo do texto, e essa condição pode ser retomada se necessário for para a estruturação da obra. Não são muitas personagens, mas já se encontra certa densidade na construção de cada uma.

Os personagens principais são aqueles que fazem parte do núcleo da narrativa e que são importantes para que a história encontre sustentação e verossimilhança. Helena é a personagem que dá nome à obra e que apresenta-se como elemento novo. Em relação a ela, o autor constrói uma boa impressão, para depois desconstruí-la colocando-a como refém de um segredo que poderia mudar sua sorte. Estácio é o personagem que apresenta mesma força que Helena. É representado como uma pessoa equilibrada, coerente, cheia das virtudes que estruturam um homem de sua época. No entanto, nutre um sentimento sem nome que eclodiria em uma paixão pela suposta irmã. Ele tem grande amizade por Mendonça, mas, devido à aproximação

Helena

dele com sua irmã, a amizade passa a ser deixada de lado. Isso mostra a complexidade da estruturação dos personagens. Com isso, Machado de Assis estabelece uma verdadeira análise do comportamento social e dá à Literatura outra roupagem, deferentemente do Romantismo, que construía cenário de idealização para o desenvolvimento dos enredos.

Além dessas personagens, podemos contar ainda com D. Úrsula, irmã do conselheiro Vale e tia de Estácio, e Padre Melchior, amigo da família e confidente em horas de desequilíbrio. Ainda que o ataque de Machado de Assis à religião não seja evidente, a construção desse personagem aponta para um padre cheio de fé nos desígnios de Deus, mas que é **frequentemente** atacado pela dinâmica social que mostra resultados diferentes de sua fé. Mendonça é o amigo de Estácio e apaixonado por Helena. Salvador é o pai de Helena, que é revelado apenas ao final do romance. Esses são os personagens que movem o núcleo da narrativa.